



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

ADULAI BALDÉ

***MEMÓRIAS SOMÂNTICAS DE ABDULAI SILA: LITERATURA,
TRADIÇÃO ORAL E IDENTIDADE EM GUINÉ-BISSAU.***

Salvador
2023

ADULAI BALDÉ

***MEMÓRIAS SOMÂNTICAS DE ABDULAI SILA: LITERATURA,
TRADIÇÃO ORAL E IDENTIDADE EM GUINÉ-BISSAU.***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras, com área de concentração em Teoria e Crítica da Literatura e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Freitas.

Salvador
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Baldé, Adulai

MEMÓRIAS SOMÂNTICAS DE ABDULAI SILA: LITERATURA,
TRADIÇÃO ORAL E IDENTIDADE EM GUINÉ-BISSAU. / Adulai
Baldé. -- Salvador, 2023.
178 f.

Orientador: Jose Henrique Freitas Santos.
Tese (Doutorado - Literatura e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal
da Bahia, 2023.

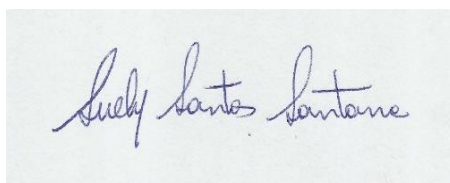
1. Literatura da Guiné-Bissau. 2. Memória e
identidade . 3. Emancipação Feminina na luta pela
Independência na Guiné-Bissau. 4. Memórias Somânticas .
5. Abdulai Sila. I. Henrique Freitas Santos, Jose.
II. Título.



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA (PPGLITCULT), realizada em 18/08/2023 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM LITERATURA E CULTURA no. 6, área de concentração Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, do(a) candidato(a) ADULAI BALDÉ, de matrícula 218122652, intitulada MEMÓRIAS SOMÂNTICAS DE ABDULAI SILA: LITERATURA, TRADIÇÃO ORAL E IDENTIDADE EM GUINÉ-BISSAU. Às 13:00 do citado dia, Plataforma Zoom, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. JOSE HENRIQUE DE FREITAS SANTOS que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. ALVANITA ALMEIDA SANTOS, Prof. Dr. JESIEL FERREIRA DE OLIVEIRA FILHO, Profª. Dra. ANA RITA SANTIAGO DA SILVA e Profª. Dra. SUELY SANTOS SANTANA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.


Dra. ANA RITA SANTIAGO DA SILVA, UFRB

Examinadora Externa à Instituição



Dra. SUELY SANTOS SANTANA, UNEB

Examinadora Externa à Instituição


Dr. JESIEL FERREIRA DE OLIVEIRA FILHO, UFBA

Examinador Externo ao Programa


Dra. ALVANITA ALMEIDA SANTOS, UFBA

Examinadora Interna


Dr. JOSE HENRIQUE DE FREITAS SANTOS, UFBA

Presidente



FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 6

Autor(a): ADULAI BALDÉ

Título: MEMÓRIAS SOMÂNTICAS DE ABDULAI SILA: LITERATURA, TRADIÇÃO ORAL E IDENTIDADE EM GUINÉ-BISSAU

Banca examinadora:

Prof(a). ANA RITA SANTIAGO DA SILVA	Examinadora Externa à Instituição
Prof(a). SUELY SANTOS SANTANA	Examinadora Externa à Instituição
Prof(a). JESIEL FERREIRA DE OLIVEIRA FILHO	Examinador Externo ao Programa
Prof(a). ALVANITA ALMEIDA SANTOS	Examinadora Interna
Prof(a). JOSE HENRIQUE DE FREITAS SANTOS	Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. INTRODUÇÃO
 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
 3. METODOLOGIA
 4. RESULTADOS OBTIDOS
 5. CONCLUSÕES
- COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). JOSE HENRIQUE DE FREITAS SANTOS

Orientador(a)



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA (PPGLITCULT)

A handwritten signature in black ink on a grey background, which appears to read "Adulai Baldé".

ADULAI BALDÉ

Doutorando(a)

Ao meu filho, Amir Salim da Silva Baldé.

Aos meus pais, Carlos Ladé Baldé e Cadijato Baldé, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Ondjaram Bá ba ê Né ne.

AGRADECIMENTO

O meu agradecimento vai para todas as pessoas que, de alguma forma, permitiram que esta tese se concretizasse.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Henrique de Freitas Santos, pela paciência e pela escuta atenta, pelos diálogos, pela indicação de referências, por acreditar na minha escrita, pelo incentivo e apoio constantes em prol do meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal.

Agradeço, da mesma maneira, à Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Maia Ribeiro pelo estímulo, companheirismo e acompanhamento da pesquisa nas discussões iniciais, indicação de leituras e orientação de escrita. Aqui deixo a minha gratidão. A senhora foi a peça-chave na construção desse projeto.

À Professora Dr.^a Denise Carrascosa, ao Professor Dr. Félix Ayoh'Omidire, Professor Dr. Jesiel Oliveira e a Professora Dr.^a Suely Santos Santana pelas contribuições intelectuais e considerações significativas no encaminhamento dessa pesquisa.

Aos meus pais, Carlos Ladé Baldé e Cadijato Baldé, pelo esforço, carinho, amor e pelas manifestações de orgulho da minha trajetória acadêmica.

À Professora Ivete Alves do Sacramento, pelo carinho, incentivo e confiança depositado em mim ao longo dos anos. Meu muito obrigado!

Ao escritor Abdulai Sila, pela confiança, carinho e parceria significativa ao longo dos anos. Principalmente as contribuições que me deu, para o enriquecimento desta tese, como também, para o meu desenvolvimento acadêmico e intelectual.

Aos meus irmãos, Inácio Ali Bacar Baldé, Ussumane Baldé, Aissatu Mariama Baldé, Malique Baldé, Ibraima Mafuge Djalo, Gessica Fatumata Baldé, Adulai Djau, Mussa Djau, Suleimane Djau, Alassana Dem, Carlos Sene Njai, Virgilio Sanca, Jailson Cá e todos os que contribuíram de forma direta ou indireta nesta caminhada. *Na gardisi bos tchiu*¹.

Ao Sheik Abdul Ahmad, líder religioso do Centro Cultural Islâmico da Bahia, e toda a comunidade muçulmana de Salvador pelo acolhimento e apoio durante todo esse processo de estadia no Estado da Bahia.

¹ Meu muito obrigado (tradução nossa).

À Universidade do Estado da Bahia - UNEB, por me dar a primeira oportunidade de me formar e de me tornar um homem mais atento às discussões globais.

À Universidade Federal da Bahia - UFBA, por todas as oportunidades que me foram dadas, tanto acadêmicas quanto profissionais, indispensáveis para a realização desse trabalho.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura - UFBA, os quais me possibilitaram novos olhares durante o meu estudo. Obrigado, mais uma vez, Denise, Fátima, Félix, Henrique e Jesiel.

Ao Professor Dr. Cláudio Alves Furtado, pela amizade, apoio e encorajamento durante todos esses anos de angústia e de sofrimento dentro da academia.

Ao Professor Dr. Augusto Cardoso, pela irmandade, parceria, estímulo e carinho desde que nos conhecemos. Meu muito obrigado, Guto.

Ao Professor Dr. Deolindo Nunes de Barros, pela amizade, parceria e estímulo nos estudos e debates sobre o continente africano.

Ao professor Dr. Ismael Tcham, pela amizade, carinho, acolhimento, e estímulo durante todo o percurso de mestrado até o doutorado.

Ao Professor Dr. Paulo Gomes, pela amizade e irmandade de sempre.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, pelas discussões e troca de ideias.

À Dra. Patrícia Godinho Gomes, agradeço a amizade e simpatia, sempre presente.

À Mestra Domingas da Silva, minha companheira, com amor, pelo permanente incentivo e preocupação com que sempre acompanhou esse meu trabalho. Agradeço ainda a paciência e o amor demonstrados nos meus momentos mais desafiadores.

Ao meu filho, Amir Salim da Silva Baldé, pelo apoio, conforto, companheirismo, leveza e amor que tem me dado desde que nasceu. Obrigado, papai!

Por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo fomento à pesquisa durante todos esses anos. Meu muito obrigado!

RESUMO

Esta tese promove uma análise das relações entre literatura, memória e tradição oral Bissau-guineense na obra literária *Memórias SOMânticas* (2016) do escritor Abdulai Sila, sob a perspectiva do diálogo entre as três vertentes, tendo em vista o passado colonial e os consequentes processos de subalternização/resistência das culturas locais. Neste sentido, este trabalho objetiva mostrar e discutir a Literatura Bissau-guineense a partir da obra *Memórias SOMânticas*, compreendendo-a como uma atividade de conhecimento do estudo da arte, tendo em conta a sua relevância para os estudos literários, culturais e, sobretudo, para o entendimento da identidade nacional na Guiné-Bissau e no contexto pós-colonial. Para isso, tratou-se de compreender as relações entre literatura e as identidades no campo da teoria pós-colonial, bem como as relações entre história literária e a cultura do país em estudo, como também a problematização das relações entre história e ficção no âmbito da literatura Bissau-guineense e a importância das marcas de oralidade nessa escrita. Também se efetivou uma abordagem sobre o conceito de *bantabá* na tradição guineense, destacando-se a relevância do gênero tanto para as letras quanto para a identidade nacional do país. O método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi analítico-descritivo e de cunho bibliográfico, considerando-se *Memórias SOMânticas* (2016) como objeto do estudo. Para tanto, o trabalho apresenta, como base de sustentação, a Teoria e Crítica Pós-Colonial a partir de Freitas (2016) e Queiroz (2011), sobre a questão da literatura e identidade; Evaristo (2016) e Chiziane (2013), sobre a literatura, memória e escrevivência; Hall (2003/2006), na revisão da teoria e crítica pós-coloniais; Mata (2014) e Hamilton (1999), sobre as considerações acerca da literatura dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa- PALOP, além das estudiosas do sistema literário Bissau-guineense, como Augel (2007) e Semedo (2020/2011). Como resultado, viu-se que o romance apresenta, de diferentes modos, entrecruzamentos entre a história e a ficção, denunciando os problemas sociais e políticos enfrentados pelos guineenses em vários momentos de sua história e de seu presente. Nessas denúncias, afirmam-se sentidos de resistência cultural e afirmação identitária.

Palavras-Chave: Literatura Bissau-guineense; Memórias SOMânticas; Identidade; Abdulai Sila; História e ficção; Oralidade.

ABSTRACT

This thesis promotes an analysis of the relationships between literature, memory and Bissau-Guinean oral tradition in the literary work *Memórias SOMânticas* (2016) by writer Abdulai Sila, from the perspective of dialogue between the three aspects, taking into account the colonial past and the consequent processes of subordination/resistance of local cultures. In this sense, this work aims to show and discuss Bissau-Guinean Literature based on the work *Memórias SOMânticas*, understanding it as an activity of knowledge in the study of art, taking into account its relevance for literary, cultural and, above all, studies. for understanding national identity in Guinea-Bissau and in the post-colonial context. To achieve this, it was about understanding the relationships between literature and identities in the field of post-colonial theory, as well as the relationships between literary history and the culture of the country under study, as well as problematizing the relationships between history and fiction within the scope of Bissau-Guinean literature and the importance of orality marks in this writing. An approach to the concept of *bantabá* in the Guinean tradition was also carried out, highlighting the relevance of the genre both for letters and for the country's national identity. The method chosen for the development of the research was analytical-descriptive and bibliographic in nature, considering *Memórias SOMânticas* (2016) as the object of the study. To this end, the work presents, as a basis of support, Post-Colonial Theory and Criticism from Freitas (2016) and Queiroz (2011), on the issue of literature and identity; Evaristo (2016) and Chiziane (2013), on literature, memory and writing; Hall (2003/2006), in the review of postcolonial theory and criticism; Mata (2014) and Hamilton (1999), on considerations about the literature of Portuguese-speaking African Countries - PALOP, in addition to scholars of the Bissau-Guinean literary system, such as Augel (2007) and Semedo (2020/2011). As a result, it was seen that the novel presents, in different ways, intersections between history and fiction, denouncing the social and political problems faced by Guineans at various moments in their history and present. In these complaints, senses of cultural resistance and identity affirmation are asserted.

Keywords: Bissau-Guinean Literature; Somantic Memories; Identity; Abdulai Sila; History and fiction; Orality.

RUSUMU

Na kapitulus des tarbadju, no purmuvi um analizi de tarbadjus di literatura, mimoria ku tradison oral na Guiné-Bissau na libru *Memórias SOMânticas* (2016) di scritur Abdulai Sila, na sintidu di tenta ntindi elis tudu di mindjor manera, sin diskisi di ki ku passa ku purtugisis, i utrus tentativas di disanu piquininu dentru di no tera, mas noka seta. Na e sintidu, e tarbadju, i tene suma objetivu mostra i papia di Literatura di Guiné-Bissau, a partir di libru *Memórias SOMânticas* na sintidu di intindil suma un brincadera di arte, si no djubi, si impurtancia pa studus di literaturas, kulturis i sobri tudu na intindimentu dino identidadi nacional dipus di independencia. Pa es, no tenta intindi ligasons entri literatura ku identidadi na campu di kusas ku istudadu dipus di colonus, suma tambu ligasons entri istória literária ku kultura di tera ku na studadu, suma tambu, purbulematiza ligasons entri istória ku imaginasons na literatura guineense ku importancia di markas di kusas ku no ta papia na es ku scribidu. No fasi tambu un analise de tarbadju di Sila, di manera ki no tenta ntindi mindjeris na literatura di no tera, suma tambu di tradison di bantaba na es mesmu kultura. Metudo ku no kudji pa e tarbadju, i di fasi analise ku skirbi i sin diskisi di libru *Memórias SOMânticas* (2016) suma ke ku no misti studa. Asin, e tarbadjo tene suma si basi Tioria e Crítica Pós-Colonial, pa keku Freitas (2016) i Queiroz (2011) sobri kiston di Literatura i identidadi; Evaristo (2016) ku Chiziane (2013) sobri Literatura, mimoria i escrevivencia; Hall (2003/2006) na revison di tioria i crítica pós-coloniais; Mata (2014) ku Hamilton (1999) sobri considerasons acerca di literatura di Países Africanus di Língua Oficial Português- PALOP, alem di djintis ku ta studa literatura di Guiné-Bissau, suma Augel (2007) ku Semedo (2020/2011). Suma risultadu, no odja kuma libru mostra, di diferentis mamas, ligasons entri istória ku ficson, i dinuncia purbulemas di dia a dia ku guineensis ten stada na nfrenta na manga di momentos di no storia ku presentu tambu. Na es dinuncias, i mostradu força resistencia di no kultura i dino identidadi.

Palabras-djabi: Literatura Bissau-guineensi; Mimorias SOMânticas; kiku ta djuntanu; Abdulai Sila; Storia i imaginason; Oralidadi.

RÉSUMÉ

Cette thèse promeut une analyse des relations entre littérature, mémoire et tradition orale bissau-guinéenne dans l'œuvre littéraire *Memórias SOMânticas* (2016) de l'écrivain Abdulai Sila, dans la perspective du dialogue entre les trois aspects, en tenant compte du passé colonial et de la processus conséquents de subordination/résistance des cultures locales. En ce sens, ce travail vise à montrer et discuter de la littérature bissau-guinéenne à partir de l'œuvre *Memórias SOMânticas*, en la comprenant comme une activité de connaissance dans l'étude de l'art, en tenant compte de sa pertinence pour les études littéraires, culturelles et, surtout. ... pour comprendre l'identité nationale en Guinée-Bissau et dans le contexte postcolonial. Pour y parvenir, il s'agissait de comprendre les relations entre littérature et identités dans le champ de la théorie postcoloniale, ainsi que les relations entre histoire littéraire et culture du pays étudié, ainsi que de problématiser les relations entre histoire et fiction. dans le cadre de la littérature bissau-guinéenne et l'importance des marques d'oralité dans cet écrit. Une approche du concept de bantabá dans la tradition guinéenne a également été réalisée, mettant en évidence la pertinence du genre tant pour les lettres que pour l'identité nationale du pays. La méthode choisie pour le développement de la recherche était de nature analytique-descriptive et bibliographique, en considérant *Memórias SOMânticas* (2016) comme objet de l'étude. À cette fin, l'ouvrage présente, comme base de soutien, la théorie et la critique postcoloniales de Freitas (2016) et Queiroz (2011), sur la question de la littérature et de l'identité; Evaristo (2016) et Chiziane (2013), sur la littérature, la mémoire et l'écriture; Hall (2003/2006), dans la revue de la théorie et de la critique postcoloniales; Mata (2014) et Hamilton (1999), sur des considérations sur la littérature des pays africains lusophones - PALOP, en plus des chercheurs du système littéraire bissau-guinéen, comme Augel (2007) et Semedo (2020/2011). En conséquence, il a été constaté que le roman présente, de différentes manières, des intersections entre histoire et fiction, dénonçant les problèmes sociaux et politiques auxquels les Guinéens sont confrontés à différents moments de leur histoire et de leur présent. Dans ces plaintes, des sentiments de résistance culturelle et d'affirmation identitaire s'affirment.

Mots-clés: Littérature bissau-guinéenne; Souvenirs Somantiques; Identité; Abdulai Sila; Histoire et fiction; L'oralité.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	10
2	ABDULAI SILA E SEU DIÁLOGO COM O CENÁRIO LITERÁRIO GUINEENSE E INTERNACIONAL.....	24
2.1	ABDULAI SILA NO CONTEXTO DA LITERATURA GUINEENSE E MUNDIAL.....	24
2.2	ABDULAI SILA E A MEMÓRIA NACIONAL.....	44
2.3	<i>MEMÓRIAS SOMÂNTICAS E AS LEMBRANÇAS DE MINDJERIS DI PANO PRETO.....</i>	<i>62</i>
3	BANTABA: O CORAÇÃO DA TRADIÇÃO ORAL E DA MEMÓRIA CULTURAL.....	84
3.2	A RESPONSABILIDADE SOCIAL DOS ANCIÕES NA TRADIÇÃO BISSAU-GUINEENSE.....	84
3.1	MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: CONSTRUINDO REFERÊNCIAS PARA O ENSINO DA LITERATURA NA GUINÉ-BISSAU.....	94
4	LITERATURA, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NACIONAL.....	98
4.1	IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE ABDULAI SILA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO PÓS-COLONIAL.....	98
4.2	LITERATURA E O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA PÓS-COLONIAL	111
5	OLHARES CONVERGENTES NA LITERATURA BISSAU-GUINEENSE.....	122
5.1	A RELAÇÃO DE PARENTESCO ENTRE ABDULAI SILA E IDY MBONH NA LITERATURA BISSAU-GUINEENSE.....	122
5.2	A RELAÇÃO ENTRE SILA E CABRAL EM BUSCA DA JUSTIÇA SOCIAL.....	133
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
	REFERÊNCIAS.....	144
	GLOSSÁRIO.....	154
	APÊNDICE A – QUESTIONAMENTOS PARA ABDULAI SILA....	156

1 APRESENTAÇÃO

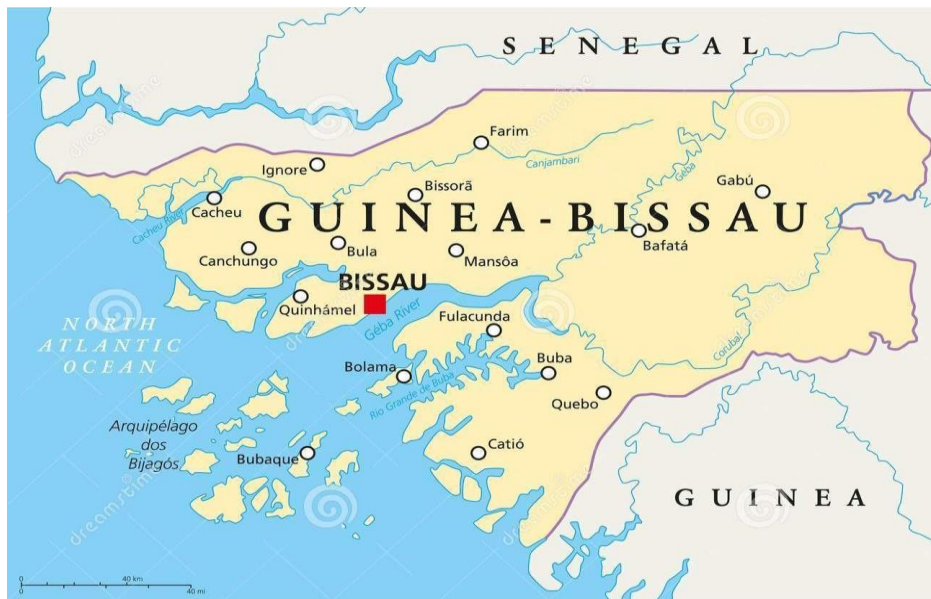
Guiné-Bissau é um país localizado na Costa Ocidental da África com um território de 36.125 mil km² e dois milhões e sessenta e quatro mil e novecentos e quarenta habitantes. Possui fronteiras terrestres com a República de Senegal ao sul e com a Guiné-Conacri ao norte e ao leste. Já a sua fronteira marítima é com o Oceano Atlântico a oeste. Por ter essas características, a sua vegetação é do tipo savana, com floresta tropical e clima tropical úmido. O país conta com duas estações climáticas durante o ano: a seca, de novembro a abril, e a chuvosa, de maio a outubro.

A superfície continental consiste numa parte semipantanososa, numa zona plana e noutra de poucas montanhas. Além do território continental, o país conta com mais de quarenta ilhas nos arquipélagos dos Bijagós, sendo muitas destas ilhas despovoadas. O país possui vários rios, destacando-se o rio Geba, Cacheu e Mansoa, por facilitarem de uma forma mais rápida o acesso ao interior do país.

Segundo os dados do website *contrymeters*, em Guiné-Bissau, a população feminina soma a maioria, representando 50,4%, enquanto que a masculina figura 49,6%. O país está dividido em três províncias e oito regiões: a província Leste é composta pelas regiões de Bafatá e Gabu; a Norte, pelas de Biombo, Cacheu e Oio; e a Sul, pelas de Bolama, Quinara e Tombali.

Na figura a seguir, destaca-se o mapa do território da República da Guiné-Bissau:

Figura 1: Mapa político da Guiné-Bissau



Fonte 1: <https://pt.dreamstime.com/mapa-pol%C3%ADtico-de-guin%C3%A9-bissau-image103661003>.

A República da Guiné-Bissau, como é oficialmente reconhecida, é multi-étnica, tendo mais de 25 línguas locais, tornando-se um verdadeiro *djambadon de guinendade*². Durante muitas décadas, as suas estruturas políticas e sociais foram comunitárias e cada indivíduo desempenhava um papel em prol do coletivo. Com a invasão colonial, essas sociedades, que se organizavam por viés comunitário (etnia), começaram a sofrer influências dos invasores por causa da opressão, que originou, em parte, o desmantelamento dessa estrutura sociopolítica em decorrência da apropriação da cultura do invasor.

O Estado Moderno da Guiné-Bissau tem sua origem na tradição herdada dos ancestrais, preservando, assim, um acervo cultural material e imaterial. Isto evidencia que a nossa história não começou a partir da chegada dos invasores, os quais aproveitaram da nossa boa recepção e da estadia que os ancestrais lhe deram para usar o poder de fogo que tinham com o objetivo de saquear e violentar o povo guineense, assim como ocorreu em toda a África ao longo de vários séculos. Apesar da invasão e da tentativa genocida de apagamento da cultura

² Expressões respectivamente na língua Crioulo (*Kriol*) e língua fula, faladas na Guiné-Bissau. *Djambadon* é ato de celebração das cerimônias tradicionais, por exemplo, o fim do período de resguardo da circunscrição masculina, a cerimônia de toca choro, as cerimônias de casamentos etc; momento em que homens, mulheres e crianças dançam juntamente. *Djôkerendan*, por sua vez, significa irmandade, a “união é que faz a força”. *Guinendade* é usado para reivindicar uma unicidade; termo que faz do mosaico étnico-cultural guineense um só.

local, a exemplo do abandono do uso das línguas maternas, como *papel, fula, balanta, mandinga* e outras³, em prol da aquisição da língua do opressor, para que eles pudessem ter o maior controle da situação em jogo, os nossos ancestrais conseguiram resistir, mantendo vivas suas tradições.

Assim, viver e resistir torna-se uma força vital para quebrar alguns padrões ocidentais logocêntricos através de uma escrita que compreende e dialoga com o meu eu, por que só assim podemos desconstruir as narrativas ditas sobre nós e mostrar para o mundo que essas narrativas de descobrimento não passam de uma invenção do invasor para manter seus poderes de invasão, saque e destruição das culturas locais. Por isso, essa escrita vai romper com a relação de pertencimento imposta pela língua portuguesa ao longo dos tempos, estabelecendo uma relação de interculturalidade e pensando a mesma como um processo de tradução. Na verdade, essa ruptura epistemológica já tinha sido iniciada desde os anos 1950 por intelectuais africanos, como Amílcar Lopes Cabral⁴, Patrice Lumumba⁵, Léopold Sédar Senghor⁶ e outros, com a perspectiva de refazer essa história contada a partir do outro.

Apesar de todas essas tentativas de apagamento cultural, os escritos africanos conseguiram dar voz, através da literatura, a todas as inverdades ditas pelo regime colonial, a exemplo das perseguições que faziam contra as religiões de matrizes africanas por meio de denominações preconceituosas (animistas), além das perseguições de líderes, porque acumulavam também a função de liderança política e administravam a *tabanca*⁷ e eram chefes das *moranças*⁸.

³ A língua Crioulo é tradicional de países africanos, variando em cada um deles e possuindo, por vezes, traços do português. Crioulo é a língua que une a nação, quer dizer, é a língua nacional da Guiné-Bissau.

⁴ Nasceu em Bafatá, na Guiné-Bissau. Filho de pai cabo-verdiano e de mãe guineense com origens cabo-verdianas, Amílcar Cabral cresceu em São Vicente, Cabo Verde. Estudou agronomia em Lisboa, tendo mais tarde regressado à Guiné-Bissau. Cabral foi um dos co-fundadores do Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) em 1956 e assumiu o cargo de seu secretário-geral, unindo ambos os países na luta contra o domínio colonial português (CABRAL, 2015). Além de engenheiro agrônomo, foi poeta, pedagogo e, acima de tudo, revolucionário. Essas são apenas algumas formas de se referir a Amílcar Cabral, herói de Guiné-Bissau e Cabo Verde, onde teve grande contribuição na luta pela independência.

⁵ Foi líder do Movimento Nacional Congolês (MNC) e ex-primeiro-ministro congolês. Ele defendia firmemente a unidade dos povos africanos contra o colonialismo, acima das diferenças étnicas e tribais, e foi capaz de incorporar o anseio por liberdade de todos os povos oprimidos do continente. Por sua ação, tornou-se o grande líder da libertação dos povos africanos e dos ideais de liberdade e integração pan-africana.

⁶ Foi o fundador e um forte defensor da Negritude, um movimento político e literário nascido na década de 1930. Tornou-se Presidente da República do Senegal em setembro de 1960, depois de ter exercido funções, entre outras atividades, como jornalista. Foi chefe de Estado durante mais de duas décadas. Morreu no dia 20 de dezembro de 2001, com 95 anos, em França.

⁷ Vila (tradução nossa).

⁸ Conjunto das habitações de um agregado familiar (tradução nossa).

Essa tentativa de apagamento cultural se reflete na língua oficial (europeia) do país que sequer é a mais falada, sendo, na melhor das hipóteses, a segunda ou terceira língua da população. No meu caso, por exemplo, o português torna-se a terceira língua de comunicação no contexto étnico e cultural guineense. Ou seja, o fula é a minha língua materna, o crioulo é a língua nacional e o português é a língua imposta ou, ainda, “língua oficial” do país. Por isso, falar e escrever em crioulo não se resume somente ao ato linguístico, mas também a um ato político, uma forma de resistência à cultura do invasor, tendo em vista a opressão linguística que ainda vivemos.

Nesse sentido, esta tese foi pensada e produzida politicamente utilizando um meio-termo entre o português brasileiro e o bissau-guineense, levando em consideração as indefinições e preocupações com a língua, a escrita e outros fatores socioculturais. A escritora e poetisa Odete Costa Semedo, uma das mulheres mais destacadas na literatura guineense, questiona o uso da língua do colonizador no seu poema *Em que língua escrever*, a fim de nos convidar a repensar as formas de escrever e ver o mundo a partir do nosso jeito de ser. Essa preocupação pode ser constatada no seguinte trecho: “Em que língua escrever as declarações de amor? Em que língua contar as histórias que ouvi contar?” (SEMEDO, 1996, p. 11).

A opção por falar o crioulo, ou *kriol*, como forma de resistência na preservação dos costumes nacionais, é escancarada pela poetisa na sua escrita, além de sua preocupação em manter vivas as tradições para as gerações futuras. A inquietação da autora começa na escolha da língua do colonizador que, ao mesmo tempo, une e segrega, porém, ela chama atenção também para não desmerecer a cultura nacional, preservando as *storias di homis e minjeris garandis dino tchon*⁹. Tal segregação de espaços provocou desconforto e revolta no meio social guineense, levando, assim, a uma ruptura e desmonte do discurso português a partir da apropriação das narrativas que questionam a invasão colonial.

Outrossim, questionar e reescrever a parte da história não contada pelos portugueses é quase uma missão dos fazedores das artes na Guiné-Bissau, os quais assumiram esse papel com amor e dedicação para continuar o projeto emancipatório de Amílcar Cabral, como podemos perceber na fala de Abdulai Sila, em entrevista concedida a Virginia Yunes do portal eletrônico *Por Dentro da África*:

⁹ Traduzindo para o português, a expressão equivale a “histórias de homens e mulheres da nossa terra” (tradução nossa).

os meus romances e peças teatrais estão escritas em português, mas tenho algo escrito em crioulo. Como editor que sou, tenho uma coleção de livros em crioulo. No futuro, há todo um caminho que se precisa fazer para promover a identidade e afirmação do guineense. Não significa excluir o português, negar a modernidade ou tudo aquilo que as pessoas pretendem vender, é ser ‘Eu’ e no meu ‘Eu’ está o crioulo também! (SILA, 2020)

Ao partir do pressuposto de que a literatura bissau-guineense deve ser compreendida como arte e documento da memória cultural, Abdulai Sila nos mostra que, além de desenvolver obras em língua portuguesa, já possui projetos literários revolucionários em língua crioula para promover a identidade guineense em diálogo permanente com as línguas nacionais, como é o caso do livro *Deih* (2022), a mais nova peça de teatro do escritor produzida em crioulo guineense.

É importante frisar, para além da luta feita com armas, a guerra fria em torno da palavra, sendo a expressão literária de fundamental importância para legitimar um discurso contrário ao praticado na metrópole. Como nos mostra Edward Said, “ninguém está de fora da luta pela geografia: esta luta é complexa porque não se restringe a soldados, mas abrange ideias, imagens e representações” (SAID, 2011, p. 38). Isso mostra a outra face da guerra, a qual durou onze anos no território guineense.

Vale ressaltar que esta tese foi atravessada por momentos de alegrias e tristezas. Por um lado, ver meu filho nascer de forma saudável foi sem dúvida um dos momentos mais importantes da minha vida. Por outro, acompanhar o crescimento dele durante o período de confinamento da pandemia de COVID 19 foi um dos piores momentos da minha existência.

Ainda pensando sobre esse atravessamento paradoxal de sentimentos durante a escrita da tese, reencontrar os familiares e amigos na Guiné depois de sete anos, com toda a certeza, também foi uma celebração da vida, principalmente do meu irmão Ali Bacar Baldé, pois não nos víamos há treze anos. Já os piores momentos de angústia e sufoco se resumem em viver atrás das janelas ouvindo a sirene do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU – subindo e descendo com os corpos descartáveis durante dois anos desse pandemônio. Para piorar, o meu pai em coma na outra margem do Atlântico, sem que eu pudesse fazer nada por ele. Após a liberação dos espaços aéreos, tive que deixar, de coração partido, o meu filho, com um ano e sete meses, para ajudar nos cuidados do meu pai e tentar concentrar mais na produção da tese. Apesar desse planejamento prévio, tudo ocorreu de forma contrária. Além de não conseguir um ambiente propício para produção acadêmica como eu gostaria, tive que trabalhar em dobro para ajudar a minha família. Trabalhei os três turnos do dia para arcar com

despesas pessoais e familiares, tendo em conta a crise humanitária que vivíamos. Contudo, essas alegrias e tristezas recarregou mais ainda a minha pilha para voltar e terminar essa caminhada. Por ser um cidadão híbrido, não é fácil, principalmente, quando se trata de um africano e negro nas outras margens do rio.

Como qualquer literatura, a que é produzida na Guiné-Bissau é produto do lugar da vivência. Como tal, surge em contextos específicos sempre vinculada aos processos de modernização e urbanização. Transforma-se, diversifica-se, assume novas formas, cria estilos, paisagens, cores, entre outros aspectos, como a oralidade, gestos, dança, música, instrumentos musicais, etc. Nesse sentido, a presente tese busca compreender e analisar o romance *Memórias SOMânticas* (2016), do escritor bissau-guineense Abdulai Sila, que evidencia o contexto colonial e pós-colonial da sociedade guineense a partir da oratura e das relações entre a memória e o cárcere. Para este propósito, o estudo toma como base as narrativas de Hampaté Bâ, Tierno Bokar, Amarino Queiroz, Odete Costa Semedo, Filomena Embaló e outros, buscando ter um olhar mais contemplador em relação à sociedade em questão.

O objetivo deste trabalho é mostrar e discutir a literatura bissau-guineense, a partir da obra *Memórias SOMânticas* (2016) de Abdulai Sila, e compreendê-la como uma atividade de conhecimento do estudo da arte, levando em conta a sua relevância para os estudos literários, culturais e, sobretudo, para a compreensão da identidade nacional no contexto pós-colonial, como também do conceito de *bantabá* na sociedade guineense. Trata-se, portanto, de uma primeira aproximação do tema para melhor delineamento do objeto de estudo a ser discutido/analísado nessa tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

Nessa senda, buscaremos responder de forma mais clara e objetiva as perguntas feitas como bases norteadoras dessa tese. Desse modo, é importante a compreensão de que as ações lembrar, recordar e contar estão presentes no dia a dia de todos os guineenses.

É como se o passado não existisse e o único contexto válido fosse o futuro. Um futuro em que, pareciam todos convencidos, havia um lugar reservado ao sol para toda a gente, os presentes e os que tinham sido sepultados algures naquela floresta (SILA, 2016, p. 78).

Com isso, é possível dizer que a preocupação com o passado é explicitamente clara ao colocar em evidência a angústia de um povo que viveu e continua vivendo no cárcere pelos próprios

irmãos e governantes, muitos dos quais lutaram lado a lado contra os invasores portugueses para que possamos hoje afirmar a nossa identidade.

Neste sentido, percebe-se que a escrita de Sila possui um viés crítico e conscientizador, tendo como objetivo mostrar para a sociedade a violência e a exploração em que está submergida. As obras pautam-se numa convivência com a tradição e com as histórias e formas de viver dos guineenses. Estes passeiam pelas narrativas caracterizando o autor em questão como um sujeito comprometido com uma literatura nacional: com discursos voltados aos temas da nação, do passado colonial, da posição feminina na sociedade, das histórias dos mais velhos, entre outros assuntos. Num espaço em trânsito, costumes diversos e culturas também diversificadas convivem num ambiente em que tradição e modernidade andam em tensão e em fluxos identitários.

Como um dos escritores guineenses mais lidos a nível nacional e internacional, as suas obras foram sempre recebidas de uma forma calorosa pelos leitores guineenses e, em particular, por uma elite letrada que tem acesso ao livro e à literatura. Por se tratar de um intelectual, empresário e ser humano humilde, que construiu o caminho do seu sucesso sem cunho partidário ou sem fazer parte dos cargos governamentais, possui mais liberdade de fazer as denúncias em suas obras, principalmente em *Memórias SOMânticas* (2016), ao revelar as problemáticas do cotidiano guineense, como os sonhos, as tensões, a tradição, a modernidade, as questões de gênero, a violência doméstica, a esperança e a luta pela sobrevivência em um país extremamente desigual.

Sob esse mesmo olhar, coloca a literatura o Edward Said (1995). Em sua obra, *Cultura e Imperialismo*, a literatura é posta como um instrumento de grande importância para desmontar o pretexto que sucumbe a nossa forma de pensar. Mas, com a chegada dos estudos pós-coloniais, outros saberes, principalmente os da literatura africana de língua portuguesa, começaram a ganhar destaque e foram impulsionados pelo surgimento das revistas *Claridade*, em 1936, na cidade de Mindelo, Cabo-Verde, e *Mensagem*, em 1950, em Luanda, Angola, com o objetivo de revolucionar a literatura dos dois países, como também marcar o início de uma fase de contemporaneidade estética e linguística, superando o conflito entre o Romantismo de matriz portuguesa - dominante durante o século XIX - e o novo Realismo. Ao nível político e ideológico, as duas revistas tinham como foco procurar afastar definitivamente os escritores do cânone português, procurando refletir a consciência coletiva e chamar a atenção para elementos das culturas cabo-verdiana e angolana, que há muito tinham sido sufocados pelo colonialismo português, como é o exemplo das línguas crioula e kimbundo.

Assim, a nossa leitura parte desse entre-lugar (SANTIAGO, 2000) no qual nos inscrevemos para refletir acerca das sensibilidades biográficas, que são de suma importância, em especial, no que diz respeito a Abdulai Sila e ao seu romance *Memórias SOMâtincas* (2016). Ele é um escritor guineense de origem humilde, que nasceu e cresceu em uma cidade pequena no sul do país e que enfrentou inúmeras dificuldades como qualquer criança guineense na época, conciliando trabalhos domésticos e estudos até se tornar hoje uma das pessoas mais importantes da sociedade bissau-guineense ao considerarmos o universo da escrita literária. Suas publicações transformaram-no em um dos autores guineenses mais lidos e respeitados, a nível nacional e internacional, por ser atento às questões sociais, fiel a sua escrita e por estar buscando sempre o diálogo entre a tradição e a modernidade.

Considerando as marcas da memória e, inclusive, da memória ancestral nas narrativas do escritor contemporâneo, entende-se que a memória está presente na vida e obra de Sila. Deste modo, a noção do lugar de guardar ganha outra dimensão, ou seja, trata-se de uma memória ancestral que a partir do momento em que é desarquivada, deixa de ser passado e torna-se presente, mas um presente contínuo que lança para o futuro uma promessa por vir.

Para Pollack,

a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido (POLLACK, 1989, p. 6-7).

Neste sentido, por meio de um exercício nos arquivos, constroem-se as memórias narrativas de Sila, isto é, as suas narrativas são concebidas a partir do olhar social. Um olhar presente que traz à tona as memórias do passado e as lança para o futuro em forma de reescrita, mostrando o seu descontentamento com a atual situação em que a população guineense vive nos dias de hoje e oferecendo aos leitores uma narrativa singular ao nos presentear com uma linguagem recheada de neologismos para nos ajudar a refletir e a buscar novas formas de viver a vida.

Ademais, esta tese foi desenvolvida através da pesquisa bibliográfica e uma entrevista online, via e-mail, em 10 de janeiro de 2021, e atualizada para publicação em 2022. Busca-se também compreender e analisar a escrita de um escritor que vive num país onde pouco se valoriza a produção literária e o impacto que a sua escrita exerce sobre a emancipação e o resgate da identidade cultural na Guiné-Bissau, tendo os anciões/anciães como facilitadores das tradições culturais ao longo do tempo. Livros, teses, dissertações, artigos, entrevistas, obras e depoimentos relacionados ao Abdulai Sila, à literatura bissau-guineense e aos africanos em diáspora foram importantes na construção do embasamento teórico desta tese.

A partir da leitura da obra *Memórias SOMânticas* (2016), corpus deste trabalho, e também dos aparatos teóricos que insistem na mobilidade dos trânsitos culturais, com a vontade de contribuir com essas e outras leituras, busca-se interpretar a obra como metáfora da condição trágica do povo bissau-guineense depois da luta de libertação nacional, ansiando reconstruir sua identidade e seu futuro em meio aos escombros.

Memórias SOMânticas (2016) conta a história de uma personagem que é metáfora da nação guineense, vítima de várias violências físicas e domésticas por causa do seu posicionamento diante da ordem social das coisas, que deixou a sua família para se juntar ao maior projeto da nação já visto na Guiné-Bissau: a luta pela libertação do povo guineense.

Durante o contato com a obra, o leitor é convidado a adentrar nas memórias desta personagem para conhecer a sua infância e, com ela, reviver momentos marcantes da sua vida, como também dos embates que a fez uma das mulheres mais destacadas no processo da luta de libertação nacional na Guiné-Bissau.

Essa preocupação com as questões socioculturais do país é bem presente nas obras de Abdulai Sila, o que nos ajuda a ter uma compreensão mais cuidadosa em relação ao debate proposto nesta tese. Deste modo, destacam-se os seguintes questionamentos: Como a memória é tratada e construída dentro da literatura guineense, em especial nas escritas de Sila? De quais maneiras os/as anciões/anciães têm contribuído na formação e consolidação da identidade bissau-guineense? Como a mulher é representada nas obras de Sila em observância à posição desta na sociedade guineense? Como as dimensões de tempo e espaço aparecem na obra de Abdulai Sila?

Tentou-se responder esses questionamentos na tese com base na obra de Sila, destacando-se os seguintes fatores: o primeiro deles é a *tradição oral*, um direcionamento teórico para compreendermos a questão da oralidade e a tradição em volta dela. Assim,

recorre-se aos conceitos teóricos de Hampaté Bâ, Tierno Bokar, Amarino Queiroz e outros, cujas observações familiarizam-se com os elementos presentes na literatura guineense. Elementos estes em que o escritor busca inspiração, enfatizando-se os fatores sociais, ou seja, as questões de ontem e de hoje, do visível:

às vezes incomoda os ocidentais nas histórias africanas é a frequente intervenção de sonhos premonitórios, previsões e outros fenômenos do gênero. Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimentos que, para nós, são parte do dia-a-dia e não nos surpreendem de maneira alguma (BÂ, 2013, p. 15).

O segundo é o *passado* – o desejo de buscar o passado reflete basicamente em desconstruir os argumentos do colonizador, mostrando outra história dos povos guineenses e a grandeza dos reinos, como o império do Gabú na Guiné-Bissau, bem como em encontrar um referencial próprio que inspirasse a nação em construção, demonstrando que as glórias do passado poderiam ser ainda maiores no futuro. Ademais, nesta linha de busca sobre o passado bissau-guineense, por meio das narrativas literárias de tradição oral, para ter mais compreensão sobre as sociedades guineense e africana, tive que ler-reler um pouco mais sobre a contribuição dos estudiosos do próprio continente que, com agendas próprias e sólidos trabalhos de pesquisa, trouxeram novos olhares para este campo de conhecimento. Seus trabalhos enriqueceram a análise geral com os dados de processos históricos locais e inseriram os africanos de forma ativa na construção de uma história que vai além das fronteiras de seu continente, como bem afirma Joseph Ki-Zerbo: a “África tem a sua História” (KI-ZERBO, 2010, p. 30). Por isso, segundo Cheikh Anta Diop, é necessário “definir a imagem de uma África moderna reconciliada com seu passado e se preparando para o seu futuro” (DIOP, 1974, p. 20), dando assim, continuidade às resistências em todos os domínios das sociedades africanas.

O terceiro é a *nação* – o tipo de nação que se quer construir deve estar de acordo com a heterogeneidade do povo que a constituirá. Diante de tais fatores, é possível dizer que a literatura e outros tipos de artes podem ser fundamentais para o processo de resgate e construção de uma nova narrativa nacional, além de ser o reflexo, em grande medida, daquilo que se passa na sociedade diariamente, de usos e costumes, do espaço e tempo, do passado/presente/futuro e da memória cultural de um povo. Como resultado das questões históricas e sociais, a nação está impressa na literatura, nas artes e em outras vertentes da nossa vivência, conforme Homi Bhabha explica:

um texto literário precisa ser dialético e considerar a heterogeneidade da práxis social, cuja articulação textual deve ser aberta às contribuições exteriores, pois a forma artística é impregnada de marcas sociais e históricas, como uma relação entre a “temporalidade intervalar” e a “realidade intervalar”. Na fronteira entre o tempo e a realidade, “habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que cria a imagem discursiva na encruzilhada entre história e literatura, unindo a casa e o mundo” (BHABHA, 1998, p. 35).

A partir do pensamento de Bhabha (1998) de que a literatura, a história e a sociedade se complementam entre si, pode-se inferir que a produção literária não é autônoma em relação ao ambiente histórico e cultural em que é produzida, por isso não pode ser considerada exclusivamente estética. Neste sentido, pensar a literatura como fonte documental é pensar, simultaneamente, sobre o escritor como intelectual, sobre as condições de produção da materialidade da obra, sobre o público leitor e suas estratégias e apropriações de leitura.

Por isso, acreditamos que o melhor referencial teórico para se pensar a literatura como documento da memória cultural é o que supõe uma perspectiva materialista e dialética, própria da história social. Por um lado, o escritor, o livro e o leitor só adquirem significado quando postos no contexto material e temporal que os configuram, e, por outro lado, a literatura é uma fonte que só adquire plena significação quando é compreendida como parte da totalidade histórica, ou seja, um fenômeno ao mesmo tempo cultural, econômico, social e político. Como produto do passado, presente e futuro, do seu contexto e da sua própria tradição, cabe a nós refletir sobre como o contexto histórico e social se transmuta em forma literária.

Assim, parte-se da hipótese de que a escrita de Sila está em consonância com os estudos contemporâneos, que ligam a literatura aos estudos culturais. Busca-se, portanto, perceber a maneira única e singular da produção literária do autor, a qual está relacionada às peculiaridades, às costuras e às maneiras de narrar que produzem uma gama de características nas narrativas, demonstrando uma visão específica sobre memória e identidade cultural nos romances em análise, bem como sua ligação com as teorias que vão na contramão do pensamento cartesiano.

No que diz respeito a esse último pressuposto, procura-se também compreender as configurações existentes na cultura bissau-guineense em relação à cultura importada pelos invasores que são representadas nas obras de Sila. Estas obras fazem parte do aflorar e dos

subsídios que constituem um olhar universal como um campo de ensaios e experiências constitutivas deste universo; olhar que se direciona com os pensamentos críticos sobre os aspectos transculturais.

No romance *Memórias SOMânticas* (2016), Sila nos apresenta uma narradora onisciente, um ser híbrido que, devido à sua condição, tem em seu corpo as marcas de traumas e violências elaboradas durante e depois da invasão portuguesa na Guiné-Bissau. A dualidade nas obras de Sila pode ser explicada como a representação do entre-lugar vivenciado pelo estrangeiro que, por causa da imigração ou do exílio, é obrigado a viver nos dois mundos ao mesmo tempo. Assim, procura-se analisar nas obras de Sila a importância dos/as anciões/anciães na tradição cultural guineense, bem como a metáfora da dualidade da identidade cultural experienciada pela narradora que inclui o processo de hibridismo e transculturação representado pela personagem.

O *corpus* desta tese foi dividido em quatro capítulos, sendo que o primeiro está dividido em três seções: Em primeiro lugar, situamos Sila no contexto nacional e internacional e a sua contribuição na literatura bissau-guineense. Com isso, é importante dizer que esse diálogo não está impregnado num olhar fixo, mas a partir do lugar da vivência que influenciou de forma deliberada a sua escrita. Assim, aproveitamos também para revisitar o conceito de contar histórias, memórias e identidades a partir das análises de Augel (2007), Bá (2013), Semedo (2010), Filomena Embaló (2010), como também de Conceição Evaristo (2017) e Leda Maria Martins (2001) para abrir horizontes de constatação da existência de um diálogo permanente com a sociedade bissau-guineense e sua diáspora, constituindo, portanto, uma ferramenta de coesão para impulsionar estudos de tradição e da modernidade do povo guineense.

As produções literárias de Sila transmitem o conhecimento como forma de educar, resgatar e preservar a memória cultural do povo guineense, tendo em vista a ruptura que a colonização deixou naquela sociedade, além de explorar corajosamente um conjunto de estereótipos que marcaram visões etnocêntricas da África, como a corrupção, preconceitos, costumes ancestrais, conflitos sociais e outros.

Depois, verificamos o tipo de metodologia utilizada pelo autor para dar mais ênfase as suas personagens, a exemplo das narrativas de mulheres que lutaram durante onze anos por um *Guinémindjor e justo*¹⁰, que depois viram esse sonho e sacrifício tornarem-se um pesadelo na vida delas. Nesta linha, tomamos como base os estudiosos nacionais e internacionais, como

¹⁰ Traduzindo para a língua portuguesa, se equivale a uma Guiné onde a justiça e a igualdade social vão reinar no coração de todos (tradução nossa).

Semedo (2010), Embaló (2010), Godinho (2017), dentre outros, para nos ajudar no suporte teórico e na compreensão da questão da mulher guineense e africana.

No que diz respeito à escrita de Abdulai Sila, foi analisada a sua importância em dar (devolver) à voz feminina uma oportunidade de fala na sociedade bissau-guineense, apesar das suas narrativas pensarem, também, na recuperação dos valores nacionais por meio da sua ficção de cunho realista. No último item do primeiro capítulo, desta forma, nos debruçamos sobre a maneira como é abordada as questões da memória e de sensibilidade em suas escritas, tendo sido observado que, ao contar, o autor retoma histórias que ouvia dos mais velhos e, então, elabora representações ficcionais que serviam como bases das suas narrativas, assim como suas vivências também colaboraram para fazer dele um *bindidur de passadas*¹¹.

No segundo capítulo, discutimos sobre a tradição oral, a responsabilidade dos anciões/ães na cultura bissau-guineense para a construção de uma referência em prol do ensino da literatura nacional, a partir dos conceitos de Hampaté Bá (2013), Odete Costa Semedo (2010) e outros. Desse modo, foi analisada a problemática da alteridade, dos percursos da reconstrução identitária e das negociações presentes nas personagens de Sila (2012, 2016) no que diz respeito ao hibridismo, à transculturação e aos processos de adaptação.

No terceiro e quarto capítulo, debruçamo-nos sobre o olhar de dentro e de fora em relação à literatura bissau-guineense, a partir da relação de parentesco entre Abdulai Sila e Idy Mbonh dentro deste cenário literário. Dá-se também ênfase ao traço humanizador e educador do autor na formação do sujeito bissau-guineense e na relação entre ele e Amílcar Cabral em busca da justiça social.

Em seguida, retomamos a discussão da obra *Memórias SOMânticas* (2016) e o papel interdisciplinar da literatura silariana para nos ajudar na compreensão da história da Guiné-Bissau a partir do olhar do nacional, ligado à questão do trânsito e da relação entre Sila (2016) e Amílcar Cabral (2012), na busca pela emancipação do povo guineense, bem como por justiça social. Assim, tomamos a nação como sinônimo de povo, tendo sido esse um poderoso apelo ideológico que serviu para incutir na população, em geral, a ideia e o senso de pertencimento à uma comunidade mais ampla moldada por uma origem histórica e cultural, vinculada à concepção de construção de uma consciência nacional ao longo do tempo, que serviu como princípio para formação de uma identidade coletiva responsável em constituir a

¹¹ Traduzindo para a língua portuguesa, equivale a: vendedor de esperanças à nação guineense (tradução nossa).

base política e ideológica da integração e unificação dos agrupamentos humanos. Neste sentido, elencamos como base, para essa discussão, os seguintes teóricos: Appiah (2013), Bâ (2003), Godinho (2017), Hall (2003), Semedo (2010) e outros, que nos ajudaram a chegar no último capítulo, em direção às nossas abordagens em torno do olhar sobre as produções do autor Sila (2002, 2016), evidenciando as problemáticas em relação à identidade, ao trânsito e à globalização.

2 ABDULAI SILA E SEU IMPACTO NO CENÁRIO LITERÁRIO BISSAU-GUINEENSE E INTERNACIONAL

2.1 ABDULAI SILA NO CONTEXTO DA LITERATURA GUINEENSE E MUNDIAL

Se pensarmos a literatura como uma manifestação artística que educa e organiza as expressões do pensamento humano de acordo com o momento histórico vivido ou com o que sonhamos construir, percebe-se que ela está ligada a todas as instâncias do nosso aprendizado. Neste contexto, torna-se indispensável falar do escritor bissau-guineense Abdulai Sila, trazendo a sua vivência na esfera nacional e internacional como uma pessoa das letras e da cultura guineense. Respeitado em todas as esferas sociais, Sila procura transpor, por meio da sua escrita, as memórias que se somam ao longo de todo o seu percurso histórico. Ele usa os acontecimentos marcantes da sociedade guineense para fazer deles uma arma em prol da ressignificação da memória nacional, sem poupar críticas aos governantes que assumiram o poder após a independência da Guiné-Bissau.

Filho de Aissatu Baldé e Aliu Silá, Abdulai Sila nasceu no dia 01 de abril de 1958 em Catió, cidade onde cresceu e fez os seus estudos primários. Posteriormente, mudou-se para a capital Bissau com o objetivo de realizar os estudos secundários e, logo depois, conseguiu uma bolsa de estudos para cursar Engenharia Eletrotécnica na Alemanha. Após terminar a sua graduação, retornou ao seu país e participou da fundação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa - INEP, instituição de reconhecimento nacional e internacional, que desenvolve estudos teóricos e aplicados na área das ciências políticas, econômicas, sociais, literárias e outros.

Engenheiro de carreira, romancista e dramaturgo, Abdulai Sila é dono de oito obras públicas. No que diz respeito ao romance, Sila publicou *Eterna Paixão* (1994), considerado o primeiro romance guineense, *A Última Tragédia* (1995), *Mistida* (1997) e *Memórias SOMânticas* (2016). No Drama, escreveu *As Orações de Mansata* (2007), *Dois Tiros e Uma Gargalhada* (2013), *Kangalutas* (2018) e *DEIH* (2022). É importante frisar que todas essas obras foram publicadas, na sua primeira edição, pela Ku Si Mon Editora, empresa gestada também pelo autor. Mais tarde algumas das suas obras tiveram uma segunda impressão com editoras internacionais.

Além da participação na criação da Revista Tcholona, publicando inclusive contos, como *O Reencontro* (1994), Sila desenvolveu muitos estudos para o INEP, sendo publicados, por exemplo, na Revista de Estudos Guineenses, como *Aproveitamento da energia solar na Guiné-Bissau: perspectivas e problemas* (1986) e *Estratégias de Desenvolvimento e Alternativas Tecnológicas: um Estudo de Caso da Guiné-Bissau* (1992).

No que diz respeito ainda à vida dele, Sila foi Presidente da Associação de Escritores da Guiné-Bissau (2013 – 2017) e Investigador Sênior associado da University of Maryland (Senior Visiting Fellow, 2005). Além de consultor no domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, é Presidente da Direcção do PEN Guiné-Bissau, uma Associação Cultural composta por escritores, jornalistas, editores e tradutores. Ele atua e apoia várias organizações juvenis sem fins lucrativos, sendo também, desde 2011, Embaixador Regional (Regional Botschafter) da Technische Universitaet Dresden. Em 2012, foi condecorado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras e, em 2022, foi o vencedor do prêmio literário Guerra Junqueiro, promovido no âmbito do Freixo Festival Internacional de Literatura, um evento de referência cultural para a literatura em língua portuguesa.

Apesar do pouco reconhecimento por ser um vendedor de utopias, as suas obras trazem uma dualidade que revela a existência de duas *tabancas* distintas dentro de uma. De um lado, mais rural e patriarcal, onde são as mulheres que fazem a manutenção da casa, enquanto os homens passam horas na lavoura. Do outro, o centro, onde o luxo, a corrupção e a desigualdade social são materializadas por causa do capitalismo, que fez do dia a dia uma correria gigantesca, necessitando de tempo para tudo, inclusive para conversar e visitar uns aos outros.

Vivendo e escrevendo num país onde a literatura é limitada ainda para uma pequena camada social, a elite guineense, torna-se mais que urgente mostrar que algo precisa ser feito para mudar esse panorama histórico, isto é, faz-se necessário evidenciar o descaso social, principalmente com as mulheres que lutaram para que hoje possamos nos orgulhar da nossa nacionalidade guineense.

Nesse sentido, Abdulai Sila, além de iniciar a corrente ficcional na Guiné-Bissau, é precursor da corrente realista por possuir uma escrita de teor social, resultado do seu apurado senso crítico e humorístico, que o faz presentificar em sua escrita as violências e injustiças da vida periférica guineense, tendo como foco, na maioria das vezes, a mediocridade e a incompetência das autoridades locais na gestão da coisa pública. Atento às questões sociais do

país, suas produções mostram o seu comprometimento com o seu lugar, evidenciando o drama da vivência colonial e pós-colonial, como podemos perceber na fala de Moema Parente Augel:

a literatura de um país, como se sabe, está estreitamente ligada a seu lugar de enunciação. Os fatores geográficos, étnicos históricos, econômicos e políticos está na correlação com as estruturas socioculturais locais e se refletem no discurso literário, em sua manifestação estética que, a todo passo, direta ou indiretamente, a eles fazem referência. São fatores externos que delineiam o contexto histórico-cultural e que são internalizados na realização textual (AUGEL, 2007, p. 44).

Assim, Sila aparece como um homem do seu tempo para expor os acontecimentos que marcaram o seu processo como cidadão na luta contra as injustiças sociais, neocolonização, corrupção e em favor da liberdade do povo bissau-guineense. Ao estar dentro do período histórico, a literatura de Sila, como de outros escritores guineenses, procura denunciar as barbaridades cometidas pelo sistema de colonização portuguesa na Guiné-Bissau como também daqueles que assumiram a nação sem o mínimo de responsabilidade com o povo. Outrossim, quando se fala das narrativas de Sila, é quase uma unanimidade em afirmar que ele é um dos maiores pensadores guineenses na era pós-independência e em África, como podemos perceber na fala de alguns estudiosos. Para Santana,

as narrativas literárias de Abdulai Sila são marcadas por uma visão crítica do pós-independência, acentuando uma desilusão com os novos tempos, por um lado, mas, por outro, projetando uma esperança no futuro do seu país. São produções que demonstram uma preocupação do escritor com a justiça social, com a solidariedade, com a dignidade negada pelo colonizador e, assim, reconstruir uma outra história da Guiné-Bissau, em particular, e africana, de modo geral. [...] Abdulai Sila lembra o passado através de imagens de uma realidade atualizada, construída com base em experiências, vivências, valores e concepções atuais. Tais imagens não são idênticas às do passado, são imagens fragmentadas, reconstruídas que, provavelmente, emergem da preocupação do escritor com histórias e experiências de práticas sociais excludentes. [...] O engajamento político-literário do autor com os problemas sociais que nasceram com a independência da Guiné-Bissau, bem como com a situação de uma significativa parcela da população que é esmagada pelo novo regime parece ser um dos fundamentos que orientam sua produção literária, seja na elaboração das tramas ou na construção dos personagens, demonstrando um empenho na luta por uma organização coletiva mais humana [...] (SANTANA, 2014, p. 42-58).

A fala de Suely Santana reforça a preocupação de Sila em se isolar fora da cidade por causa de tanta corrupção que ainda paira nas instituições públicas bissau-guineenses. Mesmo

com tanta decepção e angústia, ele mantém a cabeça firme na luta contra os problemas socioculturais do país, criando mecanismos para ajudar a nação através, por exemplo, da formação de técnicos com a criação da empresa pioneira na área de telecomunicações na Guiné-Bissau, EGITEL e SITEC, como também de outros projetos sociais para ajudar os jovens no processo emancipatório mediante à escrita criativa. Essa vontade de fazer da nação guineense uma nação de verdade, por meio das suas narrativas ficcionais realistas, reforça mais o respeito e o reconhecimento, tanto ao nível nacional como ao internacional, como um narrador que escreve e fala diretamente com o seu leitor. Por pensar e refletir a linguagem, faz dele um escritor, um historiador, um filósofo e outros, já que transita em vários campos do conhecimento.

A despeito disso, Santana reforça que:

o formato das narrativas e do estilo, até a construção dos personagens e traumas é possível perceber no discurso de Abdulai uma crítica ao fato de que a independência e conseqüente libertação do jogo colonial não resultaram em modificações substantivas nas estruturas de poder. Apesar da troca de pessoas, as elites locais, não apenas, mas, sobretudo os militares, “heróis” da guerra de libertação, se apoderaram do aparato administrativo reproduzindo relações políticas e de poder igualmente autoritárias e arbitrárias (SANTANA, 2014, 57).

Essas marcas da identidade guineense em suas obras fazem dele um escritor de estilo diferenciado, tendo em conta o seu método de construção das narrativas de forma minuciosa ao trazer humor, violência, drama e outros elementos para dentro da sua escrita, mostrando para os leitores que é possível ainda fazer a coisa certa, mas, para isso, temos que ter coragem de questionar e denunciar essa elite neocolonizadora e reprodutora da injustiça e desigualdade social. Percebe-se, contudo, que um grupo de pessoas formado pelo ex-regime totalitário do PAIGC ainda sonha em dormir, sentar, comer e/ou até possuir a mulher do colonizador, como aponta a escritora Maria Odete da Costa Soares Semedo em uma entrevista ao portal *Guiné-Bissau de Sempre*. Esse desejo de estar no lugar do colono a qualquer custo fez com que essa elite pós-colonial, gestada pela ala política e militar do Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC, tornasse esse desejo de liberdade e armoria num pesadelo, colocando os próprios irmãos na situação de subalternidade e reforçando a teoria de que os guineenses só servem para ser *cipaio*¹², criado do colono ou aquele preto de máscara branca.

¹² Agentes com funções de informar e proteger os negócios dos colonos (tradução nossa).

Neste sentido, Frantz Fanon, em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, mostra que o negro tem duas formas de se comportar socialmente, que são resultados de uma imposição colonial. Essas duas formas estão atreladas à forma como um homem negro se relaciona com outro negro e, diferentemente, com um homem branco. O intelectual sugere que, quando o homem possui uma linguagem, carrega consigo o mundo de significados e culturas que esta, implicitamente, possui, exemplificando com a aproximação do homem negro antilhano ao homem branco na medida em que aquele adota a língua francesa como forma de se comunicar. “O negro quer ser branco e o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27). Essas características estão presentes em todas as dimensões das sociedades africanas. Por exemplo, na Guiné-Bissau arrisco dizer que quase setenta por cento dos guineenses gostariam de conhecer Portugal, e, quando têm essa oportunidade, muitas das vezes, alguns desses trazem consigo um ar de superioridade, adotando um comportamento extremamente crítico em relação aos seus usos e costumes. Ao não encontrar a lógica para as discriminações que o corpo negro sofre, no plano da razão, Fanon vai decretar que dentro do racismo não há acordo possível.

Grada Kilomba (2019), na sua explanação sobre alteridade em seu livro *Memórias de Plantação, Episódios de Racismo Cotidiano*, assim como outros estudiosos que se preocupam com a sobreposição de uma cultura sobre a outra e a deturpação da imagem do outro, afirma que,

[...] enquanto o sujeito branco reencena o passado, o presente é proibido ao sujeito negro. Essa é a função do racismo cotidiano: restabelecer uma ordem colonial perdida, mas que pode ser revivida no momento em que o sujeito negro é colocado novamente como o outro (KILOMBA, 2019, p. 224).

Essa reinvenção do racismo cotidiano, conforme defende Kilomba (2019), nos coloca de volta em cenas de um passado colonial, colonizando-nos novamente. Somos assombrados pelo fantasma do cárcere colonial de forma ininterrupta, que tende a voltar. O navio negreiro se atualiza em diferentes contextos diaspóricos, como o trem da segregação ucraniano, o caso do estudante Luiz Fernandes Júnior, no shopping Barra de Salvador - Ba, o homem negro espancado e morto por dois seguranças brancos em uma unidade do supermercado Carrefour, em Porto Alegre - RS, e outros vários casos deste racismo endêmico e estrutural que arruinam a vivência humana.

Por isso, a preocupação de Abdulai Sila não é mais com o sistema colonial, mas sim com a forma como esse projeto bárbaro se perpetuou nos corpos colonizados, que acabaram por levar o país para outro rumo, como por exemplo: a maneira como são feitas as cooperações entre Guiné-Bissau e países ocidentais - e vice-versa -, a praga da corrupção que se instalou nas nossas instituições governamentais, a fome, a mortalidade infantil, os conflitos internos intermináveis, entre outros. Como podemos perceber na fala de Kilomba, “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outra vez sangra” (KILOMBA, 2019, p. 250). Essa violência aberta na pele negra demonstra como era difícil os negros conquistarem qualquer tipo de liberdade por suas vitórias, já que sofriam inúmeras repressões e uma dilacerante desumanização.

Era tamanha violência que Fanon resolveu assumir a sua identidade, tendo em conta o projeto de brutalidade e perversidade que o sistema de colonização implementou em cima dos corpos negros, proibindo-os de qualquer tipo de escolha, como podemos observar a partir de uma de suas reflexões: “Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confirmasse, que encolhesse” (FANON, 2008, p. 107). Por isso, “a única via eficaz para a realização cabal e definitiva das aspirações dos povos à luta de libertação nacional – é uma luta armada” (CABRAL, 2022, p. 23), uma vez que, na verdade, “o argumento escolhido pelo colonizado foi-lhe indicado pelo colono e, por uma ironia reviravolta das coisas, o colonizado é quem agora afirma que o colonialista só entende a força (FANON, 1979, p. 65).

Diante deste cenário, pode-se afirmar que a modernidade ocidental é marcada pela invasão, por saques e pela violência contra outros povos. Estes, por sua vez, na medida em que sofrem tais brutalidades, passam a criar meios para a eliminação deste processo violento e devastador, intitulado de colonialismo. Segundo Boaventura Sousa Santos (2004), essa violência nunca foi incluída na autorrepresentação da modernidade ocidental porque o colonialismo foi concebido como missão civilizadora dentro do marco historicista ocidental, no qual o desenvolvimento europeu apontava o caminho ao resto do mundo. Este caminho passava pelo silenciamento e aniquilação do outro. Afinal, quando se cala o outro, automaticamente você acaba com os sonhos dele de emancipação.

Posto isso, descolonizar o conhecimento significa criar novas configurações de conhecimento e de poder através da ruptura do colonialismo, fazendo a ressignificação da memória do passado guineense e libertando o/a cidadão/ã guineense do lugar do periférico para se tornar sujeito de sua própria história, como Abdulai Sila tem estado a nos mostrar na

sua escrita: “De repente as coisas começaram a ficar mais claras. Toda aquela conversa de liberdade, igualdade, independência e não sei que mais tinha a ver com os brancos, que mandavam na nossa terra e impunham a sua vontade à força” (SILA, 2016, p. 37).

Ademais, a literatura de Sila nos proporciona um espaço de reflexão para repensar a Guiné-Bissau ao trazer para o centro do debate discursivo a ressignificação do passado colonial. Faz-se um esforço de ressignificar a história e repensar a nação guineense por meio de uma narrativa inclusiva. O autor, assim, descreve minuciosamente as angústias proporcionadas pela geração pós-colonial, que é o reflexo das suas críticas em relação à identidade cultural e ao resgate do sentimento de pertença entre os guineenses como foi no processo da organização da luta armada:

a ideia de união como condição para a causa da libertação do jogo colonial e conseqüentemente (re) construção da nação Bissau-guineense extrapola as dimensões locais. As evidências presentes na obra de Sila apontam que o conjunto de ideias liberais nomeadas, em geral como pan-africanismo, inicialmente nascido como movimento sob os auspícios protagonistas de intelectuais não africanos, pode estar vinculado com a mensagem que Sila queria passar, constituindo-se como ideal da nação (SANTANA, 2014, p. 72).

Esse ideal deve incluir debates sobre o comportamento dos homens africanos e guineenses, em especial os independentistas do PAIGC, em relação às mulheres que lutaram nas fileiras da organização e passaram a ser invisibilizadas e subalternizadas no contexto sócio-político guineense. Na definição de Gayatri Chakravorty Spivak, o subalterno está ligado

às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (SPIVAK, 2010, p. 12).

Por isso, a ideologia pan-africanista da frente nacionalista veio para abraçar várias causas em prol da união do povo negro, principalmente na questão da solidão deste corpo, que é uma problemática que atinge a maioria da população negra. Contudo, na maioria das vezes, quando aceitamos fazer essa abordagem, somos direcionados automaticamente para reverberar sobre questões amorosas, mas a verdade é que a solidão do corpo negro nos afeta em todas as dimensões sociais. Talvez as mulheres sofram mais por pertencerem a um povo

que foi arrancado forçosamente do seu habitat para trabalhar nas plantações e por causa da separação colonial que criou o imaginário de que elas não possuíam o direito de amar, ocasionando a corajosa decisão de seguirem a trincheira em busca do amor próprio, como podemos observar no trecho a seguir:

Acho que na altura em que começamos a ter encontros secretos ele já tinha aquelas ideias na cabeça. Levei muito tempo a descobrir quem lhas(sic) inculcava(sic), mas confessou um dia, pouco tempo antes de partir. Falava-me de igualdade, justiça, liberdade e muitas outras coisas de que nunca ouvira (sic) falar antes. Via-se que quando abordava(sic) esses assuntos havia algo que o agitava por dentro e que por fora o tornava mais comunicativo, cada vez mais emotivo. Lembro-me de como ele me surpreendera(sic) um dia com um grito cheio de emoção, esquecendo-se que os nossos encontros eram secretos e que tudo o que tínhamos que fazer ou dizer um ao outro tinha que ser sem alvoroço, sem chamar atenção:

— Vamos ser africanos!

Não entendia o motivo de tanta emoção, mas via-se claramente que lhe era cara a ideia que estava por detrás dessa exclamação. Havia qualquer coisa de extraordinário que estava a acontecer com ele para ficar daquela maneira.

— Eu sou africana, e sempre fui... Ou pensas que isto aqui, isto que estás a ver, a minha pele, é pintura(sic) falsa? E tu, achas que és branco?

— Deixa de brincar que estou a falar a sério... Vamos ser africanos de verdade, entendes? Eu, tu, toda a nossa gente! E não é uma questão da cor da pele, percebes? Olha para mim, vamos construir a nossa nação africana e deixar de ser um apêndice dessa(sic) pátria multicontinental e plurirracial, ou sei lá como os tugas chamam isto agora... Estás a entender? (SILA, 2016, p. 35).

Além do mais, essa ideia pan-africanista, a de “vamos ser africanos de verdade”, nos mostra a força da ideologia política do PAIGC de Amílcar Cabral, que recusava o modelo de modernização eurocêntrica, apesar de ser o fruto dela, buscando nas raízes africanas uma nova base para o desenvolvimento do continente, e não ao contrário.

Sendo assim, percebe-se que a literatura teve um papel importantíssimo na construção da nação pós-independente e a literatura de Sila é tida “como uma metonímia da nação” (AUGEL, 2007, p.303). As produções literárias de Sila ultrapassam o conceito da ficção dialogando diretamente com a realidade social bissau-guineense, como também africana, ou seja, “encontram-se inevitavelmente na fronteira entre a história e a ficção” (ALVES, 2018, p. 48). Elas se configuram como um dos instrumentos utilizados para impulsionar esse projeto emancipatório, que o lema é luta, unidade e progresso, potencializando a literatura neste lugar da afirmação política e da ideologia nacional.

Para Abdulai Sila,

[...] a literatura desempenha um papel fundamental no processo de construção da nação, na consolidação da identidade nacional, no fomento da harmonia, da paz e justiça social, etc. Como componente da nossa cultura, a literatura é sem dúvida uma das *firkidjas*¹³ inalienáveis na nossa longa caminhada rumo ao desenvolvimento (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 4).

O escritor, desta maneira, nos mostra que a literatura serviu para despertar o sentido patriótico dos guineenses e incentivá-los a lutar pelo seu direito de liberdade e pela soberania do país. No entanto, esse grito de revolta literária de nacionalistas guineenses motivou a participação de outros cidadãos na causa que constituiu uma importante arma de combate no processo de luta da libertação nacional, pois, a partir dos escritos de nacionalistas, muitos guineenses foram sensibilizados e mobilizados. Nesse sentido, é importante frisar que a literatura está servindo para o resgate dos valores morais e cívicos, para a preservação da cultura e da identidade nacional, para a sensibilização da população, principalmente dos jovens, com o objetivo de apoiarem o processo de desenvolvimento do país.

Sendo Guiné-Bissau um país que vive num constante imaginação, pois, essa virtude nos ajuda a ampliar os modos de pensar usando a imaginação para trazer diferentes caminhos e soluções para solucionar problemas cotidianos. Por isso, acreditamos que a literatura, em especial a de Sila, pode ser um despertador para a resistência numa luta por espaço, pela valorização da cultura e pela construção da identidade de um país por muito tempo silenciado, como podemos perceber na fala de Jonh Jefferson do Nascimento Alves,

[...] as representações da tragédia adquirem acepções próprias que são consequências das experiências da Guiné-Bissau, produtos de traumas antigos e contemporâneos, como a colonização e o autoritarismo opressivo da sociedade pós-independência. [...] O fato é que essa literatura se torna o espelho das vozes reivindicadoras e toma foco em seu estilo inovador e dinâmico, estratégia que busca despertar na população uma linguagem única, um sentimento e uma identidade nacional. [...] Nas obras de Abdulai Sila o nacionalismo ou a cultura nacional parece não ser apenas um fator biológico, étnico/racial, ou social que nasce com o indivíduo, mas um sentimento que é construído em suas obras o que leva tanto o guineense quanto leitores estrangeiros a comungar de sentimentos semelhantes. Os artefatos nas obras de Sila trazem explícitas percepções prementes do resgate e estruturações do ideal nacional dando a elas configurações pedagógicas que se observam nas entrelinhas, nas falas das personagens, na explanação de algumas questões ligadas à moral e na língua, mais especificamente no crioulo, onde o autor

¹³ Pilares ou forças que nos guia (tradução nossa).

consegue criar um cenário em que as misturas fonéticas, sintáticas e lexicais se encontram com o português, dando originalidade à literatura nacional (ALVES, 2018, p. 14).

Nesta perspectiva, Alves nos mostra como as tensões entre o passado, o presente e o futuro são manifestadas por meio de uma narrativa que traz elementos culturais, filosóficos, sociológicos e históricos da sua época, evidenciando as problemáticas da sociedade guineense, que começou com a luta pela independência e se estendeu ao período pós-colonial, se transformou num campo de disputa militar, política e econômica, e transportou, assim, toda a idéia do patriotismo e nacionalismo para o abismo. Esse ideal do nacionalismo revolucionário, baseado nos princípios de Cabral e do pan-africanismo, é totalmente ao contrário do que se vê hoje na sociedade guineense. As lutas pessoais ou *kin ku mas djiru ou kin ku mas te ne tchiu*¹⁴ falam ainda mais alto. Por isso, parece-nos que essa questão nacional está mais concentrada na representação cultural e identitária, todavia muito longe ainda da questão ideológica almejada por Cabral. Este, por sua vez, desejava que todos os guineenses se comprometessem com o desenvolvimento nacional.

Como manifesto, crítica social, denúncia e fonte de manifestação ideológica, ao nosso ver, as obras de Abdulai Sila possuem um engajamento muito forte ao ligar a literatura com a vivência dos guineenses, aproximando esse ambiente da realidade deles e exprimindo um caráter humanizador. Por isso, pensar a literatura considerando o seu caráter de formação é pensar na constituição do povo e na organização da sociedade. A literatura e a leitura estão conectadas, já que uma precisa da outra para se manterem e são fundamentais para a construção de uma sociedade democrática.

Neste sentido, Sebastião Marques Cardoso afirma que:

Abdulai Sila é um escritor africano que fala diretamente ao leitor no momento de insegurança de seu país em relação ao futuro. [...] A vivência de Sila o tornou um homem profundamente — híbrido. [...] Sila aponta, através da literatura, para a transformação do poder pós-colonial autoritário em autoridade partilhada, tendo como princípio basilar uma democracia plena, voltada à emancipação de todos os indivíduos (CARDOSO, 2013, p. 264; 272-276).

Então, a partir da leitura das suas obras, estaremos diante de uma produção literária que cria possibilidades de conhecimento do mundo e reconhecimento de si também, ou seja, a

¹⁴ Quem é mais inteligente ou quem tem mais recursos (tradução nossa).

escrita deste autor nos possibilita criar imaginações não só pela nossa vivência, mas também com o propósito de sonhar para produzir mundos diferentes. Por isso, a literatura é o lugar onde falamos como seres humanos. Segundo Erica Cristina Bispo,

Abdulai Sila tece, literariamente, uma memória que é sua e, ao mesmo tempo, coletiva; focaliza dois momentos diferentes do país: a década de 1950 e a de 1980-1990, respectivamente período colonial e do pós-independência (BISPO, 2014, p. 46).

Esses momentos correspondem à organização e à luta de libertação contra o império português, à consolidação do partido único no poder, o PAIGC, e ao período da redemocratização da Guiné para as primeiras eleições livres e transparentes. Por conseguinte, podemos perceber essa cronologia principalmente em *A Última Tragédia* (1995), *Mistida* (1997), *As Orações de Mansata* (2007) e *Memórias SOMânticas* (2016), como também em outras narrativas dele, como Bispo pontua mais uma vez:

[...] o autor afirma que esse foi um livro que continha aquilo o que ele queria dizer naquele momento. O enredo metaforiza o momento político vivido pela Guiné-Bissau, quando se alarga a distância entre os discursos de Amílcar Cabral, pai da nacionalidade guineense e líder da luta pela independência do país, e a prática dos políticos que assumiram o governo (BISPO, 2014, p. 92).

Essa metaforização está na fronteira entre a narração e a vivência, enraizada na cultura popular. Ademais, os enredos de Sila conseguem proporcionar um espaço de reflexão para repensar o projeto político e ideológico elaborado por Amílcar Lopes Cabral para a Guiné-Bissau e para Cabo-Verde ao trazer para o centro do debate discursivo a ressignificação do passado colonial e a leitura da nação guineense por meio da solidão nacional, bem como ao abordar, de forma poética e ficcional, as angústias que o país vivenciou e a forma como essa geração pós-colonial tem colocado o país nas ruínas, “mostrando sua capacidade de vincular o tradicional e o cultural com aspectos políticos em diferentes contextos sócio-históricos” (FREITAS, 2019, p. 73).

Para Valandro, “Sila inova formalmente” (VALANDRO, 2010, p. 50). Faz uso de um grande número de alegorias, a linearidade dá lugar ao caos e a fragmentação da(s) história(s) é tamanha que leva Teresa Montenegro a caracterizá-la como “uma narrativa pós-moderna” (VALANDRO, 2010, p. 50). Essa inovação pode ser percebida no momento em que ele

decide fazer da sua escrita algo além do texto, transformando-a em uma expressão artística que possibilita ser também vivência nos palcos do teatro, como podemos perceber na fala da personagem principal do livro *Memórias SOMânticas*:

Nunca escondi as minhas ambições. Onde está o sentimento de liberdade se o que mais ambicionamos tem que ser escondido ou disfarçado? Pior ainda, privatizado. Quero que tudo o que ambicione de verdade seja também pretendido pelos meus próximos, acessível a todos, valorizado por todos (SILA, 2016, p. 11).

Percebe-se que a crítica do autor é direcionada para a forma que a nação tem sido guiada após a independência, deixando de lado a ideia da unidade, transformando-se no individualismo exacerbado baseado nos roubos aos cofres públicos e mantendo o povo na miséria total. Essa ambição ou desejo que Sila nos reporta, por meio das suas narrativas, é um sentimento nutrido por muitos guineenses que ainda acreditam na liberdade, justiça e progresso de todo o povo pertencente à Guiné-Bissau e não só para uma cúpula da sociedade.

Por isso, acreditamos que a literatura possa contribuir para que esses eventos sejam realizáveis e produtivos. Isso porque a literatura se apropria de outros gêneros discursivos, rompendo barreiras entre o tradicional e o moderno, além de trazer novos parâmetros para a cultura local, assim como Sila faz ao escorrer a sua escrita por todos os labirintos da sociedade guineense e, se olharmos para os acontecimentos históricos por toda África, por toda sociedade africana; algo que nos provoca profunda reflexão enquanto intelectuais e críticos do sistema em vigor.

Para Inocência Mata,

É por isso que não espanta que o crítico literário se deixe seduzir por esse entrelaçamento de sistemas de valores, de sabores e de saberes, muitas vezes exponenciado pela comunidade receptora, que é condicionada por, e reivindica, uma identificação com o universo ficcionado. É que não raro é apenas por via da literatura que as linhas do pensamento intelectual nacional se revelam, e se vêm revelando, em termos de várias visões sobre o país e identidades sociais, colectivas e segmentais, conformadas nas diversas perspectivas e propostas textuais. Pensemos, por exemplo, nos “nossos” cinco países, durante o regime monopartidário, em que a liberdade de expressão estava cerceada em nome de desígnios ditados pela consolidação pátria: foi a literatura que “nos” informou sobre as sensibilidades discordantes, os eventos omitidos do discurso oficial (como os dos romances *O dia das calças roladas* e *Maio, mês de Maria*), as vozes em dissenso, as visões menos monocores, menos apologéticas e menos subservientes ao Poder político. O ponto de partida desse protocolo de transmissão de

“conteúdos históricos” é a ideia de que o autor – em pleno domínio e responsabilidade sobre o que diz, ou faz as suas personagens dizerem – psicografa os anseios e demónios de sua época, dando voz àqueles que se colocam, ou são colocados, à margem da “voz oficial”: daí poder pensar-se que o indizível de uma época só encontra lugar na literatura (MATA, 2008, p. 2).

Assim, constata-se que, por meio da literatura, abre-se a possibilidade de se pensar as funções da linguagem em seus usos sociais e estéticos e as trocas possíveis entre essas esferas da comunicação e da expressão humana. A diversidade de gêneros textuais de que a literatura se apropria é acompanhada também pela representação da diversidade cultural entre o tradicional e o moderno, que se dá através da relativização de posições em que a cultura hegemônica acaba ditando o que está dentro do erudito, do centro, do global, classificando outros como o marginal (popular, periférico, nacional, regional).

Ainda de acordo com Mata,

[...] o texto literário, como representação artística do imaginário cultural, é um desses documentos e, como tal, um objecto simbólico muito importante na construção da imagem da sociedade, sobretudo em espaços políticos emergentes, que vivem de forma por vezes ambígua e tensa a sua pós-colonialidade (MATA, 2008, p. 3).

Nota-se que a literatura produzida por Abdulai Sila aparece como uma chave de leitura interpretativa dos processos da invasão colonial, da pós-independência e da pós-modernidade no continente africano. Sua importância é evidente e assume uma posição de destaque ao longo de todo o romance *Memórias SOMânticas, corpus* dessa pesquisa, na medida em que são lembrados os momentos vivenciados durante esse processo, como podemos perceber na citação a seguir:

[...] desse grande sonho de nós também termos brevemente a nossa Independência, o nosso Estado, o nosso Governo, a nossa Rádio e Televisão Nacional, o nosso Syli Nacional, o nosso Ballet Nacional. Tudo Nosso! [...] Lembrei-lhes que tal como o Partido dizia, dentro de pouco tempo a guerra ia acabar, o nosso país ia ficar livre, e voltaríamos para a nossa terra onde cada uma de nós teria o seu lar, num bairro moderno, construído de raiz (SILA, 2016, p. 47 e 49).

Depois da independência, tudo continuou da mesma forma, aliás até hoje, por causa das cicatrizes deixadas pelo sistema colonial e herdadas de forma irracional pelos

independentistas do PAIGC, os quais conduziram por mais trinta anos um regime militar do partido único, deixando os próprios combatentes do PAIGC na miséria por mais de quarenta e cinco anos. Apesar de não concordar com cinquenta por cento das práticas do atual regime, é importante sinalizar também o esforço que o presidente da República vem fazendo, ao longo da sua governança, em todos os domínios sociais, principalmente no que diz respeito ao pagamento do salário dos funcionários públicos e ao reajuste salarial dos combatentes de liberdade da pátria; o que não é nada comparando com outros países da subregião.

Apesar do elevado índice de corrupção em todas as esferas da dimensão pública, em que a educação, saúde, saneamento, infraestrutura são quase zero, para piorar, vive-se ainda a dicotomia do pós-colonial e pós-moderno, uma vez que a maioria da população não tem a mínima noção do que é tradicional e moderno, sendo, ao nosso ver, uma relação de matrimônio. Toda a reflexão sobre pós-modernidade é de certa forma incontornável para se pensar o pós-colonial. Voltando ainda a Edward Said (2005), a guinada pós-moderna é matricial para entender a relação entre discurso, poder e saber na perspectiva dos territórios colonizados e na relação entre império e literatura.

Para Said,

Há algo fundamentalmente desconcertante nos intelectuais que não têm escritórios seguros, nem território para consolidar e defender; por isso, a auto-ironia é mais frequente do que a pomposidade, a frontalidade melhor do que a hesitação e o gaguejo. Mas não há como evitar a realidade inescapável de que tais representações por intelectuais não vão trazer-lhes amigos em altos cargos nem lhes conceder honras oficiais. É uma condição solitária, sim, mas é sempre melhor do que uma tolerância gregária com o estado das coisas (SAID, 2005, p. 17).

Outrossim, esses intelectuais de máscaras brancas que acabam assumindo os palanques e holofotes na diáspora africana, falam de uma luta ou causa que não sabem e nem sequer têm noção de como e onde começou. Tentando navegar o tempo todo em cima da ideia de um intelectual africano diferenciado, que, na verdade, é a pura imitação da colonialidade, entregam-se de forma fiel ao pensamento ocidental e aproveitam todas as oportunidades para falar e cativar o público, mas evitam a ideia do intelectual rebelde ou radical, deixando os rastros de aculturação provocados pela modernidade forjada e sustentada pelos conceitos de pós-moderno, pós-modernismo e pós-modernidade.

Podemos, desta maneira, pensar a literatura como algo que transcende o real e a materialização da palavra por meio de uma escrita criativa e artística que compreende o imaginário sócio-histórico de um determinado contexto, conforme as palavras de Abdulai Sila:

[...] o escritor tem uma missão especial em todas as sociedades, na nossa ele tem responsabilidade acrescida. É que no processo de construção da nação guineense, dadas as suas especificidades, espera-se do escritor um contributo particular em domínios concretos, em tarefas sensíveis e inadiáveis, nomeadamente na descolonização das mentes, no fortalecimento da identidade nacional, na perpétua (re)construção de um imaginário coletivo, propulsor do senso de dignidade e de humanismo (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 2).

É possível verificar que essa missão de Sila, em relação ao fazer literário na Guiné-Bissau, parece uma correnteza do Saltinho com o oceano pacífico¹⁵ ao mergulhar sem volta nas problemáticas que o país herdou após a independência. O escritor transmite os desejos de liberdade de uma sociedade, denunciando o modelo de repressão e violência adotado pelos independentistas do PAIGC. Como descolonizador das mentes, a preocupação do Sila não é somente com o sistema colonial, mas também com a forma como esse projeto bárbaro foi herdada de maneira voluntária pela elite governamental do PAIGC na ressignificação da memória do passado guineense. Sila, assim, busca estimular a ocupação de todos os centros socioculturais pelos cidadãos guineenses, através das suas narrativas, proporcionando a criação de novos universos. Essa busca pela inserção em todos os espaços de produção de conhecimento tem o poder de gerar, conseqüentemente, o protagonismo do povo guineense, passando a ser a voz da sua própria história.

Segundo Semedo, “falar da literatura guineense significa abordar questões da história e da identidade da e na Guiné-Bissau; e isso pressupõe reunir os elementos dispersos da memória coletiva desse país” (SEMEDO, 2011, p. 17). Entende-se, portanto, que falar de literatura guineense é também navegar nas entrelinhas da oralidade/escrita, no simbolismo, no realismo ficcional e nas subjetividades regionais, que são marcas dessas produções literárias.

Para Augel,

[...] a produção de recriação está longe de mudar totalmente de rumo, dado que os escritores guineenses continuam atrelados às convulsões sociais e aos

¹⁵ É o nome da ponte que liga as águas do rio Corubal na Guiné-Bissau.

acontecimentos políticos. Esse facto acaba por fazer da literatura guineense não só o espaço de manifestação estética, mas também o lugar de intervenção e de diálogo entre o escritor e o seu público leitor, apesar de este último, ainda constituir um número infinito, comparado com o público leitor de alguns países africanos de língua portuguesa. [...] Os atalhos da nossa história são as nossas memórias construídas a partir de uma literatura atenta às questões sociais e ser delas testemunha para as gerações mais novas. [...] Nesta senda, os escritores guineenses revelam-se portadores de cartas e de máscaras; valem-se de memórias no seu processo criativo, percorrem os trilhos do quotidiano, auscultam tensões, reescrevendo e reinventando outros rastros da história. Deste modo, os caminhos da escrita mostram-se por vezes, tortuosos, marcados por gentes, situações e imagens que só esses artistas conseguem dissimular nas entrelinhas dos seus escritos. É, pois, a evidência de uma ligação intrínseca entre o fazer literário e os acontecimentos históricos, sociais e políticos que, muitas vezes, torna difícil discernir o fio que separa o real da ficção, assim como os caminhos projetados a que esses atalhos da história conduzem. [...] E quantas vezes os textos tomam feição de premonição? Mesmo quando se trata de uma reescrita, como é o caso de *As Orações de Mansata* (2007) de Abdulai Sila, em que este autor faz uma adaptação de *Macbeth* de William Shakespeare, dando ao texto uma tonalidade africana e um cunho guineense. Muitas vezes, a história do povo e os seus escritos se entrelaçam num tecer em que artistas e escritores se mostram trovadores e artífices da construção da nação. Ali a ficção e a história se misturam, pelas mãos dos autores, enevoando o limite entre os campos (AUGEL, 2011, p. 20-21).

Porém, o que diferencia a literatura guineense das outras literaturas no sentido positivo são essas nuances sociais que fazem da primeira uma verdadeira arena de convergência da diversidade cultural do povo guineense, que se manifesta em forma de *djambadon*¹⁶. Por isso, os escritores guineenses procuram a memória histórica como fonte de rejuvenescimento das suas narrativas para estarem mais atentos às questões socioculturais do país, dando voz àquelas que foram deixadas à margem da sociedade. Assim, a literatura guineense aparece como o contraste que rasura as fronteiras do conhecimento ao mexer com as normas estabelecidas através da oralidade. Percebe-se que os escritores guineenses usam de todas as ferramentas que possuem para fazer da literatura desse país não só uma ferramenta de emancipação, mas também um veículo de produção de conhecimento construído pelos nacionais e “diluindo assim as fronteiras do obscurantismo e provocando, mundo afora, outras bocas que falam e outros olhos que olham para a instigante realidade cultural do país” (QUEIROZ, 2011, p. 153).

Em relação a Sila, pode-se dizer que as suas obras nos enchem de vida para que possamos continuar a sobreviver às tragédias do passado e projetar o futuro através da

¹⁶ Manifestação cultural caracterizada pela dança, canção e liberdade de expressão corporal (tradução nossa).

imaginação. A dimensão estética, dramaturgica e ficcional das suas narrativas nos faz entrar num mundo de sonhos, onde a liberdade custa muito caro e o seu preço vale qualquer coisa, onde os animais falam e as crianças são proibidas de viver as suas infâncias. Nesse mundo dos grandes, na maioria das vezes, as coisas reais parecerem ficção, principalmente para as pessoas que não conhecem essa vivência.

Portanto, a literatura representa uma força constante nas suas produções ao trazer as representações da realidade, o debate, as questões socioculturais que ainda fazem parte do modo guineense de ser, como aponta Augel: “é de preceito fazem-se consultas ao baloeiro ou moro mulçumano, antes de uma decisão importante, por exemplo, na escolha de um régulo, antes da colheita, num momento de angústia ou dificuldades familiares, e assim por diante” (AUGEL, 2007, p. 95). Esses preceitos tornaram-se um sincretismo religioso muito forte na sociedade guineense, pois permitem uma relação saudável entres os fiéis de diferentes correntes religiosas sem violência ou desrespeito, possibilitando que os adeptos da religião muçulmana tenham acesso ao baloeiro e adeptos da religião católica e outras tenham também acesso ao moro para consultas em relação à vida profissional, a viagens, à previsão de colheita, entre outros, fazendo da escrita guineense

aquela que brota das canetas dos *djidius*¹⁷, espelha uma identidade própria e distinta das literaturas em língua portuguesa, cada vez mais amadurecidas. A literatura da Guiné-Bissau em língua portuguesa urge ser conhecida e estudada além fronteiras, para que assim possa ser erguida e reconhecida (BESSA, 2011, 172-173).

Abdulai Sila se enquadra na lista dos intelectuais que dialogam com “os pós-colonialistas (que) encaram o passado enquanto caminham para o futuro. [...] O passado colonial está sempre presente e palpável” (HAMILTON, 2009, p. 17). Essa resignificação do passado é uma estratégia estética e ideológica quando, então, tomamos a obra *Memórias SOMânticas* (2016) como um dos exemplos para pensarmos as interfaces entre o passado/presente e o visível/invisível. Ademais, resignificar a história da Guiné-Bissau num discurso mergulhado nas memórias subterrâneas, alimentadas nas vivências memorialísticas nacionais à procura da concepção da guinendade, tem sido o objeto das narrativas históricas

¹⁷ No crioulo da Guiné-Bissau, “Djidiu” significa contador de histórias. Não de qualquer história, o Djidiu é o responsável por passar as histórias de uma geração para outra, é um músico, um artista que só pode dizer a verdade.

de Sila no sentido de repensar a identidade nacional da Guiné-Bissau, provocando debates literários, como podemos perceber no trecho abaixo:

Eu vi amor, paixão, entrega e determinação a germinarem, a manifestarem-se em todo o lado. Nos guerrilheiros e na população. Nas canções e no choro. Até no olhar das crianças mutiladas, que prematuramente perdera o brilho da inocência. Vi guerrilheiros com lágrimas nos olhos, homens adultos a chorarem como bebês. [...] No escuro da pátria ainda subjugada, detectei uma tremeluzente luz projetada num horizonte não muito distante, que revela e confere o estatuto de cidadão obreiro da sua própria nação a quem ao encontro dela progride (SILA. 2016, p. 78).

Esse sentimento de pertença, que Sila nos fala por meio das suas narrativas, mostra que os guineenses estavam unidos e valentes na luta contra todos os tipos de opressão colonial e no fortalecimento da nação, que foi forjada na violência física, política, econômica e cultural contra os cidadãos locais. Porém, eles não baixaram os braços, mantiveram-se fortes e unidos lutando e sonhando com uma pátria justa, onde os seus cidadãos viverão de forma livre e sem o cartão de primeira, segunda ou terceira classe.

Neste sentido, a posição de Sila parece ser clara, tendo em conta o seu alto nível de patriotismo. Leva-nos a crer que ainda há uma solução para remediar esta crise instalada pela elite de pele negra e máscara branca que governa a Guiné-Bissau desde 1973/74 até os dias atuais, mas se recusa a passar o bastão para as novas gerações dos quadros nacionais para continuar mantendo os seus vícios e luxos exacerbados. Por isso, o escritor preferiu se abster desse meio, optando por construir o seu caminho de uma forma limpa e transparente, sabendo das dificuldades, injustiças e prejuízos que esta decisão ia lhe trazer, como, por exemplo, a censura dos seus textos, em especial *A última tragédia* (1995), cuja publicação só foi possível devido à reabertura democrática do país em 1990, culminando com as primeiras eleições livres em 1994.

Mesmo contribuindo nas áreas tecnológicas e sociais, Sila manteve-se crente de que a literatura pode ser uma ferramenta importantíssima para o desenvolvimento humano e na preservação da memória e identidade cultural do nosso país. Para ele, a vontade de escrever:

nasceu da necessidade de me comunicar com alguém, um irmão, que não estava... No começo escrevia para relatar o que acontecia no dia-a-dia e sobre os nossos planos comuns. Com o tempo fui fantasiando cada vez mais; já não era o relato do que acontecia, mas o que gostaria que acontecesse, a

visão de um mundo que pouco ou nada tinha a ver com o que era a realidade vivida (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 2).

Verifica-se que, para Sila, a literatura brotou através de um sentimento afetivo e memorialístico, um sentimento que busca recordar o passado e ao mesmo tempo retrata a realidade do presente. Ele traz para sua escrita uma abordagem do jeito guineense de ser e uma visão do mundo imposta ao longo de anos e anos de invasão portuguesa na Guiné-Bissau, que não tinha nada a ver com o *modus operandi* da sociedade bissau-guineense. As suas narrativas buscam trazer o sentido da vivência da vida de acordo com o conceito de guinendade, que ele próprio ajudou a criar e divulgar. Por isso, destacou-se como um intelectual, embaixador da cultura e porta-voz do povo. Nota-se, nas suas obras, a constante busca em dar voz àqueles que foram colocados à margem da sociedade como *Talibes*¹⁸, *Katanderas*¹⁹, *Muros*²⁰, entre outros, que trazem a representação do cotidiano guineense. O autor dá ênfase o tempo todo ao potencial imaginativo que a literatura proporciona aos leitores, mantendo a tradição de escrever sobre memórias que marcaram profundamente o país em virtude de corrupção, desigualdade social e de gênero, fome, abandono, doenças e outros fatores que assolam o país ainda em pleno século XXI. Assim, o leitor é levado a retomar um fato já passado, porém, não concluído. A fragmentação do texto reflete as próprias consequências da guerra, que separa vidas, famílias e povos.

No que diz respeito à questão da lusofonia, percebe-se que Sila tenta marcar a sua posição estética dentro desta demanda, escrevendo de uma forma aportuguesada e desportuguesada, gerando a sua própria marca na escrita literária dentro de um conjunto de territórios de expressão portuguesa em que todos precisam de vistos para terem acesso à capital da lusofonia. Assim, vê-se ambiguidade em relação à escolha do autor sobre as normas desta língua lusa em suas narrativas, como “*os mais velhos diziam que bom konbersa ki ta tisi kon matchu kasa*”²¹ (SILA, 2016, p. 48). Estas marcas da sua escrita são para que outros compreendam que os guineenses amam suas línguas, por isso, deve-se ter um entendimento de que o mosaico linguístico guineense engloba mais de 25 línguas locais, e a lusofonia, no contexto social bissau-guineense, é apenas uma destas entidades linguísticas.

¹⁸ *Talibes* são discípulos de escola corânica na Guiné-Bissau (tradução nossa).

¹⁹ *Katanderas* são adolescentes do sexo feminino que servem uma baloba ou terreiro (tradução nossa).

²⁰ Traduzindo para o português, equivale a videntes (tradução nossa).

²¹ Como os mais velhos diziam, é com uma boa conversa que podemos trazer chimpanzé para casa (tradução nossa).

Ademais, estas marcas da identidade guineense em suas obras configuram-se como uma reivindicação de espaço e de sobrevivência para que este projeto não coloque as línguas locais à margem. Assim, nota-se que Sila não é contrário ao uso da língua portuguesa, mas se opõe à ideia lusófona da homogeneização, pois, isso tenta acabar com a diversidade linguística que é uma das potências da Guiné-Bissau.

Nesse sentido, a guinendade nasceu dentro deste processo de disputa e acabou se tornando uma marca de resistência que renasceu das cinzas da luta armada, de maneira que ultrapassou as armadilhas impostas pelo sistema de colonização portuguesa ao longo do tempo. Desta forma, segundo Henrique Freitas, “é preciso forjar os saberes nas margens e para as margens, a fim de dar vazão às dobras que, em pensar as literaturas africanas em outras redes que não a da escrita lusófona” (FREITAS, 2016, p. 91). Contudo, é importante ressaltar que Freitas vai além de um campo de conhecimento ao propor que as literaturas africanas saiam desse lugar de “conforto” que é a lusofonia, fazendo chegar esses saberes para outros campos do conhecimento acadêmico e científico, assim como Sila faz ao entrar no campo de produção francófono, anglófono e, agora, alemã, com a tradução da sua obra *A última Tragédia*, e, *a posteriori*, em línguas locais.

Então, podemos compreender a literatura como tudo aquilo que é produzido de forma escrita ou oral, com uma organização específica de ideias em caráter literário/artístico, que faz uso de uma narrativa em forma de poemas, contos, crônicas, romances, teatros e outras formas, para expressar o nosso íntimo ou algo social com os outros. Nota-se, ainda, que Sila participa de forma efetiva e dinâmica do debate intelectual da sua época em torno de várias questões que perpassam a sua vivência enquanto engenheiro das letras. Ao assumir seu trabalho como um instrumento de reflexão social, estampa, nas suas narrativas literárias e extraliterárias, um olhar próprio da nação, buscando produzir um sentimento de pertença, do qual é um dos embaixadores, como é possível constatar na entrevista concedida a *Fecongd*, chamando atenção sobre o ensino da literatura na Guiné-Bissau. Para Sila (2017), ensinar a nossa literatura nas nossas escolas não se resume somente ao aspecto literário ou estético, mas a um exercício de educação cívica, porque a literatura não tem somente um aspecto lúdico; tem, antes de tudo, uma questão de formação de identidade.

E, num momento em que estamos perante desafios tão complexos, em que a própria existência do país como tal está, de certa forma, comprometida, o processo de construção da nação está tão baralhado, a literatura poderia contribuir bastante para criar essa sensação de pertença comum, da memória

coletiva, de todos esses elementos que constituem a base da identidade nacional (SILA, 2017, p. 5).

O estilo de identidade nacional, compartilhado por Sila, foi produzido em associação às escolas literárias políticas e intelectuais em relação às quais ele se identifica. No entanto, o sentido da guineidade expressa em suas narrativas diz respeito ao desejo de “ter um país onde a paz e o progresso sejam as pedras angulares” (SILA, 2017, p. 4). Neste sentido, a memória histórica e os meios intelectuais em que Sila havia se inserido nos primeiros momentos da sua carreira, por exemplo, influenciaram substancialmente o modo como ele elaborou o seu primeiro livro, publicado com sucesso, como podemos notar no seguinte trecho: “Do que mais gostei foi o ambiente que descobri e os ensinamentos que tive naquela base durante os dias que passei lá” (SILA, 2016, p. 78).

Assim, ainda que a identidade nacional apresentada seja uma fantasia não realizada, ela não deveria ser diminuída ou desacreditada, porque, na sua peculiaridade, tanto na ficção como na realidade, não deve ser tomada como uma instância independente, dissociada. Por este motivo, pode-se definir Sila como um artista de pertença nacional, que procura unir o presente com o passado ao usar a sua habilidade de recriar a realidade de acordo com o seu ponto de vista, assumindo, assim, uma posição política em todos os seus livros, além de buscar romper com estereótipos e trazer visibilidade para as mulheres guineenses.

Esse engajamento político de Sila se dá justamente pela reivindicação de sua autonomia, diante do olhar colonial, ao denunciar a segregação e as novas formas de dominação. Portanto, a literatura desse escritor guineense tão importante é o olhar das suas vivências em um processo de disputa e reafirmação contra o discurso colonial, chamando atenção também para a colonialidade do poder e saber, segundo Aníbal Quijano (QUIJANO, 2005, p. 126).

2.2 ABDULAI SILA E A MEMÓRIA NACIONAL

Sou um simples africano que quer viver a sua época e pagar a dívida que tem com o seu povo (CABRAL apud SILA, 2021, p. 3).

Abdulai Sila, servindo-se da fala do lendário Amílcar Lopes Cabral, que foi líder e fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde – PAIGC, busca trazer em suas narrativas a questão da identidade, da memória, da violência e do machismo, para além de outras temáticas, ao retratar a vida daqueles que foram abandonados na sociedade guineense.

No entanto, sua vida e obra foram marcadas por muitas influências culturais que ultrapassam as fronteiras nacionais e internacionais. Suas obras e discursos transcendem os limites estéticos de uma obra literária e transitam entre a arte e as ações políticas, dialogando diretamente com os modelos de governança da sociedade guineense.

No que diz respeito à questão dos recursos dialógicos da literatura de Sila com outros saberes, percebe-se que as suas obras estão diretamente ligadas às problemáticas sociais que redimensionam as relações clássicas entre literatura e outros sistemas culturais, como, por exemplo, o teatro e a performance. Suas produções, de certa maneira, apresentam as suas várias formas de participação na política cultural guineense e internacional, evidenciando as cenas do cotidiano nacional, como a subalternização feminina, conforme a citação a seguir:

Preso a esta velha e esfarrapada cadeira de rodas, vejo todos os dias o sol a nascer e a cair, suscitando sentimentos tão genuínos quanto antagônicos. Quer que seja na época chuvosa ou na seca, há sempre luz, vigor e certeza a alentarem com esperança, cor e pureza. Gratuito e harmonioso, gosto deste espectáculo. Adoro-o! Faz-me pensar na diva depois da vida, essa sensação de redenção que me ilumina o coração e que me leva longe de mim. Me leva num momento e traz de volta no seguinte, deixando como único vestígio a renovada certeza de uma aurora colorida. Apraz-me indagar por onde andará o sol quando desaparece num lado e depois reaparece no lado oposto. Todos os dias, com toda a exuberância. Que cor teria a vida humana se imitássemos o sol? [...] Hoje posso afirmá-lo com toda certeza, embora duvidasse. Empenhadas em fazer-me diferente, tentaram moldar-me seguindo modelos próprios, díspares e de certa forma antagônicos, mas no fim todas se renderam com uma justificação trivial. Nisso, só nisso e em muito poucas outras iniciativas, foram unânimes (SILA, 2016, p. 12-13).

No entanto, constata-se duas visões de mundo em formatos diferentes: em primeiro lugar, a partir do olhar da opressão e da crueldade que norteiam as relações pessoais e, em segundo, a forma com que os escritores são bastante sensíveis a esta problemática. Por isso, Sila assume em suas narrativas um posicionamento de denunciar a violência como um elemento intrínseco à criação literária.

Este universo imaginário que Sila nos mostra constitui uma versão singular do mundo, já que depende de cada subjetividade. Assim, a noção de distância une tempo e espaço e toda

uma série de relações se estabelecem em torno do sujeito e, por meio dele, demonstra-se a experiência adquirida, configurada em paisagens que se apresentam à consciência, pela memória ou pelo desejo de ser igual ao sol.

Ao lançarmos um olhar para as produções literárias de Sila, identifica-se que o mesmo assume o compromisso de dar voz e lutar contra todos os tipos de violência contra a mulher. Além de ser uma das principais marcas do livro *Memórias SOMÂnticas*, ela se faz presente em diversas obras. São textos que, ao explorarem tanto a violência física quanto a psicológica, apresentam uma linguagem fria, permeada de fragmentações e que violentam uma ideia de linearidade e coerência. Estas características podem ser aproximadas das considerações elaboradas por Conceição Evaristo (2016), em seu livro *Olhos D'água*, como podemos verificar a seguir:

As ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. Salinda, por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada, embora às vezes pensasse que ele nunca faria nada, caso ela o deixasse de vez. Aprendera, desde então, certas artimanhas, sondava terreno, procurava saídas (EVARISTO, 2016, p. 53).

Nota-se que Evaristo traz em sua obra uma personagem que vivia entre a cruz e a espada por medo que tinha do seu companheiro. Situação essa vivida por muitas mulheres por causa das premissas impostas por alguns homens machistas, colocando-as em uma posição de subalternidade, como se as mulheres precisassem sempre do homem para fazer tudo. Além disso, Evaristo nos mostra que a violência, que bate na porta das mulheres, revela uma parcela da sociedade ainda à mercê dos homens e de sua força física. Força movida pelas concepções patriarcais que continuam impedindo uma evolução social devido ao lugar de “conforto” que o poder do falo produz.

Para Constância Lima Duarte (2014), a “escrevivência” de Evaristo tem “a força de um soco”, justamente por trazer para o texto um olhar poético sobre a experiência da subalternidade capaz de articular a “ficção-verdade” com uma característica lírica. Para ela, os contos “só confirmam a coerência da opção estética da escritora que, mesmo em cenas de extrema degradação humana, não perde o equilíbrio entre a sugestão de estados líricos e a intenção documental” (DUARTE, 2014, p. 190). E prossegue: “escrever a existência” implica

o desafio de “transcender o biográfico”, desafio que “está na base” de uma escrita “comprometida com a história coletiva” (DUARTE, 2014, p. 197).

Sendo assim, além de física, a violência pode ser simbólica e está relacionada à questão estrutural herdada do patriarcado colonial, em que os lugares e papéis sociais eram e continuam sendo pré-definidos pelo gênero. Assim, as mulheres ficavam responsáveis pelos afazeres domésticos e pelos filhos, enquanto os homens trabalhavam fora, cuidavam das finanças e das demais tarefas que eram incumbidos. Esse padrão da vivência, tido como o ideal no contexto familiar, perpetuou-se por séculos e séculos até que este *modus operandi* começou a ser questionado pelas mulheres na sociedade, como faz a personagem principal de *Memórias SOMânticas* (2016), como podemos ver na seguinte citação:

Mas será que uma mulher tem que pertencer sempre a um homem? E se aquilo que ia vendo aqui e ali, de uma forma flagrante ou dissimulada, fosse a resposta? Não podia haver uma forma mais harmoniosa de relacionamento, um outro tipo de convivência que não a baseada na dominação? A noite e o dia coabitam pacificamente, dando cotidianamente lições de complementaridade. Por que não se valoriza esse ensinamento? Por que tanto culto de autoridade se é na harmonia que está o verdadeiro sentido da vida? [...] Queria uma resposta que me sossegasse, que me desse esperança no amanhã, que me fizesse esquecer o fardo de um passado de submissão e apontasse a emancipação como meu destino certo (SILA, 2016, p. 33).

É interessante a forma como Sila agencia a voz das pessoas que são invisibilizadas na sociedade através das suas narrativas, brincando com as palavras para sufocar os opositores que não gostariam de ver determinadas temáticas e realidades sendo transformadas em obras literárias. A personagem principal e narradora da história de *Memórias SOMânticas*, desde a adolescência, começou a questionar a ordem social das coisas, situação que deixava a sua mãe preocupada por causa da violência e machismo que as sucumbiam, bem como também deixava o padrasto enfurecido com os seus questionamentos. Nesta ótica, Sila busca dar uma visibilidade e legitimidade diferente para essa parcela da sociedade historicamente inferiorizada na sociedade guineense. No que tange a este assunto, Semedo afirma que “as cantigas de mulher, por exemplo, revelam-se como o lugar de expressão de tensões individuais e coletivas” (RIBEIRO; SEMEDO, 2011, p. 11). Sendo assim, são essas vozes femininas e subalternizadas da sociedade guineense, assim como da África, que ecoam pensamentos, sentimentos das vivências afetivas e protestos contra todos os tipos de discriminação e violência.

Abdulai Sila é autor de quatro romances e quatro peças de teatro, sendo o primeiro romance intitulado *Eterna Paixão* (1994), que narra sobre a euforia e a desilusão do povo nos anos posteriores à independência do país, proclamada em 1973 e reconhecida em 1974 pelo Estado português. O segundo trabalho chama-se *A última tragédia* (1995), que alude ainda ao período colonial. Esta segunda obra conta a história de N'dani, uma adolescente que é obrigada a se aculturar, tendo que abrir mão de seu nome (passando a chamar-se Daniela) e até de suas crenças religiosas quando se converte ao catolicismo, como podemos notar no seguinte trecho:

- Daniela, onde é que você estás? Está na hora de irmos à igreja!
Kolloh! Estava atrasada! Passara todo o tempo sentada a pensar em coisas banais e não se lembrará da catequese. Ainda tinha que pentear o cabelo, Dona Linda não queria mais ver aquelas tranças de indígena. Parece que o Sacristão não gostava de ver na capela raparigas pretas com penteado de preto. Tinha que ser tudo como branco, com bandolete ou totós (SILA, 2002, p. 43).

Essas violências em nome da civilização e com o suporte da igreja católica na época fizeram com que várias meninas fossem molestadas pelos patrões, tal qual aconteceu com N'dani que sofreu abuso do esposo de Dona Linda, sua patroa. Essas meninas buscavam trabalho na casa dos brancos, pois desejavam ascender socialmente e ter uma qualidade de vida melhor, bem como idealizavam o mundo dos brancos enquanto perfeito e ideal para se viver. Sendo assim, o catolicismo, como instrumento a serviço do colonizador, ajudou a instalar mais divisões sociais, principalmente na Guiné-Bissau, ao funcionar como uma ferramenta de submissão e controle das pessoas que se opunham ao projeto colonial. Esta união entre Estado e Igreja servia, principalmente, para justificar a ideologia do sistema colonial em relação à escravização do povo negro.

O terceiro livro é *Mistida* (1997), sendo uma obra composta por dez histórias e dez mistidas²². Sem que haja um herói ou uma personagem principal, o autor usa muitos trechos de músicas populares guineenses, principalmente dos períodos da luta armada durante a década de setenta, que marcou o final do processo colonial. Essas canções, além de contribuírem de forma extraordinária para a cultura guineense, também tiveram uma importância muito grande para a criação e a manutenção de diversos movimentos artísticos, políticos e sociais na Guiné-Bissau.

²² Significa necessidade ou vontade de fazer ou resolver alguma coisa (tradução nossa).

Um elemento bem característico da música guineense é a presença de uma crítica velada à injustiça social e à repressão governamental, muitas vezes baseada em uma oposição de cunho progressista à cena política caracterizada pelos regimes autoritários que governaram o país durante e depois da invasão colonial. No entanto, essas canções resgatam uma memória afetiva compartilhada por aqueles que viveram esse período e apontam para a questão da oralidade e de seu registro, como observa Semedo quando fala sobre contar *istórias* e seu papel no resgate da memória cultural Guineense:

podemos afirmar que a tradição constitui o lugar de ensinamento e de aprendizagem. Sendo a Guiné-Bissau um país essencialmente oral, onde o acesso à escola, à escrita aconteceu tardiamente, a tradição oral foi, e ainda hoje é, sobretudo na zona rural, um meio de preservar e de transmitir a memória coletiva. Todas as etnias guineenses guardam na sua tradição formas de canto, sejam de enaltecer ancestrais, famílias, linhagens ou os mortos. Os djidius mandingas são os trovadores ou bardos que tão bem exercem a tarefa de carpir: dedicam cantos aos reis e à sua família, cantam epopeias e até as pessoas simples, sendo essa atividade a forma de muitos deles ganharem a vida. A tradição oral mandinga é rica, por isso, em poemas que cantam e contam histórias das grandes famílias e o seu modo de vida (SEMEDO, 2010, p. 80).

Percebe-se que a literatura oral é um patrimônio cultural que os guineenses dispõem, assim como também os africanos de modo geral, porque ela relata, descreve, ensina e discorre sobre a vida. A tradição oral, nas sociedades tradicionais africanas, configura os pilares em que se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, é, por meio dela, que se previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura. Por isso, não é de estranhar que ela seja a fonte preciosa de uma memória, como podemos observar nas grafias do Sila em *Memórias SOMânticas* (2016), as marcas de oralidade nas falas da personagem:

“Um das companheiras do quarto disse, fazendo sinal com os dedos, que tinha panga-bariga, podia ter que se levantar de repente para ir ao serco e por isso não podia nem atás, nem no meio”. [...] Por isso, “Conacri proporcionava em cada reencontro, as conversas sobre a sabura da nossa terra, sobre o prazer de voltar a viver no próprio país, em paz e harmonia, sobre o privilégio de ser obreiro da própria nação”. (SILA, 2016, p. 43-81)

Sila trouxe para a sua grafia a vivência de uma mulher que se sentia desconfortável por causa das condições desumanas que lhe foram postas e por ser diferente das outras. Nota-se que este romance traz ao público o debate em torno da história nacional, da situação da vida

do povo, principalmente das mulheres durante e depois da independência nacional bissau-guineense. Assim como outras, a mulher da vida real e das páginas literárias sofrem com as consequências da marginalização e da vulnerabilidade por causa do machismo estrutural, o qual é fruto de uma nação desestruturada que não favorece o crescimento feminino.

O descaso social com os combatentes da liberdade da pátria, principalmente as mulheres, é o ponto norteador da obra *Memórias SOMânticas*. Em todos os capítulos, esse abandono e essa solidão são abordados, seja por meio da reflexão da personagem principal ou das pessoas que estavam ao seu lado, como as irmãs com quem ela dividiu o quarto em Conacri²³, como podemos ver nesta citação:

quando cheguei a Conacri em pleno mês de Agosto, sabia que as coisas não iam ser fáceis, mas não podia imaginar que fossem tão complicadas. [...] No início éramos só duas, mas depois passamos a ser três mulheres a dormir na mesma cama, num quarto de uma casa que um conterrâneo que para cá tinha emigrado vários anos antes do início da luta e que trabalhava num estabelecimento comercial tinha posto à disposição do Partido. O homem era simpático, sempre com um sorriso no rosto, mas não falava bem Kriol. Das poucas vezes que o víamos em casa, ele fazia um esforço para conversar conosco, perguntava como estávamos nos adaptando, se havia alguma coisa em que pudesse ajudar e deixava sempre um conselho: “ici il faut se débrouiller dhe”. A mulher dela era originária de uma tabanca perto de Cacine, mas das línguas da nossa terra só falava süssu. Foi dela que recebi as primeiras sandálias novas, num dia de muita aflição em que fiquei sem o que calçar depois de ter perdido num charco perto da casa um chinelo do único par que tinha (SILA, 2016, p. 41-42).

É importante frisar que Conacri era centro de operações militares do Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC. Ficou independente da França em 2 de outubro de 1958, abraçando posteriormente a Guiné-Bissau no seu projeto de formação de unidade nacional e na luta contra o regime fascista de Portugal. O processo de libertação no território guineense foi longo e doloroso, tendo perdurado 11 anos de luta armada. No entanto, apesar de toda a solidão e as desvantagens, o tempo estava do lado dos independentistas do PAIGC, que lutavam em seu próprio terreno e ganhavam novos adeptos com o desenvolvimento da luta armada.

Por outro lado, ao chegar a Conacri, apesar da desilusão e da solidão familiar, a personagem principal da obra *Memórias SOMânticas* sentiu-se abraçada por camaradas da

²³ Conacri é a capital e a maior cidade da República da Guiné-Conacri, ex-colônia francesa. País que serviu de quartel general para os guerrilheiros do Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC - durante a luta de libertação nacional.

frente de luta e de imigrantes que fizeram com que essa forma guineense ou africana de receber o hóspede se tornasse num ato de resistência, de irmandade e do panafricanismo. Muitas das vezes, esse ato é questionado por alguns ocidentais, que, por não conhecerem bem as realidades africanas, acabam por interrogar ou exclamar esse sentido de irmandade que ultrapassa o conceito de família nuclear. Por isso, na maioria das sociedades africanas, a família, resumidamente, é definida como uma unidade grupal na qual se desenvolvem três tipos de relações: aliança (casal), filiação (pais/ filhos) e consanguinidade (irmãos). Sua unidade fundamental é a família extensa, que funciona como elemento mítico, espiritual, social e solidário. Suas estruturas possuem um caráter intensamente comunitário, sendo que cada indivíduo exerce funções com importância coletiva, e, não raramente, seu interesse é subordinado ao geral. Assim, essa ideia da irmandade e da solidariedade acabou sendo implementada nas diásporas africanas, seja pelo processo da emigração ou pelo projeto fascista colonial.

Além desta irmandade, é importante ressaltar também o afeto entre as mulheres da narrativa que, apesar de não se conhecerem, criaram um laço de amizade através da negociação, como podemos observar no trecho a seguir:

Ficámos amigas e foi com ela que entabulei a minha primeira negociação bem-sucedida em Conacri: ela ia ensinar-me süssu, que era também das línguas mas faladas em Conacri, e eu kriol a ela. Depois acrescentei o francês ao pacote negocial e saí a ganhar [...] (SILA, 2016, p. 42).

O romance *Memórias SOMânticas* (2016) traz uma abordagem de várias questões socioculturais a partir do olhar de uma mulher que critica as condições impostas para as mulheres, retratando não somente a vida da personagem, mas também a difícil situação feminina na sociedade guineense. A personagem em foco mostra muita consciência de sua condição enquanto mulher e cidadã, ou seja, ela empodera-se como sujeito, mesmo numa sociedade em que está fadada à obediência e a ser objeto. Desta forma, as críticas femininas em *Memórias SOMânticas* rompem com os paradigmas no sentido de desmontar a ideologia de gênero imposta por uma cultura patriarcal, estabelecendo um senso crítico e novas políticas educacionais, além de rasurar a esfera de submissão no fator da igualdade.

Ademais, Sila põe em evidência uma sociedade bissau-guineense que vê ainda a mulher como um ser inferior, sendo natural/tradicional impor a esse corpo uma normatividade. Mesmo com as novas políticas de igualdade e dos direitos humanos, nem todas as sociedades se organizam de forma a instruir as suas cidadãs para melhorar a qualidade de vida delas, por

isso, as mulheres são uma representação metafórica da sociedade guineense, assim como a literatura bissau-guineense conta com algumas obras que trazem a mulher como protagonista.

Somente com a igualdade plena de direitos e obrigações, elevando a mulher à mesma posição social, econômica e familiar do gênero masculino é que seria possível garantir um sistema governamental mais próximo do matriarcado. Mesmo sendo observada a presença de mulheres à frente das relações econômicas e sociais, o sistema prevalecente é o patriarcal, pois toda a estrutura que marca as deliberações e as decisões decorrentes são pautadas na estrutura organizada pelos homens, por isso, a personagem do livro afirma: “quando abro os olhos só vejo esta solidão. Esta solidão que me revolta, que me fustiga sem piedade, que me faz sentir só e abandonada” (SILA, 2016, p. 116). Neste sentido, Sila utiliza o gênero literário de tradição ocidental para problematizar a questão da tradição machista, a afetividade e a liberdade feminina, mas o africaniza, mesclando-o às estruturas da contação oral.

Apesar de ser homem, a escrita de Sila (2016) traz o questionamento dessas convicções estabelecidas socialmente. É uma releitura da realidade a partir da outra margem. Aquela que não é considerada por uma extensa parcela masculina dominante e que é duplamente ignorada, tanto pelo viés da raça quanto do gênero. Revela-se, assim, um conjunto polifônico, com as mais variadas vozes guineenses consideradas marginais pelo contexto cultural africano, que, através do discurso, imprime a própria identidade feminina em uma sociedade regida por normas patriarcais e masculinas.

No entanto, Abdulai Sila não se limita apenas à ficção em *Memórias SOMâtincas*, mas busca a reinvenção de registros de uma série de experiências pessoais e coletivas que lhe permitiu, muitas vezes, organizar o discurso de suas personagens em primeira pessoa para dar visibilidade à condição feminina guineense em uma sociedade que é regida por forças masculinas. Tal atitude é também uma forma de preencher o vazio e minimizar a incompreensão que se ergue em volta das mulheres, as quais desafiam a ordem social das coisas (SILA, 2016). Na esteira deste pensamento, discutir questões relativas à mulher torna-se, além de um exercício literário, um motivo instigante para se refletir mais sobre a condição feminina na sociedade guineense no desenvolvimento da tese.

As mulheres guineenses são heroínas que conseguiram transformar suas dores em força e conhecimento. O sentimento de solidão se traduziu em sofrimento, choro, decepções amorosas e decepções. Mas, apesar desses processos de exclusão social e discriminações, elas conseguiram se manter firmes na luta contra o sistema de colonialismo português na Guiné-Bissau. Apesar da solidão amorosa que a luta armada e a escravidão trouxeram a essas

mulheres, a ausência da afetividade materna e paterna é notória em todas as vertentes do romance, como também a demonstração dos elementos de caráter nacional a partir de uma escrita realmente nacionalista, característica esta que também seria adotada pelos críticos da década de 70 quando o romantismo foi se finalizando e dando lugar ao chamado movimento realista. Essa adoção se revelaria de forma diferente, porém a intenção de valorizar e elevar a nossa literatura, reconhecendo-lhe o valor estético, era a mesma.

Situações como as relatadas nessa obra de Sila, além do fato do povo guineense ter sido forçado a sair da sua casa por causa da invasão colonial, momento em que foram destruídos meios de produção, sentimentos e afetos conjugais, mostram como esse projeto bárbaro (colonização) deixou tintas indeléveis que ainda afetam a forma de convivência do povo negro no contexto local e diaspórico. Isso mostra que a trajetória da mulher negra historicamente se dá a partir de uma ruptura em África.

Mesmo com dificuldades, as mulheres desafiaram a lógica e conseguiram se reerguer de forma sábia, seja em África ou na diáspora negra. Um exemplo disso é a escritora e intelectual moçambicana Paulina Chiziane que conseguiu um feito inédito, como mulher negra e africana, levando o prêmio Camões, maior reconhecimento dos escritores da língua portuguesa. Outro nome é o da queniana Wangari Muta Maathai, ex-professora e ativista, que foi a primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz. A premiação foi conquistada devido a sua atuação a favor da defesa da democracia, direitos humanos e conservação ambiental. Para além disso, ela também se tornou a primeira mulher na África Oriental e Central a conquistar um título de doutora, tornando-se professora universitária.

Na diáspora, também despontam vários nomes, como Carolina Maria de Jesus, escritora negra, mãe solo de três filhos e que nem sempre tinha o que comer, mas que escrevia diariamente, o que resultou em vários livros publicados, alguns após a sua morte. Isso é mais uma prova de força e resiliência dessas mulheres que, mesmo silenciadas e invisibilizadas durante séculos por um sistema machista, que é fruto da colonização e que, apesar de enxergá-las, se recusa a compreendê-las, permanecem fazendo a parte delas de uma forma humilde, produzindo, escrevendo, resistindo, lutando contra todas as formas de dominação.

Já no que diz respeito às suas peças, Sila publicou *As Orações de Mansata* (2007), *Dois Tiros* e *Uma Gargalhada* (2013), *Kangalutas* (2019) e *Deih* (2022). Todas fazem uma profunda crítica em relação ao *modus operandi* da sociedade bissau-guineense. Existe uma grande preocupação dos estudiosos de áreas culturais e literárias em resgatar a memória como uma forma de preservar e ressignificar a identidade cultural de um povo, tal qual Abdulai Sila

faz em seus trabalhos ao reencontrar, nas tradições do seu povo, uma forma de resistência, buscando, no passado, fatos que possam servir como exemplo para a prevenção e a manutenção da identidade cultural guineense. A sua quarta peça trouxe um sabor especial por ser a primeira escrita em Kriol guineense, além de contar a história de duas meninas que desafiam o *status quo* social e constroem uma amizade que ultrapassa os laços de sangue. Além disso, aborda também a temática do empoderamento feminino e alerta para o flagelo da morte prematura das mulheres na Guiné-Bissau.

Neste sentido, constata-se que a escrita de Sila não é só uma obra de ficção, mas sim um documento da memória cultural bissau-guineense. É também um patrimônio artístico, sendo material ou imaterial, e é sempre alvo de disputa entre grupos, pois agrega valores culturais, identitários e, muitas vezes, poder socioeconômico; portanto, cultura pode ser sinônimo de conflito. Desta maneira, cabe a nós perguntar: que tipo de literatura se faz atualmente na Guiné-Bissau? Qual memória e quais grupos são representados? Respondendo a estas perguntas, pensamos que a literatura produzida na Guiné-Bissau é um espelho da vivência, da luta, da resistência e da disposição de construir um novo tempo/espço de igualdade e justiça social. Uma literatura que procura desconstruir o olhar do invasor sobre os nativos, que atende, compreende e respeita o lugar da mulher na sociedade guineense. Por esse e outros motivos, a literatura produzida na Guiné-Bissau carrega a realidade, as esperanças, as angústias do povo, advindas dos conflitos entre o invasor e o nativo. Essa produção literária, assim, busca retratar a vida e as nossas raízes.

Nessa esteira de nostalgias materializadas em forma de narrativas ficcionais, Bissau e Catió, cidades que foram marcos da vivência do autor no cenário nacional, aparecem também em suas produções percebidas como uma legítima representação da nação. São locais onde a mistura étnica faz do mosaico cultural nacional uma verdadeira roda de *silimbikisilimbiki*²⁴, compreendida como o principal fator da guinendade.

Nesse sentido, percebe-se que a escrita de Sila revela muito sobre suas vivências, lutas e memórias e, apesar das subjetividades, a maioria das interpretações acadêmicas tem em comum o fato de identificarem que a tessitura textual de suas produções é um documento da memória cultural, que busca trazer a voz dos licenciados para o centro do debate, baseado na realidade sociocultural deles. Então, a escrita do autor é o resultado de seu profundo senso

²⁴ É uma brincadeira infantil que se faz utilizando partes do corpo (mão, perna e voz) da pessoa que dirige a brincadeira e dos participantes.

crítico sobre a geração pós-independência e a ressignificação e valorização da tradição guineense.

O discurso do escritor é a codificação da forma literária da oralidade dos guineenses para a escrita sem perder suas características próprias de textos contados. Nas obras, é possível encontrar também um importante processo de criação linguística, já que Sila não se preocupa em encontrar o termo mais adequado, criando-o e adequando-o ao cenário, aos personagens e ao clima da narrativa. Essa criação se dá através da leitura que Sila faz de sua terra, local onde encontra material para o seu trabalho e para as críticas ao Estado bissau-guineense. Este, por sua vez, está a serviço da classe dominante que assegura o seu poder através de relações verticais de clientelismo. O clientelismo altera a lógica de ação do Estado. Não se procura a decisão mais racional, mais justa, mas sim aquela que melhor promove os interesses pessoais. Um Estado que serve para enriquecer a classe política, a qual tem legitimidade para fazê-lo desde que saiba distribuir com os seus clientes.

Apesar de vivermos momentos conflituosos, os quais comprometeram a consolidação da nação após a independência como foi imaginada pelos independentistas do PAIGC, a literatura pode ser ainda uma ferramenta que liberta, resgata, une e registra todos os acontecimentos para a construção da sua nação, levando-se em conta o seu processo sócio-histórico. Assim, “quando se fala em literatura de ficção que envolve o gênero romance, o primeiro nome que vem à tona é o de Abdulai Sila” (COUTO e EMBALÓ, 2010, p. 78). Ainda segundo Couto e Embaló (2010),

falar em literatura guineense é um tanto complicado. Na verdade, quando se trata do assunto, em geral se pensa na literatura que é produzida em português (literatura em português), como mostram não só as poucas obras escritas principalmente por estrangeiros durante o período colonial, mas também o que se publicou depois da independência (COUTO e EMBALÓ, 2010, p. 60).

Ao nosso ver, não se deve colocar a literatura guineense no lugar de algo complicado; é meio exagerado. Colocando-a nesta situação desagradável, estaremos a sacramentar a teoria dos invasores em relação aos nossos conhecimentos. Neste sentido, penso que a literatura guineense está desempenhando o papel que lhe foi atribuído, ganhando cada vez mais espaço com o processo da urbanização e modernização das cidades, tanto a nível nacional como internacional, e sem deixar a sua marca principal que é a oralidade. Por esta e outras questões, é que devemos nos orgulhar da literatura guineense, porque ela provém de uma escrita

extremamente potente que ultrapassa a forma eurocêntrica de compreender o mundo. Ela é uma escrita performática, englobando a tradição/modernidade, profano/sagrado, visível/invisível. Uma escrita de mitos e ritos que só os guineenses conseguem decifrar. No entanto, são esses mesmos mitos e ritos que nutrem o passado, o presente e o futuro, como numa espiral em que tudo volta. Considerando esta explanação, Leda Maria Martins (2001) afirma que:

essa percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, eventos naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta (MARTINS, 2001. p. 84).

Tudo, na cosmovisão iorubá, é uma retomada do passado. Como redireciona Félix Omidire (2005), os Odus seriam verdadeiras bibliotecas que unificam histórias, mitos, caminhos traçados e percorridos e ebós que precisam ser sacralizados. É também, através desses Odus, que se concentram os mitos dos Orixás e a definição do “Ori”, centelha divina individual que, mesmo tecido de narrativas ancestrais, é único. Ademais, é importante frisar que o cânone ocidental tenta ainda invalidar esses ritos e costumes de um povo. Independentemente de comprovação destas narrativas e do valor científico delas, o importante é a forma lúdica que esta tradição milenar é passada. Sua versão, com base religiosa de crença nos ancestrais, configura a tradição da África, que é o alicerce sólido da construção e difusão do conhecimento humano.

Na Guiné-Bissau, esses mitos e ritos do passado ocupam um lugar central no seu cotidiano, a exemplo da forma como é vista a noção do tempo dentro do mosaico étnico-cultural, que é entendido como uma noção da liberdade, o fazer algo até se saciar. Um tempo muito diferente ao do ocidente europeu, gerando, inclusive, discriminação por seguir esse ritual ancestral milenar. Rito este em que os mais velhos e as mais velhas são respeitados e respeitadas por serem *homis garandi ku mindjeris garandi*²⁵, carregando de forma oral os conhecimentos importantes. Estes, na maioria das vezes, impulsionam mais o sentimento de pertença e a unidade nacional.

²⁵ Anciões e Anciães.

Nesta sociedade, a morte é compreendida como um rito de passagem, por isso, quando um ancião ou anciã morre, as cerimônias fúnebres dele/a são transformadas em festa de despedida por ter cumprido a sua missão na terra. As celebrações das cerimônias fúnebres dependem do grupo étnico, no qual essa pessoa pertence. Nelas, contudo, os muçulmanos, os cristãos e os adeptos das religiões de matrizes tradicionais participam de maneira obrigatória do derramamento de sangue de animais, como a vaca, o porco e a cabra. Qualquer indivíduo de boa fé pode ir a estas celebrações, mesmo sendo da comunhão étnica ou religiosa diferente. Isso mostra relação de irmandade híbrida entre os de *Yran e Marabús*²⁶. Esses festejos configuram-se como um ato de unidade nacional, por isso, os escritores, como Sila, operam como representantes deste entendimento de identidade comunitária, evidenciando, com isso, a importância da literatura para a formação nacional. Este hibridismo em uma nação que ainda está se firmando, como é o caso da Guiné-Bissau, acaba ganhando traços mais gigantescos. Neste sentido, concordamos com Augel (2007) quando afirma que:

A Guiné-Bissau como Estado ainda está envolta em indefinições, herança indigesta do colonialismo, buscando ser nação, buscando uma identidade amalgamadora para cimentar definitivamente as muitas pedras do seu mosaico étnico, fortuitamente ligadas pela argamassa das fronteiras arbitrárias levantadas pelas potências imperialistas (AUGEL, 2007, p. 266).

Nesta ótica, o nacionalismo torna-se a expressão da luta de um povo em busca do reconhecimento de sua identidade. Por isso, percebe-se que os literatos foram os precursores dos grandes movimentos de massa que exprimiam as reivindicações do povo guineense. Assim, a literatura não se configurava só em ato cultural, mas sim como uma mensagem de emancipação.

Como intelectual, Sila é muito atento ao seu próprio tempo ao mostrar, em suas narrativas, os trágicos acontecimentos que assolaram o país, tanto no período da invasão portuguesa quanto após a independência nacional, criticando a forma como as coisas acabaram por tomar novos rumos, principalmente, nas mãos dos incompetentes e propagadores de um nacionalismo exacerbado dentro da sociedade guineense.

Em seus romances, Abdulai Sila busca confrontar as questões racial, social, política e, principalmente, a linguística, que é um nó ainda na sociedade guineense, como pode ser

²⁶ Divindade adorada pelos fiéis das religiões de matrizes tradicionais. Fiéis da religião muçulmana tem Alláh (Deus) como único a ser adorado.

percebido na voz da personagem de *Memórias SOMânticas* (2016) “o que me incomodava era ter que falar a língua do branco, que desconhecia completamente” (SILA, 2016, p. 29). Apesar da tentativa genocida de apagamento da cultura local, tentando forjar o abandono das línguas locais, como o Crioulo por exemplo, por meio da aquisição da língua do opressor, os nossos ancestrais conseguiram resistir, mantendo vivas muitas tradições. Nesse sentido, a língua considerada oficial da Guiné-Bissau tornou-se mais um veículo da escrita do que da fala, porque, em muitos casos, é utilizada apenas como segunda ou terceira língua da população.

Verifica-se, então, que Sila não transgride as normas e as regras de funcionamento da língua. Ele recria palavras e significados que provam que a língua portuguesa está em constante alteração e evolução, podendo ser ainda largamente explorada, já que é um sistema infinito, o que facilita o alargamento do léxico. Este alargamento é um recurso amplamente explorado na oralidade e tão bem trabalhado por Sila.

Esses traços linguísticos são encontrados na produção literária de Abdulai Sila quando são usadas palavras em língua crioula para deixar as marcas da guinendade em suas narrativas, como podemos perceber: “Uma vez, durante uma sessão de *djumbai*²⁷ solto e alegre, fiz uma asneira que me custou muito caro” (SILA, 2016, p.13). Freitas (2013), a partir dos estudos de Walter Mignolo, afirma que esses fatores linguísticos são um

[...] linguajamento, quer dizer, ‘ato de pensar e escrever entre as línguas que também recebe o nome de linguajamento ou pluringuajamento, se estabelece como condição princeps para a ocorrência do pensamento liminar (produção epistemológica no limiar, no limite, nas margens, a partir de uma perspectiva subalterna (FREITAS *apud* MIGNOLO, 2013, p. 53).

A inquietação do autor de *Memórias SOMânticas* começa na escolha da língua do colonizador que, ao mesmo tempo, une e segrega. Porém, chama atenção a tentativa de não desmerecimento da cultura nacional, preservando as *istórias de homis e menjeris garandes dino tchon*²⁸, como fez o Cônego Marcelino Marques de Barros (1900) ao recolher características das tradições que circulavam em crioulo na sua publicação *Literatura dos negros: cantos, cantigas e parábolas* (SECCO, 2011). Tal segregação de espaços linguísticos provocou desconforto e revolta no meio social guineense, levando, assim, a uma ruptura e

²⁷ Convívio, serão, conversa, cavaqueiro (tradução nossa).

²⁸ Traduzindo para o português, a expressão equivale a “histórias de homens e mulheres da nossa terra”.

desmonte do discurso português a partir da apropriação das narrativas que questionam a invasão colonial. Por isso, as reflexões de Freitas (2013/2016) são de romper o silêncio, pois, falar e, sobretudo, escrever, não são apenas uma afronta à ordem, mas uma jornada de desmonte, construção, reconstrução e reimaginação do que nós somos. E isso reforça a necessidade de escrevermos, de expressarmos todas as coisas que nos atravessam. Questionar o quê, o porquê e como nos atravessam é uma forma de arrancar de dentro de nós o projeto de homogeneidade que está em curso desde o início da modernidade. Pensar sobre nós mesmos é uma questão de sobrevivência, de saúde mental e autocuidado. Nesse sentido, a escrita funciona como registro da trajetória que se constrói dia a dia.

Outrossim, como parte das suas memórias, Sila questiona e reescreve a partir da história não contada pelos invasores. Esse posicionamento é quase uma missão dos fazedores das artes na Guiné-Bissau, uma vez que assumiram esse papel com amor e dedicação para continuar o projeto lúdico e emancipatório de Amílcar Lopes Cabral, como é possível verificar na fala de Abdulai Sila em entrevista concedida a mim e à professora Maria de Fátima Maia Ribeiro: “Facilitar o acesso aos livros, tal como elevar o hábito de leitura, é um desafio premente que temos que encarar e vencer. Tem que haver políticas culturais e iniciativas concretas e abrangentes direcionadas para esses objetivos específicos (SILA, 2021, p. 12).

Atento às questões socioculturais, Sila usa as ferramentas de escrita e oralidade para criticar e fazer chegar à voz dos excluídos pelo mundo a partir do pressuposto de que a literatura bissau-guineense deve ser compreendida como literatura, arte e documento da memória cultural, desenvolvendo projetos educacionais revolucionários e lúdicos em língua crioula para promover a identidade guineense em diálogo permanente entre as línguas nacionais e a do colonizador. Por isso, as produções literárias de autor, ao nosso ver, transmitem o conhecimento como forma de educar, resgatar e preservar a memória cultural do povo guineense, tendo em vista a ruptura que a colonização deixou nessa sociedade. Nesta ótica, Mbembe (2013) discorre que:

[...] a reafirmação de uma identidade humana negada por outro participa, neste sentido, do discurso da refutação e da reabilitação. Mas se o discurso da reabilitação procura confirmar a co-pertença negra à Humanidade, não recusa, no entanto - exceto em raros casos -, a ficção de um sujeito de raça ou da raça em geral. Na realidade, abraça esta ficção. Isto é tão válido para a negritude como para as variantes do pan-africanismo (MBEMBE, 2013, p. 158).

Mbembe nos mostra que essa reafirmação ou reabilitação deve ser compreendida como algo natural, partindo ainda de um povo que foi violentado e colocado sempre no lugar de subalterno. Por isso, essa busca de reafirmação da identidade africana é uma forma de voltar às origens. Apesar da identidade nacional apresentada poder ser entendida, muitas vezes, como uma fantasia, não deveria ser diminuída ou desacreditada, porque apresenta mitos e ritos que estão intrinsecamente ligados à ficção e à realidade. Por este motivo, pode-se definir Sila como um artista de pertença nacional, que procura unir o presente/passado e o tradicional/moderno através das suas memórias coletivas e individuais. O autor assume uma posição política em todas as suas obras, buscando romper com estereótipos e trazer mais o respeito e visibilidade para a arte guineense como se “toda a obra literária tem como fundamento a criatividade artística, isto é, a capacidade de, do nada, inventar algo novo, criar ideais originais” (SILVA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 3). Considerando toda a sua produção artística, foi nomeado em 2013 como Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras do Estado francês, umas das designações mais importantes da academia francesa de literatura e arte, assim como ganhou também o prêmio Guerra Junqueiro 2021, um dos mais importantes da literatura portuguesa. Para Sila,

[...] é preciso não perder nunca de vista a terceira face da moeda, ou seja, o fato de que toda a produção literária – qualquer que seja a sua forma – tem (do ponto de vista social, filosófico, ideológico, etc.) sempre uma finalidade específica: tornar o ser humano mais culto, mais tolerante, mais solidário (SILVA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 3).

Por meio desses olhares transcendententes, Sila se tornou um dos escritores e filantropos mais importantes da literatura guineense. A sua escrita é um espelho das problemáticas sociais que a Guiné-Bissau vem enfrentando desde a sua independência até o momento presente, como a crise educacional, a sanitária, a econômica e outras, que faz do país um dos piores do mundo em termos de índice do desenvolvimento humano.

Como “na vida há coisas que podes mudar, outras não” (SILA, 2016, p. 26), percebe-se que o autor de *Memórias SOMânticas* busca catalogar, nas suas memórias, as coisas que ele acredita que podem ser importantes para a cultura guineense e para a formação dos jovens, visando evitar a repetição de erros do passado. Neste processo, a literatura guineense, por razões identitárias e políticas, tem como principal referência a própria cultura guineense. Portanto, se constrói a partir da cultura popular, uma vez que as memórias sobre as quais o

autor se debruça estão alicerçadas nas tradições. Assim, podemos afirmar que a literatura readapta as narrativas orais transformando-as em textos ficcionais de expressão escrita.

É imprescindível, então, entender como as narrativas orais estão inseridas na literatura de Abdulai Sila, bem como ocorre o reconhecimento de outras vozes no meio acadêmico e científico:

[...] nos 20 e 30 do século XX, quando surgiram os primeiros textos escritos segundos os estudiosos das literaturas africanas [...]. Podemos afirmar que, entre 1945 e 1977, a literatura produzida na Guiné-Bissau caracteriza-se por uma dicção guerrilheira e nacionalista, que combatia, criticamente, o colonialismo português, a miséria, a exploração. A poesia desse período se revela, então, como expressão de um corpo armado, no qual sangue e sonhos se misturavam numa mesma orquestração utópica, que partilhava a esperança da pátria liberta (SECCO, 2011, p. 53-54).

Percebe-se que, apesar de um enorme esforço dos estudiosos africanos em procurar compreender e trabalhar com a literatura africana, ainda existe um fator de demarcação deturpado, trazendo o surgimento da literatura guineense no século XX por meio dos escritos em português. Desta forma, ignora-se todo um arcabouço literário e cultural antes da chegada dos invasores portugueses à atual Guiné-Bissau. Como uma ferramenta de denúncia contra o jogo imposto pelos invasores, a literatura guineense tinha também um teor nacionalista muito forte em relação a *kiki di tchon tene balur*²⁹. Nessa senda, os escritos guineenses buscaram se refugiar na memória cultural do passado sangrento para ressuscitar da fênix a força de uma nação que foi encarcerada, violentada e empobrecida espiritualmente por seus filhos. Os guineenses nunca concordaram com a forma como eram tratados desumanamente pelos invasores portugueses. De certa maneira, também houve um grande descontentamento da forma como os independentistas trouxeram:

o desencanto, do não cumprimento de justiça e igualdade sociais, deu lugar uma poesia que se afasta do tom épico-revolucionário à luta é, em alguns poetas e em suas respectivas obras, substituídos por uma dicção lírica intimista, qual o sujeito poético assume a primeira pessoa do singular (SECCO, 2011, p. 58).

Esta amargura se deu pelo fato de que os independentistas do PAIGC conseguiram fazer tudo totalmente ao contrário do que se sonhava obter após a luta de libertação nacional. A

²⁹ Dar importância às coisas da terra.

justiça social se transformou em perseguição política e assassinatos bárbaros, os quais trouxeram outras cicatrizes além daqueles deixados pelos *tugas*. Essa nova configuração mudou a forma dos escritores e fazedores das artes trabalharem porque o novo cenário da violência se tornou o centro das críticas literárias e culturais no solo guineense e “para não sucumbir diante das atrocidades e para deixar registrada a própria história. Escrever se torna, antes de tudo, uma forma de sobreviver e resistir, de afirmar a vida, de proceder, a contrapelo, a reescrita histórica” (SECCO, 2011, p. 58). Essa escrita de resistência e resiliência para fazer, da geração futura, uma geração que não se limita simplesmente a falácias e utopias, mas que sejam homens e mulheres que sempre vão pensar a Guiné-Bissau em primeiro lugar:

Todo o guerrilheiro é um apaixonado e como todo apaixonado, vive cada dia com uma intensidade invulgar, como se o dia seguinte não existisse, transformando o quotidiano numa louca e incessante procura do inédito. Cada um à sua maneira, ao seu ritmo. [...] Eu vi o amor, paixão, entrega e determinação a germinarem, a manifestarem-se em todo o lado. Até no olhar das crianças mutiladas, que prematuramente perderam o brilho da inocência. Mas vi também o pesadelo do passado a evaporar-se sob o calor do novo sol e descobri os contornos do novo mundo de paz e harmonia que vinha sendo anunciado nos cânticos (SILA, 2016, p. 78).

Para Sila, o sentimento de pertença deve falar mais alto para todo o guerreiro apaixonado e não o contrário, mostrando que essa paixão que ardia até no olhar das crianças deveria permanecer após a independência. Sob essa perspectiva, a escrita do autor reflete sempre um olhar diferente do colonizador, retratando a realidade de um povo guineense através das vivências, que é uma marca sua.

Ademais, todas as histórias escritas e não escritas ocupam um lugar na memória cultural do seu povo por ter sido contada e ouvida por outro; o que é ainda praticado na Guiné-Bissau. Se olharmos para a forma como Sila narra suas vivências por meio das memórias individuais e coletivas selecionadas para o leitor, percebe-se que as suas narrativas, na maioria das vezes, são provenientes das memórias dos acontecimentos que marcaram a sociedade guineense, como, por exemplo, o livro *Memórias SOMânticas*, que, na nossa opinião, é um dos documentos da memória cultural bissau-guineense mais preciso se considerarmos o modo como a história está inserida em um contexto sociocultural. Diante das relações históricas e culturais, representadas pelas personagens, emerge uma mistura entre o real e o ficcional, que faz da memória um ponto de equilíbrio na relação entre a escrita literária e o universo social.

2.3 MEMÓRIAS SOMÂNTICAS E AS LEMBRANÇAS *DI MINDJERIS DI PANO PRETO*

*mindjeris di panu preto
kabo tchira pena
se contra bo pudi
hora ku um son di nôs fidi
boba ta raça pa é ticino no kasa³⁰
(SCHWARZ, 1970³¹)*

Mindjeris di panu preto é uma das canções mais emotivas, afetivas e simbólicas do contexto sociocultural da Guiné-Bissau. Ela traz toda a memória do processo de luta armada contra o sistema de invasão portuguesa, dando conforto às mães que perderam filhos, maridos, pais e sobrinhos neste processo violento que resultou em onze anos de uma sangrenta carnificina nas terras da Guiné.

No que diz respeito à música e à tradição étnica na sociedade guineense, elas estão estritamente ligadas a todas as esferas tradicionais. Os músicos guineenses, criadores anônimos de valores culturais, não conhecem regras de harmonização nem de teoria musical. A tradição é tão forte que infringe as barreiras do tempo, sobrevive ao cristianismo e ao islamismo. As peças musicais obedecem a ritmos, escalas e harmonizações próprias. Elas são o complemento indispensável da linguagem falada, às vezes, constituindo o seu substituto. Testemunha disso é o tambor falador que há séculos é utilizado por alguns grupos étnicos na comunicação à distância. Acontecimentos, notícias, boas e más, percorrem quilômetros através do som do tambor que fala em código. O mesmo representa alternâncias de sons agudos e graves, pausas e combinações de ritmos que imitam perfeitamente a linguagem falada.

Quando se fala de canção, alude-se, de certa maneira, também à dança, na medida em que ritmo e melodia se completam de uma forma extraordinária. Os movimentos são livres, acabando por ser simétricos, graças aos ritmos que acompanham. O segredo de várias canções

³⁰ Mulheres de pano preto, não chorem mais, se puderem, quando um de nós se machucar, rezem por nós para que regressem à casa (tradução nossa).

³¹ Foi uma das primeiras e das mais importantes canções da carreira de José Carlos Schwarz, composta num período bastante peculiar na história da música popular guineense. A canção enaltece a força de mulheres guineenses, em especial aquelas que lutaram e perderam entes queridos durante o processo de luta pela independência contra o sistema de invasão portuguesa nas terras da Guiné. Nela, percebe-se ainda a tentativa do músico José Carlos Schwarz de salvar sua posição na memória da luta armada na Guiné-Bissau.

que acompanham os rituais sagrados não pode ser revelado ao estranho, pois elas funcionam como uma forma de demonstrar amor e respeito pelos antepassados e transmutar a dor da perda em alegria, que, na maioria das vezes, dura até sete dias a depender da pessoa que morre. No caso dos Fulas, a etnia na qual pertencço, a morte não significa um fim, mas um rito de passagem em que ocorre o desprendimento entre espírito e corpo material. Por isso, quando um ancião ou anciã morre, as pessoas preferem cantar e dançar para homenageá-lo(a) em vez de chorar. Assim, como fonte de inspiração de outras artes, a literatura consegue comunicar livremente com a música, sendo parceiros de longa data, que, por sua vez, também estendem a mão para a dança.

Nesta ótica, falar de *Memórias SOMânticas* (2016) de Abdulai Sila é falar também destas *mindjeris di pano preto* que lutaram lado a lado com os homens para que os guineenses pudessem viver em liberdade, assim como todo povo merece ser respeitado. Apesar de ser ficção de cunho realista, o livro também nos permite viajar no tempo para conhecer um pouco da nossa história, a memória literária guineense e outros campos de produção de conhecimentos. Por esse motivo, a obra de Abdulai Sila é a base desta tese, na qual buscamos entender toda a sua estrutura narrativa, a construção da sua narradora onisciente e das suas personagens, além do desenvolvimento de imagens políticas e sociais para a sociedade guineense por meio da escrita. Aqui, parte-se do pressuposto de que a ressignificação da memória, pelo viés literário, possui um peso importantíssimo para a (re)construção do futuro do país, que, segundo Sila, “é como uma explicação à geração que virá depois de nós” (SILA, 2002, p. 12).

É importante demarcar que, em *Memórias SOMânticas* (2016), o autor nos apresenta uma personagem sem nome que quer ser ouvida no processo de construção da história bissau-guineense, contestando o masculino como único modelo de representação coletiva a ser seguido na sociedade, como também em vários contextos africanos. Ao revelar produções de outras formas de violência e subalternidades com vistas à narração das desventuras da personagem com um toque de alternância de temporalidade, permite-nos experienciar vários momentos distintos na história que, em pontos específicos, acaba se aproximando de uma crônica, servindo tanto para relatar quanto para questionar as utopias da vida, como podemos perceber no fragmento a seguir: “É verdade que ao longo da minha vida continuei a questionar muita coisa que se poderia considerar como emanada dessa ordem natural e não me arrependo.” (SILA, 2016, p. 14). Assim, a personagem ergue-se em torno de vivências que se configuram como um argumento, na verdade, uma motivação para a criação das narrativas

entre as histórias e as memórias de um ambiente pós-independência que ainda experiencia as marcas do passado.

Nesse universo de emancipação da mulher guineense, em vários momentos do livro, a narrativa é suspensa para fazer ponderações, às vezes judiciosas sobre as ações da personagem. Outra questão que chama atenção, como ressaltado anteriormente, é a questão de a personagem não ter um nome, o que soa, na literatura, como uma identidade fraturada. Neste sentido, percebe-se que a não nomeação da personagem por parte do autor configura-se de forma intencional para realçar a questão da vivência coletiva e não a do individualismo. Por ter essas facetas, a personagem se insere fortemente no universo das representações coletivas na sociedade guineense, como também em África.

Considerando o universo feminino que aparece de maneira tão intensa na narrativa de Memórias SOMânticas, coadunamos com Patrícia Godinho Gomes (2017) quando diz:

[...] representadas como naturalmente inferiores e subordinadas, como eternas vítimas da opressão masculina. Os debates acadêmicos sobre o tema, embora relativamente recentes, apontam para a necessidade de uma revisão e questionamento das concepções eurocêtricas que por muito tempo dominaram a ciência. [...] Torna-se por isso, necessário refletir seriamente sobre a importância da participação do continente africano na construção do conhecimento a nível global e o seu lugar na história da humanidade (GODINHO, 2017, p. 12).

Apesar das suas linhas de raciocínio tem mais a ver com feminismo ocidental, diante o exposto, Godinho (2017), tenta nos mostrar, por meio de um olhar historiográfico, a violência a qual as mulheres enfrentam em relação à questão de gênero na sociedade guineense. Essa construção social machista sustentada pelo patriarcalismo, Estado e religião, está em processo de superação com novas abordagens teóricas e práticas que reivindicam a autonomia feminina, o direito de poder ir e vir, a liberdade de decisão sobre o seu corpo, a necessidade de igualdade de oportunidades, uma vez que o que não falta à mulher é competência. Entendemos, contudo, que este processo é lento, mas contínuo. E, no percurso, ainda vão existir homens que se refugiarão no machismo para desestabilizar essa luta feminina e manter a supremacia do patriarcado.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a luta das mulheres não deve ser compreendida como uma ameaça, mas como uma reconstrução de um processo igualitário para que as mulheres possam ocupar o lugar delas sem nenhum entrave da masculinidade

agressiva e tóxica. Quando um homem forma outro homem, muitas das vezes, é para reproduzir os mesmos erros do passado, enquanto a formação feminina está pautada mais no desenvolvimento de um olhar futurista sobre as coisas. Sila traz, na obra, essa questão muito bem, colocando em evidência personagens femininas que estão sempre questionando a ordem das coisas, como podemos ver a seguir:

Uma vez, durante uma sessão de djumbai solto e alegre, fiz uma asneira que me custou muito caro: pedi esclarecimento sobre a ordem natural das coisas. Não era minha intenção questionar algo que sentia ter profunda convicção dela, queria tão-somente entender melhor. Se temos que acatá-la para sermos considerados normais e entrarmos na categoria de gente decente, onde ela sempre me quis ter, julguei lógico querer saber quem é que a definiu, que critérios foram usados, desde quando prevalecia essa ordem (SILA, 2016, p. 13).

Percebe-se que o machismo e a violência estão bem enraizados na nossa sociedade, ultrapassando, algumas vezes, a percepção da própria mulher ao reproduzir os -ismos com uma pessoa do mesmo gênero. Esse questionamento que a personagem faz sobre o lugar das mulheres na sociedade africana é algo muito novo para essas mulheres que foram educadas na base de uma obediência machista, e qualquer tentativa de questionar essa ordem natural das coisas, principalmente quando vem de uma adolescente, pode criar tensões e gerar uma apreensão de forma severa.

O prevaletimento do machismo vai ser imperativo na fase de abertura dos jovens para a compreensão da nova dinâmica social na sociedade guineense; o que o torna também mais exposto e vulnerável a questionamentos dos seus princípios tóxicos. Considerando essa discussão de gênero em África, Oyèrónk Oyěwùmí (1997) defende que os discursos feministas ocidentais acabam caindo em uma espécie de contradição quando afirmam que o gênero é uma categoria culturalmente construída e universal, já que estaria presente na organização de todas as sociedades (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 10). Para fundamentar a sua tese, ela traz a tradução das palavras *obìnrin* e *òkùnrin*, as quais significam, respectivamente, homem e mulher na cultura iorubá, para mostrar que essas divisões em categorias foram feitas e impostas pelos ocidentais europeus, buscando manter o conceito da família nuclear. Porém esse conceito de família vai na contramão da cultura yorubana que rege a idade ou velhice como fatores que atribuem ou regulam as posições de poder nas sociedades iorubás anteriores ao contato colonial. (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 13).

Ademais, narrar os acontecimentos históricos é de extrema importância para a reconstrução dos significados do poder nas sociedades africanas pré-colonização, mas também para o entendimento dos males da invasão colonial sobre a África pós-colonial (APUSIGAH, 2006; OYĚWÙMÍ, 1997). Expor o sistema colonial, permite-nos revelar as modalidades do exercício da dominação e nelas situar o papel do gênero como clivagem estruturante do poder. Na contemporaneidade, tal estratégia se torna ainda mais visíveis as transformações produzidas pelo consenso neoliberal, que impacta tanto os feminismos ocidentais internacionais, como também os feminismos africanos (OSSOME, 2018, 2020). Esses impactos são perceptíveis nas interpretações acerca do desenvolvimento na África, e como o mesmo se relaciona com as mulheres (Jacobson, 2013; Mama, 2004, 2011), e com o sequestro dos ativismos feministas pelas burocracias estatais alinhadas com o consenso neoliberal global (Lewis, 2006).

Ademais, na Guiné-Bissau, segundo Patrícia Godinho (2016),

[...] as mulheres insurgiram-se ao lado dos homens desde os tempos da resistência à conquista colonial e também durante a luta pela independência. Demonstraram uma reconhecida capacidade em se implicar em ações em prol da preservação e da restauração da liberdade confiscada durante a experiência colonial. Figuras imponentes como a da rainha Pampa da sociedade Bijagó que, no início do século XX, travou uma batalha sem tréguas contra a penetração portuguesa; histórias de mulheres responsáveis políticas como Carmem Pereira ou Teodora Inácia Gomes, ou de comandantes militares como Titina Sila, ou de governantes de largas regiões como Francisca Pereira, histórias de mulheres como Temem Câmara, membro de um dos Tribunais Populares instituídos nas áreas libertadas, nos anos 60 do século XX; as experiências históricas de Ana Lopes, de Lurdes Vaz e de Nhima Muskuta Turé, técnicas especializadas, enfermeiras e membros das milícias populares, todas elas contribuem para a construção de uma outra visão da História que procura resgatar as experiências sociais e políticas de homens e de mulheres, numa tentativa permanente de um reconhecimento social e da procura de auto-estima (GOMES, 2016, p. 125-126).

Como um dos destaques na tentativa de se fazer ouvir a voz da mulher na sociedade guineense e no mundo, Godinho (2016) busca constituir um espaço de representação da mulher ao tentar resgatar a sua essência na sociedade bissau-guineense. Nesta, o papel social da mulher, então, ultrapassa os conceitos da esposa ou instrumento de prazer, integrando uma categoria mais ampla, cujo caráter universal se estende à tradução da dor e humilhação vivenciada por diversas mulheres em todo o mundo. Como discorre a escritora moçambicana Paulina Chiziane, “nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo,

pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade” (CHIZIANE, 2013, p. 6). Nesta ótica, pode-se questionar o sistema patriarcal que limita a todo custo os direitos ou as ações das mulheres, principalmente as africanas, colocando-as sempre no lugar de inferioridade.

Neste sentido, o uso de violência é a representação de uma masculinidade hegemônica e frágil³² (CONNELL, 1995, p. 77), que não aceita o sucesso de uma mulher, mesmo quando esse sucesso não passa de uma imaginação ou mitologia, como é possível verificar nos diálogos das personagens em *As Orações de Mansata* de Abdulai Sila:

AMAMBARKA

Estou a falar de como chegar àquela mulher...

DJINNAHARA

Que mulher?

AMAMBARKA

Mansata! (os três Homens-Grandes não conseguem esconder a surpresa.

Trocaram olhares durante alguns instantes). Quero que me levem até junto de

Mansata.

DJINNAHARA

E quem é... Mansata? [...]

KAMALADJONKO

Mansata é um mito!

AMAMBARKA

Não acredito!

KAMALADJONKO

Mansata é um mito... Não existe! [...]

AMAMBARKA

Mito? E as orações dela?

KAMALADJONKO

Que orações?

AMAMBARKA

Será que não entenderam nada ainda? Ou querem criar-me dificuldades à toa?

Será que acham que eu não mereço ter esses poderes, ou se calhar até nenhum

tipo de poder? Como querem que entenda essa vossa atitude de hostilidade?

Querem dar-me esse caderno voluntariamente ou...?

KAMALADJONKO

(muito sereno)

Calma, Amambarka, calma. Não sejas tão violento... A violência é uma manifestação de fraqueza (SILA, 2007, p. 98-111).

³² Masculinidade hegemônica e frágil é “a configuração de uma prática de gênero que incorpora a resposta aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou que se ocupa em garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (CONNELL, 1995, p. 77). Sendo assim, essa fragilidade configura-se como a ansiedade que o homem sente ao acreditar que está se distanciando do que a sociedade denomina como padrões de masculinidade, o que pode levar a pessoa a ter atitudes anormais para reafirmar sua masculinidade a qualquer custo.

A premissa de que a mulher não pode ocupar lugares de poder ou ser o que ela bem quiser é uma tradição herdada de um sistema violentamente machista, que não consegue conviver com a diversidade e a liberdade de mulheres assumindo seus postos, sendo respeitadas como mulheres, mães e detentoras dos seus poderes. Nota-se que Sila traz para o público um debate que chama atenção sobre a questão da masculinidade na cultura guineense. Procuram manter ainda o status de *matchundade*³³, retendo as mulheres em um processo de submissão na sociedade e tentando sempre usar as prerrogativas culturais ou religiosas para proibi-las de acessarem direitos. Assim, sua escrita parte da obrigação de denunciar, ainda que de forma literária, a violência e a condição de subalternidade que a mulher guineense vem sendo colocada, contribuindo, desta maneira, com possíveis caminhos de transformação do pensamento. Verifica-se uma tentativa de reeducar os homens, por meio da produção literária, para que vejam as mulheres como parceiras, irmãs, amigas e livres, sendo possível a ocupação de lugares de poder de forma igual aos homens. Este caminho da inclusão apenas nos faz compreender que respeitar e cuidar da mulher não nos torna menos ou mais homem, pelo contrário, humaniza-nos.

Para Godinho (2017),

importa realçar que a construção identitária, para além de um projeto nacional, apela também à construção de memórias, individuais e coletivas. [...] Nesse processo, a participação das populações bissau-guineenses, em particular a das mulheres, constituiu um dos elementos-chave dos resultados alcançados (GODINHO, 2017, p. 29).

Falar da importância dessas *mulheres de pano preto* na Guiné-Bissau é começar a explicar sobre elas antes e depois do processo de luta armada no país. Assim, busca-se fazer um recorte a partir da luta de libertação nacional, que teve início em 25 de janeiro de 1963 e perdura até o momento atual, questionando o silenciamento destas vozes que lutaram durante onze anos, tempo que durou a luta armada contra o regime invasor português. No entanto, mesmo com a finalização da guerra, ainda continuam sendo desrespeitadas pela sociedade bissau-guineense, principalmente nos lugares de poder. Diante deste cenário de transformações no mundo, é de extrema importância, como já foi mencionado acima, que os homens guineenses compreendam que uma sociedade melhor requer o respeito e o reconhecimento absoluto das mulheres em posições de poder.

³³ Geralmente imperam os valores relacionados com os homens, a superioridade em relação aos outros, com o masculino e a masculinidade (tradução nossa).

Neste sentido, independentemente da recompensa, Sila procura abraçar todas as causas sociais ao aceitar o desafio de:

[...] embarcar numa missão, independentemente dos constrangimentos ou dificuldades. Portanto, mesmo sendo baixo o número de potenciais leitores, como é o nosso caso, em que a taxa de iliteracia é uma vergonha, o escritor deve assumir o desafio e acrescentar um objetivo adicional ao seu leque de alvos a atingir: conquistar mais adeptos, mobilizando todos os concidadãos para esse grande debate intergeracional que só a literatura proporciona (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 4).

Percebe-se aqui que Sila direciona o seu olhar artístico mais para as mulheres guineenses que, historicamente, têm exercido um papel na esfera doméstica, sendo responsáveis por zelar pela família e, frequentemente, arcar com as despesas advindas desta. A disposição do gênero feminino no contexto social da Guiné-Bissau está alicerçada em uma estrutura social patriarcal, a qual produz e reforça mecanismos discriminatórios que tanto estabelecem quanto justificam a primazia do homem em relação à mulher. Dentre tais mecanismos, pode-se encontrar “os mitos, os estereótipos, as leis consuetudinárias e os rituais de passagem que levam a determinadas práticas sociais, geralmente em desfavor da mulher” (SANTOS, p. 69, 2014). Afetadas de forma desigual pelas altas taxas de pobreza e analfabetismo, as mulheres possuem um acesso severamente limitado aos espaços públicos e ao mercado de trabalho formal, restringindo a atuação das mesmas às atividades informais, além de serem vítimas de abusos de direitos humanos, como hostilidades na esfera trabalhista, violência doméstica e o casamento forçado infantil.

Neste sentido, Maria Manuela Abreu Borges Domingues (2000) defende que:

O sector informal de Bissau revela, no entanto, como as mulheres souberam encontrar novas oportunidades de ascensão social e económica, no quadro de crise que caracteriza a sociedade actual guineense, fazendo uso de modelos tradicionais e exógenos de forma sintética e informal, fortalecendo a sua posição social, através de processos de hibridação criativa, fazendo uso oportunístico da pluralidade cultural e jurídica existente, de facto, na Guiné-Bissau. A tão propagada «feminização da pobreza» corresponde, a nosso ver, ao preconceito vitimizador da mulher, que pretendemos negar (DOMINGUES, 2000, p. 72).

A mulher guineense enfrenta um machismo estrutural que se nutre da construção dos elementos que compõem o corpo social, dando sustentação à dominação patriarcal e

enaltecendo os valores constituídos como *matchundadi*³⁴ em direto e desproporcional detrimento dos valores construídos como *mindjerndadi*³⁵ em todas as suas manifestações sociais. Apesar da subtração dos seus direitos, a guineense é um agente social capaz de, por si só, assegurar a manutenção familiar e elaborar estratégias sociais de fortalecimento da sua posição na hierarquia social, isto é, são agentes indutores de mudança social, como podemos perceber na citação abaixo:

Cheguei a acreditar, de tanto ouvir falar do seu poder, que com dinheiro tudo se obtinha, incluindo a capacidade de dominar mesmo os mais cépticos, de dominar quem quer que fosse. Mas a minha intenção não ia tão longe, eu só queria a minha emancipação. Só isso e mais nada.

— A mulher foi feita para sofrer, não para mandar... — disse-me com muita autoridade uma mulher-grande que vendia mancarra³⁶ todas as tardes no campo de jogos onde eu vendia sorvetes quando havia futebol. Foi da boca dessa mulher-grande que ouvi a explicação que mais tarde mudou o meu entendimento do assunto e, definitivamente, me libertou a mente e iluminou o futuro. Foi numa (sic) tarde de pouco negócio e muito tempo para conversar.

— Não achas que uma mulher pode ter uma vida normal sem ter um homem a mandar nela?

— Ser homem é como ser branco, minha filha. Mandar está no destino deles...

— Dois destinos diferentes...

— São filhos da mesma mãe. E sabes quem é o pai deles? Chama-se complexo... (SILA, 2016, p. 34).

Posto isto, constata-se que essas mulheres, mães e *bideras*³⁷, com maturidade diferente, são emancipadas ao decidirem carregar o tabuleiro de *mancarra* e o *termo de sorvete*³⁸, outros acessórios para vender nos campeonatos do bairro. São elas que movem a economia do país

³⁴ Segundo Joacine Katar Moreira (2020), é uma maneira de “olhar para o universo das relações sociais e políticas” onde “imperam absolutamente os valores relacionados com os homens, com o masculino e a masculinidade”. “Estes valores são os que estão relacionados com o entendimento dos homens como um elemento hierárquico comparativamente com a mulher, enquanto elemento que tem apetência natural para ocupar e liderar institucionalmente”, incluindo na família, religião, política e economia, disse. Para se afirmar, segundo a tese da historiadora, a “cultura da matchundadi” usa a “violência nas suas várias dimensões”, a “centralização do poder como modo de liderança e de governação”, o “mimetismo político”, e a “impunidade, que consiste na subversão total do sistema de justiça e que garante a supremacia de certos grupos ou indivíduos face a outros”. A “cultura de matchundadi” está também relacionada com uma competição permanente, que é levada para o exercício do poder e para as instituições do Estado, onde os adversários políticos são olhados como inimigos, “como um alvo a abater”, explicou a também deputada (MOREIRA, 2020, p. 1-2).

³⁵ Já a *mindjerndadi* está atrelada à questão da intimidade feminina: “vagina”. Por exemplo, *mindjer pirsisa di kuida di mindjerndadi* pode ser traduzido como “A mulher precisa cuidar da vagina” (STEIN, 2021).

³⁶ Amendoim - pode ser cru, cozido ou assado (tradução nossa).

³⁷ Vendedoras (tradução nossa).

³⁸ Termo de sorvete – significa culler de geladinhos. (tradução nossa feita do crioulo da Guiné-Bissau para o português brasileiro).

além de carregar toda a estrutura familiar por meio desta *bida*³⁹. Atualmente, na Guiné-Bissau, elas são vozes políticas que ressoam, lutam e resistem, apesar do machismo, dos espaços reduzidos, do silenciamento, da insegurança, do pouco incentivo e investimento. Hoje temos uma rede de mulheres lendo, escrevendo, traduzindo, estudando, produzindo conhecimento de alta qualidade.

Se partimos do pressuposto de que as memórias são derivadas de um processo de “seletividade” e “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais, como reflete Michael Pollak (1989), é possível compreendê-las também como a representação das vivências e dos pensamentos do próprio autor da obra *Memórias SOMânticas*. E isto pode ser notado na fala da personagem no momento em que ela, *mindjer garandi*⁴⁰, faz alguns questionamentos sobre o matrimônio e a cor branca. No que diz respeito à ideia de mulheres viverem sozinhas na sociedade guineense, não é nada de anormal, mas, culturalmente, tem os seus efeitos negativos, ocasionando na decisão de muitas se manterem na solidão do cárcere residencial. A sociedade machista acaba não respeitando escolhas e privacidades. Isto faz com que essas mulheres sejam mais vulneráveis as violências físicas, psicológicas, entre outros tipos de crimes sociais. E em relação ao termo branco, entendemos que isso põe em evidência o que existe na sociedade, ou seja, o racismo, o imaginário de supremacia branca, questionando a posição eurocêntrica em relação às demais culturas.

No entanto, o olhar de ruptura pós-colonial, nas relações de gênero em África, parte do questionamento às normas e às práticas impostas na época colonial, mas também ao legado e às heranças coloniais absorvidas pelos independentistas africanos. Uma herança que destoa dos princípios da luta armada como Cabral o planejou quando fundou o Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo-Verde. O objetivo era a de libertar o povo guineense e cabo-verdiano contra todos os tipos de violência cometidos pela invasão portuguesa na Guiné. Buscava-se pelo direito dos guineenses e caboverdianos de ter acesso à educação, saúde, cultura e saneamento de qualidade. Formar profissionais para garantir uma gestão estatal para todos após a independência.

Sendo uma das figuras mais eminentes deste processo de formação do pensamento nacionalista, Cabral destacou-se como o grande ideólogo da libertação das colônias portuguesas, influenciando muito o processo de gestação da luta armada nas antigas colônias

³⁹ Palavra polissêmica: aqui significa venda, mas noutra contexto pode significar vida humana, em crioulo de Guiné-Bissau.

⁴⁰ Significa, em crioulo da Guiné-Bissau, mulher grande ou idosa, a depender do sentido da frase. Neste caso, a tradução correta é idosa (tradução nossa).

portuguesas em África. Embora ocorresse sucesso real da guerrilha em face das suas vitórias, os grupos internos, que se aglutinaram taticamente para construir a frente de libertação, começaram a apresentar divisões internas de ordem programática e teórica, principalmente no tocante ao objetivo-fim: concepção da linha política. Nesse percurso, os independentistas se dividiam entre a ala militar e a política, que gerou embate de ideias sobre as formas de governar depois da independência, levando assim o país para uma instabilidade governativa gerada pelos próprios independentistas do PAICG.

Desta maneira, o Estado pós-colonial acabou ficando nas mãos dos membros do partido único dominado pelos militares e uma pequena parcela da ala política do PAICG, adotando uma forma de governação similar à dos invasores. Qualquer cidadão que ouse fazer uma manifestação contrária ao regime, seria submetido à violência autoritária. Esse comportamento dos independentistas fez com que a vitória conquistada pelo projeto revolucionário de Cabral fosse “por água abaixo” ao adotarem medidas contra a classe popular, principalmente as mulheres, gerando um sentimento de decepção com as políticas implementadas após a independência e levando o país para um abismo estrutural.

Neste sentido, trazemos a visão da feminista nigeriana Amina Mama (1997) em relação aos feitos dos independentistas africanos sobre às políticas de emancipação feminina. Restritos à causa masculina igual aos colonos, os independentistas adotaram posicionamentos mais severos para limitar as mulheres ao papel de mães. Para Mama, “as ideologias nacionais pós-coloniais continuam a chamar para que as mulheres desenvolvam um papel limitado, o de mães da nação” (MAMA, 1997, p. 57). Segundo ela, a maioria dos líderes das independências africanas tinham quase a mesma posição sobre o lugar reservado às mulheres. Elas foram reduzidas ao papel de não protagonistas, podendo estar apenas no lugar de donas do lar.

O olhar crítico de Mama (1997) nos ajuda a entender, a partir de uma perspectiva feminista, o posicionamento de Abdulai Sila ao criticar a maioria dos discursos pós-coloniais, uma vez que os mesmos não reverberaram sobre a violência imposta e sofrida pelas mulheres e minorias sexuais, presumindo que somente as dominações colonial e neocolonial deveriam ser questionadas, enquanto as formas internas de submissão se mantiveram inquestionáveis.

Ademais, levando em conta as problemáticas da globalização na sociedade guineense, a questão da mulher continua sendo uma das pautas mais discutidas, tanto no âmbito acadêmico quanto no cotidiano do país, e a literatura que se produz neste território volta-se ultimamente para essas vozes, denunciando a violência estrutural que permeia ainda as relações de gênero na sociedade guineense, o que passou despercebido pelos discursos pós-colonial e

neocolonial. Todavia, o problema não está nas lutas em si, mas sim na insistência em manter as formas de domínio e de desigualdade que estas mulheres são vítimas; formas estas que se reproduzem em novas estruturas e características, como podemos perceber no trecho seguinte:

‘Ela é assim, já vos tinha dito’, voltou a falar o meu padrasto. A sua voz mete-me medo, muito medo. Quando o vejo assim firme à minha frente, aquele corpo alto e musculoso, aquelas mãos calosas que parecem ter cola quando segura alguém, dá-me vontade de fugir (SILA, 2016, p. 19).

Esse tipo de temor é bem enraizado na sociedade guineense, uma violência doméstica que não se enquadra com o que pensamos como liberdade e igualdade entre homens e mulheres. Ainda nessa linha, reflete-se o não reconhecimento de quem são os verdadeiros combatentes da liberdade da pátria. As mulheres guineenses dedicaram suas vidas no processo da luta armada e hoje aparecem pouco no cenário político do país por causa dos “maus herdeiros” que estão guiando a nação bissau-guineense após a independência, que, segundo Mbembe (2014):

de fato, tanto muito antes quanto durante e após a colonização, o poder em África procurou sempre assumir a imagem da virilidade. A sua modelação, implementação e a sua dotação de sentido operaram-se largamente à semelhança de uma ereção infinita (MBEMBE, 2013, p. 175).

Por isso, é importante repensar uma forma de relacionamento mais igualitário nas sociedades africanas, tendo em conta a maneira de distribuição das forças (poder), a qual sempre está vinculada ao fator masculino. Todo o exposto reforça a fala de Domingues, Mama e Sila, fortalecendo essa visão feminista em relação à violência e à dominação no território africano.

Sila nos presenteia com um lindo entrelaçar entre a temática do livro e a sua estrutura poética. Isso porque a construção linguística utilizada pelo autor é de um acabamento preciso, assim como o amarrar das histórias. As narrativas são permeadas de lágrimas, violência, ancestralidade, fé e sentimentos. O autor não se cala perante os acontecimentos narrados e nem se omite diante da essência subjetiva da criação literária.

Publicada em 2016, em *Ku Si Mon Editora*⁴¹, a própria editora do autor, Memórias SOMânticas reúne narrativas que abordam conflitos sociais, culturais, históricos e contemporâneos. A história é representada imagetivamente por um grito de uma mulher

⁴¹ Com as próprias mãos Editora.

combatente da liberdade da pátria bissau-guineense. O autor constrói 14 capítulos curtos, com numerações romanas, que se entrelaçam entre si, para relatar a história de uma menina com identidade fraturada que teve uma infância terrível por causa dos maus-tratos que recebia do seu padrasto, decidindo, posteriormente, ingressar no PAIGC, em Conacri, com a intenção de reencontrar o seu namorado.

Sila abre o livro com questionamentos de autoavaliação sobre a vida e o fecha com demonstração de orgulho em participar de uma possível mudança de paradigma através da literatura, como podemos perceber:

o que é que posso afirmar que tenho quando toda a gente assume que não tenho nada? [...] Marginalizados? [...] Deserdados? [...] Não erguemos troféus, não exigimos medalhas, nem guardamos ressentimentos. Impusemos um novo paradigma de inteligência: sem ser mártir nem ambicionar ser herói, viver uma paixão até exaustão e morrer sonhando (SILA, 2016, p. 9-123).

Essa voz autoral questiona, reivindica e, ao mesmo tempo, está orgulhosa por ter participado de um projeto emancipatório que mudou a vida das pessoas e o olhar das coisas. Sonhar e continuar acreditando que um dia construiremos “um mundo plural, onde todas as cores do arco-íris se fundem sem nunca se confundirem” (SILA, 2016, p. 123).

Outra questão importante no enredo de *Memórias SOMânticas* é a das violências tanto psicológica como física praticadas pelo padrasto da personagem principal. Sila usa também alguns recursos estilísticos para marcar as suas narrativas através do uso de palavras em línguas locais, como: *djumbai*, *kankuran*, *bidera* e outros⁴², demonstrando o seu afeto com essas línguas.

A narrativa da obra fragmenta-se de forma digressiva e psicológica. O autor não segue uma linearidade fixa ao se debruçar sobre os momentos da vida da personagem. Começando com questionamentos, a estrutura segue a ordem em que os fatos lhe vêm à memória. Fato que nos leva a crer que, talvez, Sila tenha optado por se tornar uma narradora feminina para ceder a voz a essa mulher vítima de vários tipos de violência. Assim, por meio do recurso digressivo, o autor busca dialogar com o leitor, despertando nele um papel mais ativo: o de

⁴² Djumbai – convívio ou diversão; kankuran – é uma figura mítica da cultura popular de alguns grupos étnicos islamizados da Guiné-Bissau. Pode ser considerada como um guardião das festas, aparece ao público durante ocasiões festivas, nomeadamente as cerimônias de circuncisão de rapazes; bidera – vendedora informal (tradução nossa).

mudança de paradigma estrutural em relação à questão do gênero, isto é, entender a mulher como parte da solução de problemas e não como um problema.

Dando continuidade à análise da personagem, é importante pontuar que a mesma namorava com um dos mentores do movimento de libertação nacional sem saber o que o companheiro e seus colegas estavam organizando para dar início ao processo revolucionário guineense. Por conta desta relação afetiva, a personagem foi motivada a participar do movimento como uma das representações femininas, destacando-se durante todo o período de luta armada e mostrando que o lugar da mulher pode ser na cozinha, na coordenação do partido, na enfermaria, na sala de aula ou onde ela bem quiser.

Ressalta-se, mais uma vez, que a trama não nomeia a personagem principal, que assume a primeira pessoa na narrativa para contar a sua história marcada por uma série de episódios de assédio moral e violências psicológica e física, vividas ou testemunhadas. Neste sentido, percebe-se que Sila (2016) direciona o foco do leitor justamente para repensar aquilo que pode ser feito com o propósito de colocar a Nação guineense acima de tudo e deixar as rivalidades políticas de lado, como podemos perceber na fala da personagem de *Memórias SOMânticas* (2016):

é verdade que ao longo da minha vida continuei a questionar muita coisa que se poderia considerar como emanada dessa ordem natural e não me arrependo. Quando perdemos a capacidade de questionar ganhamos uma prenda vitalícia: um cérebro oco. Com um cérebro oco a vida é uma coisa; ela é outra coisa completamente diferente quando libertamos o pensamento e, encarando a vida de mente aberta e alerta, nela procuramos o inverossímil. Enquanto indomada, a vida regenera-se colorida, reequaciona permanentemente a razão e faz brotar a paixão. É quando podemos fazer dela o que os incautos jamais serão capazes de prever (SILA, 2016, p. 14).

Diante do exposto, constata-se que a força vital desta mulher é incrível, porque, mesmo com toda a violência sofrida, nunca deixou as opiniões alheias silenciarem e apagaram o seu poder. Manteve-se sempre firme nas suas posições mesmo sendo maltratada por um padrasto extremamente machista. Os desafios relacionais que a personagem expõe mostra que é uma mulher decidida a lutar pela independência, por causa das injustiças sociais e pelo amor ao seu namorado que se encontrava no quartel-general do partido em Conacri⁴³, além dos conterrâneos combatentes e imigrantes que já viviam lá. Considerando a forma de lidar com o

⁴³ É importante frisar que a Guiné-Conacri foi o país que cedeu o território para toda estrutura política e militar do PAIGC na luta contra o sistema de invasão portuguesa na Guiné-Bissau. Conacri é a capital do país.

mundo à sua volta, ela se tornou um dos símbolos de emancipação feminina e exemplo para mulheres guineenses, impulsionando, com sua garra e perseverança, outras *mulheres de pano preto* a resistirem contra todas as formas de opressão, visando à libertação do povo guineense contra os invasores portugueses.

Podemos perceber, então, que, dentro desse cenário sócio-histórico, Sila (2016) inicia o seu processo de resgate das vozes femininas guineenses, transformando-lhes em narrativas documentais e fazendo com que as histórias dessas mulheres, guerreiras e heroínas, sejam conhecidas, respeitadas num ambiente pós-colonial, que ainda vivencia os resquícios da guerra colonial.

Torna-se importante frisar também que qualquer produção literária guarda aspectos, características e relações socioculturais do universo em que é produzida, por isso, “é preciso reconhecer que há sempre alguma ficção num trabalho dessa natureza” (SILA, 2021, p. 7). Posto isto, verifica-se que toda obra ficcional lida com as premonições, sonhos e sentimentos com intermediação da realidade pessoal ou coletiva. A obra literária constitui-se parte do mundo, das criações humanas, e transforma-se em relato de um determinado contexto histórico-social. Qualquer obra literária é um arcabouço histórico importante, cabendo ao historiador se debruçar sobre essa ferramenta nova, capaz de questionar e trazer à tona seu olhar sobre um determinado período, buscando a compreensão e a produção historiográfica. Deste modo, Nicolau Sevcenko afirma que:

a literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos (SEVCENKO, 2003, p. 30).

Sevcenko nos mostra que a literatura trouxe uma nova forma de pensar o passado por meio do olhar e da voz dos silenciados. Ela cria possibilidades cumprindo o seu papel primordial que é fornecer elementos substanciais na construção de uma versão da verdade dos fatos. Sendo assim, acredita-se que todo testemunho histórico, independentemente de ser um documento oficial ou uma obra de arte, traz consigo significações que serão entendidas quando devidamente analisada sua relação com o contexto histórico no qual o objeto foi produzido, revelando as lutas, sonhos e angústias, que Sila chama de “condimentos da obra literária” (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 3).

Para Fábio Baqueiro Figueiredo,

muita coisa estava em jogo nas independências africanas, e não apenas para os africanos. Precisamente por isso, abrir um espaço para a investigação da literatura africana das independências pode ajudar a ampliar o campo da pesquisa histórica sobre as relações entre política e cultura no mundo contemporâneo (FIGUEIREDO, 2018, p. 6).

Para os guineenses, o projeto independentista era o fator primordial para expulsar a presença dos invasores portugueses na Guiné, o que não significava odiar os portugueses, mas sim ter a nossa liberdade e autonomia de gerir as nossas relações sociais, econômicas e culturais, como toda nação soberana precisa, tendo como objetivo recuperar o sentimento de pertença e liberdade que foi retirado ao longo de décadas pelo sistema invasor. Neste sentido, concordamos com o professor Figueiredo que as independências africanas provocaram rupturas enormes no mundo, e, através destas guerras pela independência desencadeadas pelos países invadidos por Portugal em África, foram originadas ondas de protestos em terras das quininas, acabando por derrubar o regime ditatorial salazarista. Mesmo com toda a represália, os africanos continuaram firmes e fortes, ao ponto de realizar várias linhas de resistência nas suas regiões, fazendo emergir desse contexto o discurso mais duro, que reivindicava autonomia, independência e união africana contra os europeus, como podemos perceber no seguinte trecho: “- Vamos ser Africanos! [...] Olha pra mim, vamos construir a nossa nação Africana e deixar de ser um apêndice desta pátria multicontinental e plurirracial, ou sei lá como os tucas chamam a isto agora”. (SILA, 2016, p. 35). Diante deste sentimento de pertença, estampado por essa relação de convivência coletiva que é a fotografia do contexto social bissau-guineense, nota-se que o texto literário cria a possibilidade de eventos históricos serem expandidos, pois, no mundo da imaginação, não existem parâmetros a serem obedecidos socialmente. Os atos acontecem normalmente a partir das vivências sociais do sujeito histórico real, tornando-se, portanto, campo fértil para dar vazão aos anseios mais íntimos dos sujeitos que, dessa forma, ampliam a dinâmica social vivida. Assim, no mundo imaginário da literatura, aquilo que está escrito é ou pode ser verdadeiro.

E é por isso que as narrativas de Sila são importantes, não só para fazer homenagem as mulheres mas também estar do lado delas na busca pelos seus direitos femininos e na luta contra a opressão e todas as formas de violência contra a mulher. Neste sentido, é de extrema importância que os homens juntassem vozes com as mulhreses para o fortalecimento do debate de gênero, mostrando que os dois só precisam coabitar em harmonia e ter respeito igual ao nascer e pôr-do-sol. Nesta ótica, Sila evidencia e procura ressignificar o equilíbrio

entre os homens e mulheres guineenses ao compor uma relação de irmandade entre o passado e o presente, fazendo uma leitura da realidade bissau-guineense a partir da outra margem. Então, revela-se um conjunto polifônico, com as mais variadas vozes consideradas marginais pelo contexto sociocultural guineense, através das narrativas que imprimem a identidade feminina em uma sociedade regida por normas patriarcais e masculinas.

Assim, é importante ressaltar que as narrativas de Sila nos ajudam a compreender a sociedade bissau-guineense, bem como trazer para o debate questões como violência sexual, violência física, xenofobia, reflexões sobre o lugar reservado às mulheres, dentre outros fatores que precisam ser modificados com urgência na sociedade guineense. Ademais, temos uma estrada aberta para entender uma sociedade em que as mulheres sempre fizeram de tudo para proteger seus maridos, lares e famílias e que ainda cuidam, com toda força e garra, das tarefas que foram incumbidas pelo partido durante o processo da luta de libertação nacional contra os invasores portugueses, como podemos perceber:

sem que fizesse muito por isso, deram-me um couro com que não contava tão cedo. Fui designada adjunta da camarada responsável pela cozinha no Lar. Foi na sequência de um acontecimento feliz ocorrido quando ainda passava a maior parte do tempo no Internato e ajudava a preparar a refeição diária a que tínhamos direito (SILA, 2016, p. 54).

Mesmo sendo mais nova no grupo do Lar⁴⁴, a personagem sempre se destacou ao cumprir todas as tarefas que lhe foram atribuídas pelo partido, o que lhe rendeu o lugar de honra como auxiliar de preparação das refeições na cozinha mais sagrada de todo o processo da luta de libertação nacional. Mesmo estando extremamente apaixonada, ela nunca desistiu de lutar como guerreira para a emancipação do povo guineense e para defender o direito de as mulheres serem livres e donas das suas próprias vidas. Assim, *Memórias SOMânticas* trazem, também, uma linguagem engajada com as ideias de militância do partido africano para a independência da Guiné, da negritude, do pan-africanismo e da guinendade quando afirma que “Descobri o significado mágico de tornar-se africano, o fascínio da independência” (SILA, 2016, p. 38).

Neste sentido, diante de todas as situações desfavoráveis, as mulheres exerceram um papel importantíssimo na consolidação de um projeto de nação que atende às necessidades do povo guineense em todos os níveis da sociedade. Segundo Godinho (2017), muitas mulheres

⁴⁴ Residências que abrigavam as guerrilheiras do PAIGC.

não tinham tido a oportunidade de estabelecer um contato direto com o movimento de libertação, como o organizado pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), sobretudo aquelas originárias das

comunidades mais remotas do país e de áreas não totalmente dominadas pelas forças nacionalistas, não seriam contempladas no processo de construção do Estado independente. E várias das que tinham participado na luta armada ficaram à margem dos processos e das oportunidades educativas e de formação, enclausuradas em sistemas sociais e políticos fundamentalmente patriarcais (GOMES, 2017, p. 40-41 *apud* GOMES, 2015b; LY, 2014).

O desprezo e a falta de uma boa governabilidade do PAIGC como partido do Estado após a independência fizeram com que as mulheres descreditassem do projeto da nação guineense. Este, contudo, em vez de apoiar a luta feminina, como pautava o líder dos libertadores sempre que tinha a oportunidade de dialogar com os camaradas na época, reforçou o seu processo de desvalorização em curso.

Cabral pautava e enfatizava a questão da emancipação feminina e do casamento forçado nas *tabancas* da Guiné (GOMES, 2017). Por outro lado, os independentistas do PAIGC fizeram o oposto do que Cabral almejava. Deram, todavia, continuação apenas a uma parte do projeto político e educacional do partido, fomentando a União Democrática das Mulheres da Guiné e de Cabo Verde - UDEMU, que tinha como objetivo formar as mulheres do partido em todos os níveis das dimensões sociais para que elas pudessem estar sempre presentes nas tomadas de decisão e onde quiserem. No entanto, essa organização, em vez de criar ramificações em toda sociedade guineense com o mesmo propósito, acabou beneficiando somente uma parte do partido: as mulheres que faziam parte da elite política do PAIGC, colocando outras combatentes à margem da sociedade.

Na verdade, o grande papel dessa organização atualmente consiste em criar bases para colher votos no período eleitoral em vez de desenvolver projetos sociais que possam acolher e cuidar daquelas que foram deixadas para trás após a independência, como a Organização da Mulher Angolana – OMA – e outras fazem ajudando essas mulheres a terem mais autoestima e renda própria e diminuindo a possibilidade de ficarem reféns de um projeto machista e autoritário dos governos do PAIGC.

E apesar de terem sido injustiçadas ao longo dos tempos, as mulheres guineenses sempre desempenharam um papel importante, com orgulho e dignidade, na organização de uma nação independente e livre, durante e depois da luta armada pela independência da

Guiné-Bissau. Tanto na linha de frente como nos bastidores, foram e continuam sendo ainda combatentes, sejam elas mães, enfermeiras, doutoras, professoras, cozinheiras, jornalistas, musicistas, dentre outras funções que exerceram e continuam exercendo. Por isso, vale ressaltar alguns nomes para mostrar o quão importante elas foram na luta contra o sistema colonial português. Titina Silá, Teresa Badinca, Quinta Costa, Canhe Na Tungue foram, e são, exemplos de mulheres que carregam a força simbólica de uma sociedade invadida por Portugal.

Neste sentido, Sila busca fazer um resgate memorialístico ao trazer para o leitor narrativas dessas mulheres que conseguiram sobreviver a várias crises em busca de uma sociedade onde os seus direitos não sejam subtraídos. É possível perceber, com mais clareza, estas questões na obra *Memórias SOMânticas* (2016). Sua narrativa confessional, que consegue adentrar no corpo do leitor, é uma produção completamente diferente de todas as que Sila já escreveu, porque a ideia da união, do amor e da liberdade superou todos os limites da vivência humana, a exemplo da fala de uma guerrilheira:

nas noites de indecisão procurei a luz redentora, nos vestígios da luta pela afirmação procurei amparo. Cantei, louvei, celebrei a vida. Mas a vida insistia em querer iludir-me a qualquer momento, a todo o custo, não me reconhecendo o direito a interregno nessa batalha que se anunciava eterna (SILA, 2016, p. 15).

Percebe-se, nesta passagem, a força, a bravura, a coragem e a dignidade de uma mulher que, apesar de todos os sofrimentos e desilusões afetivas, manteve-se firme naquilo que era o seu objetivo: libertar seus irmãos das mãos dos invasores, promovendo a unidade nacional e solidariedade entre todos os povos da África. São as mulheres que renovam as gerações, constroem futuros e oferecem expressão de liberdade, de modo que seja possível desempenhar responsabilmente o seu papel social e histórico e, para isso, elas só precisam ser ouvidas, respeitadas e possuir os mesmos direitos que os homens na sociedade. Não substituindo nada que já foi conquistado, estabelecemos a compreensão de que elas são extremamente importantes em locais de poder para que assim tenhamos um futuro próspero e igualitário. Deste ponto de vista, é possível questionar os lugares de representação e de valorização das práticas culturais não hegemônicas, a fim de mudar a ordem social e patriarcal hegemônica e legitimar a estética literária, problematizando a naturalização da violência contra as mulheres guineenses e negras. O mais perigoso é a naturalização dessa violência de gênero, que é a consequência das relações entre os homens, sendo produzida historicamente. Então, a

violência é decorrente da manipulação como uma prática de dominação entre as classes desiguais, disfarçando-se no *modus operandi* da burguesia tradicional para manter a hegemonia das classes.

Sendo assim, nessas noites claras de insônia, as guineenses rejuvenescem, se fortalecem e se preparam para os desafios do presente e futuro. Ao nosso ver, superar desafios, como a da luta armada de onze anos, é construir medidas que se contrapõem ao monopólio masculino, que rompem com as distorções nos espaços de representação. Apesar de todo o cansaço, elas continuam a espalhar esperança deste novo mundo em devir em que a maldade e o sofrimento não podem existir.

Ademais, os ritmos e as cantigas entoadas pelos guineenses trazem novamente a história comunitária, política e social. Rever a história desses territórios e seu formato de organização é compreender que as mulheres guineenses tiveram e têm papel fundamental na continuidade da vida e estabelecem relações de equilíbrio para o respeito e outras formas de conceber o sagrado diante das bárbaras opressões e do terrorismo que sofrem ainda hoje nas *tabancas*.

Então, Sila assume a proposta de construir uma obra literária inserida no movimento de contexto social bissau-guineense, investigando suas redes de interlocução social. Segundo o autor, “a literatura tem que contribuir para isso, para essa segunda emancipação das nossas mulheres, para o reconhecimento do seu papel na construção de sociedades mais justas e harmoniosas” (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 6). Nota-se uma preocupação com a emancipação e o reconhecimento que as guineenses merecem por tudo que fizeram e continuam a fazer com amor e respeito na sociedade bissau-guineense. E, como o mesmo afirma:

na vida há coisas que podes mudar, outras não. Concentra-te naquilo que podes influenciar com a tua ação e coloca o resto no seu respetivo lugar. Assim podes vislumbrar o fim de uma situação e o início de outra. No fundo, é esse o segredo da vida, entendas (SILA, 2016, p. 23-26).

Abdulai Sila, enquanto um intelectual humanista (SAID, 2005), deposita suas forças na literatura para mudar as coisas que acredita que podem ser mudadas. A partir do seu papel de escritor, coloca as mulheres no mesmo patamar que os homens, ouvindo-as, respeitando-as enquanto mulheres e profissionais, enaltecendo-as pela luta em prol da melhoria e desenvolvimento da sociedade, como também no fortalecimento do olhar crítico em relação

ao invasor. Ou seja, Sila, conseqüentemente, reconfigura a sociedade guineense através da literatura.

Para Said,

[...] os discursos universalizantes da Europa e Estados Unidos modernos, sem nenhuma exceção significativa, pressupõem o silêncio, voluntário ou não, do mundo não-europeu. Há incorporação; há inclusão; há domínio direto; há coerção. Mas muito raramente admite-se que o povo colonizado deve ser ouvido e suas idéias conhecidas (SAID, 2005, p. 86).

Said assinala o fato de que, se vivemos em um mundo para além do mercado, mas de representações, a cultura não pode estar dissociada dessa realidade. Desvincular a esfera cultural do contexto político é um falseamento, é querer entender a cultura como impermeável ao poder, como se as representações pudessem ser tratadas como imagens políticas. Reforça o fato de que os Estados Unidos substituíram os grandes impérios anteriores, sendo a força econômica e militar no mundo contemporâneo que domina a América Latina, boa parte do Oriente Médio, África e Ásia.

Percebe-se que, para além da arma que a literatura é, ela também pode ser uma forma de lutar contra as limitações que outros impõem sobre os nossos corpos, sobre as nossas conquistas pessoais e territoriais. Sendo assim, Sila (2016) faz mais que uma obrigação intelectual ao trazer sua escrita para homenagear essas mulheres que deixaram as suas *moranças* em prol da libertação da nação bissau-guineense, como podemos perceber:

é uma mulher que simboliza muitas outras. São pessoas que sempre estão na linha da frente, sem que no entanto os seus feitos sejam devidamente reconhecidos e valorizados. Há muitas heroínas em África, cuja história merece ser enaltecida e amplamente divulgada (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 6).

O texto literário, que era considerado um campo exclusivo da figura masculina, está se adaptando ao universo feminino, mostrando o poder e a contribuição das mulheres dentro deste processo emancipatório que estabelece a igualdade de direitos com os homens e não ao contrário. Assim, pode-se dizer que a literatura e a história caminham juntas neste diálogo estabelecido por Sila, sendo que a trama, entre ficção e realidade, nem sempre traz boas lembranças; algo que constatado na sua reflexão a seguir:

[...] a vida não é feita de processos lineares, nela há sempre altos e baixos. Isso significa basicamente duas coisas: por um lado, temos que ter a coragem de viver com certos acontecimentos, por mais horrorosos e perturbadores que sejam; por outro lado, sendo marcantes esses acontecimentos, há que ter a sabedoria de deles tirar lições de e para a vida, cultivar a capacidade de transformar as contrariedades em oportunidades. Não é fácil, mas não há outra saída... (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 5)

Esse olhar da literatura como um campo de ressignificação dos acontecimentos do passado está ganhando cada dia mais visibilidade por parte da historiografia literária. Assim, devemos pensar a literatura como um importante aliado histórico na construção de um novo processo sócio-histórico, tendo em conta o seu potencial para favorecer a justiça social na Guiné-Bissau, como também no continente africano. Abdulai Sila, com uma escrita altamente engajada, permeia, através da sua literatura, diversos campos, como a crítica social, a memória coletiva e individual de um povo, a estrutura prosaica e poética, entre outros aspectos. Ele utiliza diversos recursos linguísticos nacionais para embelezar mais a sua escrita, utilizando quebras constantes no foco narrativo e a suspensão da linearidade temporal durante todo o percurso da narrativa.

3 BANTABA: O CORAÇÃO DA TRADIÇÃO ORAL E DA MEMÓRIA CULTURAL

3.1 A RESPONSABILIDADE SOCIAL DOS ANCIÕES NA TRADIÇÃO BISSAUGUINEENSE

Sabemos que o ato de contar *passadas* e histórias é uma maneira que os nossos ancestrais acharam para transmitir tudo que eles viveram, através do uso da oralidade, a qual possui um papel significativo até os dias de hoje. No entanto, essa tradição oral está sendo ameaçada por falta de um comprometimento do Estado guineense em relação às políticas culturais públicas que possam cuidar deste patrimônio nacional. Apesar de toda essa indiferença, ela continua sendo a base norteadora da formação dos *fidjus di Guiné*⁴⁵, por isso, está ligado a várias tradições, como as do *djidius*⁴⁶ e do *bantabá*⁴⁷. Com isso, a cultura bissauguineense se pauta, primeiramente, na transmissão do conhecimento via oral e nos seus saberes ancestrais, que são transmitidos pelos pais, tios, vizinhos e outras pessoas próximas ou distantes da nossa família. Por meio das línguas nacionais, gestos e olhares discretos, a tradição oral é uma das mais ricas entre a costa ocidental e o continente africano. É por meio dela que os escritores, músicos e pintores guineenses inspiram-se para fazer das artes bissauguineenses um mosaico de guinendade.

Nesta ótica, a tradição oral consiste em uma grande escola da vida (BÂ, 2010). É dela que se recuperam e se relacionam todos os aspectos da nossa vivência. Pode parecer até estranho e caótico para aqueles que costumam pensar de forma cartesiana, mas é necessário compreender que a palavra carrega consigo um mundo de conhecimentos como, por exemplo, gestos e olhares, que só aqueles que conhecem essa arte conseguem decifrar os códigos e sinais transmitidos pelo corpo. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados.

Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história,

⁴⁵ Filhos da Guiné (tradução nossa).

⁴⁶ São griot, músico, poeta ou artista em estágio mais avançado, isto é, são mestre dos mestres (tradução nossa).

⁴⁷ Lugar de convívio, descanso e lazer, onde homens, mulheres e crianças costumam se relacionar na irmandade (tradução nossa).

divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana (BÂ, 2010, p. 169).

Neste sentido, é urgente entender a memória como parte importante na preservação da tradição oral e da identidade cultural de um povo, principalmente num país que sofreu sequelas da colonização e continua sendo castigado pelas crises pós-coloniais. Escritores e escritoras guineenses procuram fazer uma abordagem da memória nacional em suas produções, trazendo à tona, por meio da escrita e da oralidade, histórias de pessoas e comunidades invisibilizadas, negadas e apagadas pela história oficial. Assim, pensando nas nossas recordações, como nos *djumbais* de lua cheia, nos *djambadons* das cerimônias do casamento e nas entradas e saídas dos *fanados*⁴⁸, todos esses patrimônios imateriais estão intrinsecamente ligados à tradição oral.

Apoiando-nos em Hampaté Bâ (2010), de novo, percebe-se que:

entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que os povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente esse conceito infundado começou a desmoronar. [...] Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro do homem (BÂ, 2010, p. 167).

Bâ (2010) nos mostra que é preciso fazer uma abordagem transdisciplinar que respeite as formas locais de pensar, mas refletindo nas fronteiras epistemológicas dos saberes endógenos, mergulhando nos espaços simbólicos de outras culturas, principalmente da tradição oral, que está ligada ao sentimento de pertença e à conexão entre homem e palavra.

A palavra é considerada divina na tradição guineense segundo os mais velhos, por que ela tem o poder de unir e separar, além de criar e recriar os laços de uma sociedade por meio da oralidade, não se limitando a narrativas imaginativas sobre os processos históricos, mas ao dia a dia dos indivíduos e da comunidade, bem como dos fatos socioculturais que marcaram a vida daquele povo, como, por exemplo, a encenação do teatro e o cinema guineense em crioulo, locais onde a criação do imaginário da tradição oral é contado. As músicas populares, as canções das *mandjuandadi*, os cantos guerreiros da luta armada de libertação foram ou são

⁴⁸ Festas no fim do período de reclusão da circunscrição masculina na Guiné-Bissau (tradução nossa).

veiculados por meio do crioulo guineense. Estes e outros gêneros da literatura guineense, muita das vezes, tornam-se difícil de compreender no conceito ocidental do pensamento, como a cultura de fanado, por exemplo, que é considerada como ato de pureza do corpo para etnias islamizadas, de pureza e *matchundade* para etnia balanta, entre outros. Para Semedo (2000), “histórias, algumas delas inspiradas em histórias tradicionais que muitos de nós tiveram o privilégio de ouvir em criança; umas basearam-se em piadas, ditos ou provérbios escutados aqui e ali” (SEMEDO, 2000, p. 15).

O termo ‘passada’ possui vários significados: reconto, narração de acontecimentos feita com ênfase, relato de bisbilhotices, fofoca, piadas e outros, como explica a própria escritora Semedo: “A expressão ouvi contar traduz um pouco a tão cultivada cultura guineense de Nobi Kuma ouvi dizerem que jamais se sabe a origem daquilo que alguém diz ter ouvido.” (SEMEDO, 2000, p. 19). No que diz respeito ao profano e ao sagrado, ao visível e ao invisível, aos vivos e aos mortos, podemos perceber que a tradição guineense instaura um olhar religioso do universo. O mundo visível está ligado ao invisível, constituindo assim uma unidade cósmica. Tanto o comportamento do ser humano em relação a si próprio quanto ao universo que a cerca assumirá um caráter ritualístico, de exemplaridade e verdade, verdade absoluta.

A sociedade bissau-guineense possui os mais ricos saberes que se configuram, ao mesmo tempo, enquanto religião, conhecimento, ciência da natureza (BÂ, 2010), *fanado*, história, *passada*, criação e recriação dos mitos nacionais com a presença do profano e do sagrado, relação entre os mundos, visível e invisível, entre os vivos e os mortos e o sentido de comunidade nela presente. A noção da palavra nos leva para o campo da linguagem e é pensada como um ato de *Tchoquerendan*⁴⁹, segundo a tradição fula.

Conforme aponta Bâ, para os anciões,

sobretudo para os “homens do conhecimento” (*silatigui* para os fulas, *doma* para os bambaras), a lógica apoiava-se em outra visão de mundo, em que o homem se ligava de maneira sutil e viva a tudo que o cercava. Para eles, a configuração das coisas em determinados momentos-chave da existência possuía um significado preciso, que saibam decifrar. “Esteja à escuta”, dizia-se na velha África, “tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento...” (BÂ, 2003, p. 31).

Constata-se que, para além do campo da palavra falada, a linguagem se expressa na

⁴⁹ União faz a força (tradução nossa).

memória, no corpo, nos sons e nos sinais, porque é com a produção da linguagem que chamamos atenção para o encontro da memória com a mesma, pensando na linguagem para além da escrita ou da língua falada, pois, em África, “esteja à escuta”. Dizia-se na velha África: “tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento” (BÂ, 2003, p. 31). Esses conhecimentos simbolizam a imagem e função dos *djidius*, os mensageiros da paz e conhecedores das narrativas orais e da memória nacional, transformando-os em narrativas orais ou sonoras, por isso,

[...] os profissionais tocadores de tambores falantes yorubanos dominam admiravelmente a arte de reproduzir a fala humana com seus tambores. É justamente por isso que se costuma chamar o *dùndùn*, tambor falante por excelência dos conjuntos membranófonos iorubanos, de “*okú ewúré tii fohun di èyàn*”, ou seja, a cabra morta que fala como uma pessoa viva. [...] o tocador de tambor yorubano não precisa de rodeios para “falar” com o seu tambor o que quisesse. Cada tom que emite com o tambor corresponde a uma sílaba em língua yorubá falada (AYOH’OMIDIRE, 2020, p. 156-158).

Dentro desta conjuntura, percebe-se que a oralidade é o ponto de partida da transmissão do saber e pode ser entendida “como conceito definidor das culturas africanas e afro-diaspóricas” (AYOH’OMIDIRE, 2020, p. 162). Assim, sem desmerecer a escrita, a oralidade é a materialização de tudo o que foi dito na citação do professor Félix Ayoh’omidire e endossado por nós. Então, se os cânones não contemplam a oralitura com um espaço na estante de honra dos clássicos literários, cabe a nós fazer isso nos *bantabas*, nas tardes de *mandjuandadi*, nos terreiros, nas noites de lua cheia, nas colheitas de *mpanpan*⁵⁰, nas cerimônias de lavagem/purificação dos corpos e outros.

Levando-se em conta a sua grandeza, o conceito de oralitura está sendo prestigiada na diáspora negra, principalmente no Brasil, com o grande trabalho da professora Leda Maria Martins, a exemplo do livro *Performances da Oralitura: Corpo Lugar de Memória* (2003), que faz um resgate do passado e das memórias através dos atos de fala e de performance dos congadeiros, matizando, no conceito de oralitura, a singular inscrição do registro oral que, como littera, letra, grafa o sujeito no território narrativo e enunciativo de uma nação.

Nesta perspectiva, a oralitura é um conjunto de obras que dá mais valor ao ato da fala ou performance por ser um instrumento de educação cívica e moral da sociedade. Ademais, toda a sociedade possui histórias e contos que passam mensagens sobre as regras do bem viver, de convivência social, como, por exemplo, provérbios, ditos, adivinhas, orações, contos, lendas e

⁵⁰ Época de colheita de arroz do campo (tradução nossa).

mitos, teatro popular e cantigas. Por serem textos sem padrão autorial, na maioria das vezes, a oralitura destoa dos moldes eurocêntricos para conceituar o fazer literário, sendo que cada escritor/autor se identifica e toma posse de histórias inventadas. Já as narrativas africanas se concentram mais na educação das crianças e adolescentes, exigindo, assim, a presença física dos ouvintes.

Segundo Ayoh’omidire (2020), apesar de toda uma ligação histórica entre as duas margens do atlântico, o conceito de oralitura de Martins (2003)

[...] é pensada nos moldes dos movimentos do corpo negro para descrever aquilo que chama de “coreografias lacunar da memória e os rituais de linguagem” [...] enquanto que “nós preferimos focalizar o processo de composição, armazenamento e transmissão dos textos constitutivos de determinados gêneros literários iorubanos à luz do debate epistêmico da oralidade *versus* a escrita, numa tentativa de rasurar as premissas hierarquizantes implícitas e demonstrar a capacidade das sociedades africanas de ‘digitalizar’ seus textos orais com base em escritas (alter)nativas (AYOH’OMIDIRE, 2020, p. 164-155).

Nota-se que, apesar da proximidade de estilo literário no trabalho dos dois autores e pela afinidade demonstrada por ambos na eleição das temáticas tratadas em suas obras, eles apresentam um olhar diferente em relação à realidade de seus países. Para um, há a tradução por meio de vários tipos de linguagens, que vai da fala ao gesto e ao som, enquanto que, para o outro, há a busca por compreender o corpo através dos rituais da performance. Contudo, na tradição africana como também afro-diaspórica, a ritualização do ato de falar ou narrar fatos, a reverência à palavra, ao gestual, à interação do narrador com o público ouvinte geram a cumplicidade que nos possibilita fazer uma abordagem sobre a diversidade e a diferença. Reconstruir o velho pela memória e recepcionar o novo pela fantasia são ações que mostram que nem sempre é preciso fazer a transcrição dos textos orais para que eles possam ser respeitados, sendo que existem ainda muitas coisas na tradição africana que não se encaixa na tradução literária ocidental ou que não pode ser tornada pública para o próprio bem da comunidade ou da família. Por isso, “numa sociedade caracterizada pela oralidade, os anciãos não são só os fiéis depositários da sabedoria popular, mas também guardiães dos bons hábitos e costumes” (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 9).

Nas sociedades de base oralizada, como as africanas, fizeram da tradição oral patrimônio histórico, literário e filosófico e, sem rejeitar a escrita, defenderam a preservação da prática da oralidade como sistema vivo, eficaz, renovado e renovador da transmissão de

conhecimento. Sendo assim, a tradição pode ser considerada como uma fonte de poder simbólica, por meio de ensinamentos, saberes que transitam e auxiliam toda a sociedade, partindo dos mais velhos aos mais novos, unindo-os no espaço e no tempo, refletindo como uma força motriz na preservação das práticas tradicionais que foram discriminadas há séculos pelos colonizadores portugueses.

Sendo uma fonte preciosa que oferece dados de um registro histórico e memorialístico, a tradição oral é preservada por porta-vozes da história e cultura de diferentes regiões, em que as palavras contadas possuem e criam valores com a identidade do povo. Respeitados pelas sociedades guineenses, os *djidius* mantêm vivos os costumes de uma época em que as memórias auditivas e visuais eram os únicos recursos de que dispunham para a transmissão do conhecimento.

Apesar dos avanços da escrita e da tecnologia, o papel desses mantenedores de uma cultura viva não ficou obsoleto, permanecem vivos e, como mediadores, resolvem conflitos nos *bantabás*, sendo que, na maioria das vezes, levam a calma e a alegria para uma família ou toda a sociedade, mesmo nos momentos difíceis. São músicos, contadores de histórias, dançarinos, organizadores de cerimônias sociais e tradicionais que fazem da palavra seu principal instrumento para a transmissão das suas narrativas.

Neste sentido, falar dos *bantabás* consiste em falar da tradição oral, que, por sua vez, compreende pôr em evidência os povos que fazem do *bantabá* um lugar do diálogo, da memória e da resistência. No entanto, mesmo sendo um lugar de confraternização e da materialização das ideias, por questão de segurança, nem tudo poderia ser dito neste ambiente, pois “falava o partido era grande e tinha segredos mais grandes que não podiam ser discutidos no bantabá” (SILA, 2016, p. 122).

Como um espaço de memória coletiva, é possível ver o *bantabá* em todas as *tabancas* da Guiné-Bissau. Ele faz parte do patrimônio cultural do povo guineense que se estende no tempo e no espaço. Além disso, contribui no fortalecimento dos laços de irmandade da identidade local e da guinidade dentro de uma comunidade como um lugar simbólico, que tem como objetivo manter o diálogo entre o passado e presente através da transmissão dos saberes ancestrais para as gerações futuras.

Assim sendo, pensamos que discorrer sobre a tradição oral é dialogar com o espaço do *bantabá* como um lugar de vivência cotidiana, do respeito aos mais velhos, às mulheres, às crianças, um lugar de liberdade de expressão e de continuação de vários saberes em que os

sujeitos não são indissociáveis em relação a si, à comunidade, à natureza e a todos os seres vivos e não vivos, numa interconexão onde a comunhão se dá não por empatia, mas, essencialmente, pela arte de compartilhar com o outro. Outrossim, a compreensão dessas tradições como uma forma de literatura oral implica em entendê-las como fonte de registro historiográfico que permite o estudo e conhecimento sobre a vivência e a cultura dessas sociedades. Por muitas vezes, esse saber foi relegado ao esquecimento ou menosprezado por causa da ignorância do outro. Por isso, a literatura oral é uma forma própria dos escritores africanos de colmatar as lacunas deixadas pela história.

Assim, o conceito da literatura oral implica em compreender toda uma performance, que vai do gesto à palavra, em um sincronismo perfeito. O vocabulário dança no ritmo da canção, passeia pela cultura, os gestos imitam todos os lugares, pessoas e objetos, tendo o ancião o exercício de carregá-los na memória e transferi-los, com todos esses elementos, para a sua narração, de uma forma que faça com que cada ação narrada seja uma experiência diferente. Isso só é possível através da oralidade das línguas nacionais na Guiné-Bissau que faz dessas práticas de narração mais completas. Molda-se, então, uma literatura oral que evidencia a produção literária e cultural do país.

Esta é a razão pela qual, no final das contas, nos parece legítimo conservar a expressão literatura oral que, aliás, o uso impõe. Os conceitos de oratura ou de oralitura, mesmo que sejam interessantes para os teóricos, precisam ser definidos dentro dos contextos que foram empregados. Sendo assim, é de extrema importância definir com cuidado o conceito de literatura oral, deixando claro, para evitar confusão, a diferença entre o conceito de literatura convencional. Nesse sentido, “a literatura transcende o conceito da letra, do escrito podendo ser oral” (SEMEDO, 2010, p. 124).

Nesta perspectiva, os anciões têm ainda um lugar de destaque nas sociedades africanas. Apesar do advento da modernidade que tem estado a provocar o *modus operandi* das comunidades, a figura do velho continua sendo um lugar de privilégio social, tendo em conta o conhecimento amparado ao longo da sua vivência. Um conhecimento que é costurado pela forma de observação das coisas, das narrativas ouvidas, contadas e acrescentadas, como se diz em crioulo guineense *buri sal*⁵¹. E é por isso que a literatura oral é uma forma particular de tratar a herança cultural própria da tradição oral, e *bantaba* configura-se como o lugar de consagração desta tradição bissau-guineense.

⁵¹ Tornar a narrativa mais cativante e dramática, acrescentar o sal (tradução oral).

É importante frisar também que os anciões, na maioria das vezes, são mediadores dos conflitos internos da comunidade, porque, na tradição oral, a palavra oralizada tem o poder de decidir o futuro de um povo, como é possível ver na afirmativa de Bâ: “a fala pode criar a paz, assim como pode destruí-la. [...] Por essa razão a fala, por excelência, é o grande agente ativo da magia africana” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.173). Desta forma, antes do advento da modernidade, o indivíduo nascia e morria com a palavra. A vida social da comunidade girava em torno da palavra falada que possuía uma força transversal e de guiança por meio da sabedoria dos anciões para a escolha do chefe da comunidade, conselheiros, divisão das terras, *fanado* das crianças e adultos, casamento, divórcio, a fertilidade do solo, abundância de caça, julgar os infratores do meio ambiente e outros.

Neste sentido, vale ressaltar que, através deste acervo cultural à nossa disposição, os escritores como Abdulai Sila (2021) fazem a recolha das convivências sociais que correspondem à vida de “muitas mulheres, cujas trajetórias de vida se assemelham à da protagonista” (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 6). Ademais, nota-se a preocupação de Sila em denunciar as circunstâncias em que essas mulheres estão vivendo ao narrar memórias da nação como mecanismo de resistência. Assim, as narrativas de *Memórias SOMânticas*

insere-se exemplarmente no grupo de obras que escrevem e narram a nação, no sentido apresentado por Homi Bhabha (1998), isto é, a partir de indagações e da procura de vínculos de pertinência que possam explicar a nação para além dos contornos políticos do Estado (AUGEL, 2007, p. 326).

A obra reitera uma concepção idealizada de uma mulher fora do eixo do tradicional por causa da sua força e bravura no enfrentamento das coisas, como podemos perceber na citação a seguir:

Era como se o mundo tivesse parado de repente. Não entendia nada. Nem se quer baixei a cabeça, como devem os mais novos fazer perante os mais velhos, sobretudo tratando-se de uma menina. Uma outra adolescente em condições normais teria certamente feito tudo o que essa gente esperava como reacção ao anúncio do falecimento da minha mãe, ou talvez até mais, para manifestar a sua dor. Eu não fiz nada, limitei-me a olhar para longe, sem nada ver, mas sobretudo sem nada dizer (SILA, 2016, p. 18).

Neste cenário, Sila nos revela uma personagem, que apesar dos estereótipos, não se submete ao poder patriarcal. Tais narrativas são ao mesmo tempo denúncia e anúncio.

Denúncia da realidade social e anúncio de novos tempos em que o poder patriarcal será questionado e desvendado. É uma nova constituição de poder na sociedade guineense, que não anula a força do homem, mas se junta a ele. Essa guerreira e heroína se desvincula do papel de dona de casa, para ser esposa, companheira e batalhadora. Essa virada parte também no sentido de mostrar caminhos puramente nossos e não baseados na inversão da pirâmide. Os nossos caminhos emergem das nossas vivências, da forma guineense de ser, de ver, de crer e sentir as coisas a partir de um mosaico étnico e cultural que permite aos *marabus* sentarem no *djenberen*⁵² para comerem *blante blante*⁵³, às *katanderas*⁵⁴ para comerem *simola de três ou sete cabaças*⁵⁵ após a reza de sexta-feira no *bantaba* e outros lugares sagrados onde a cultura da fala ainda é viva.

Posto isto, a história não pode ser reduzida apenas a um conjunto de fatos ocorridos, embora elas tenham sua importância e, portanto, o ser humano pode buscar subsídios na história para encontrar sua identidade, seu grupo social, sua maneira de viver, sobreviver e até morrer. Contudo, o que não pode é continuar a arrastar na mesma linha daqueles que, por acaso, se acham donos de tudo. Como o papel de qualquer crítico literário é criticar, então, torna-se mais que obrigação superar esse olhar de dualidade entre África e Ocidente, criando uma nova narrativa a partir do nosso mosaico étnico-cultural, que sai um pouco deste campo de reprodução dos discursos coloniais. Deve-se buscar a não limitação em responder às teorias monstruosas em relação aos sujeitos africanos. Como bem pontua o historiador e economista guineense Carlos Lopes: a “África também tem história, ao invés de simplesmente dizer a África tem história” (LOPES, 1995, p. 22).

Lopes propõe o resgate dos nossos saberes e compreendê-los a partir das subjetividades locais e regionais, o que nos leva também na direção do professor congolês Elikia M’Bokolo (2007) que, ao falar sobre as conjecturas do “ponto de vista africano”, enfatiza a importância que passam a adquirir “as resistências à conquista colonial”, as quais, conectadas com os “momentos fundadores do nacionalismo africano” retiram “à intrusão colonial [...] os adornos épicos e míticos que a revestiam” (M’BOKOLO, 2007, p. 321). Assim, para M’Bokolo (2007), é tempo de criarmos novas narrativas e não de perdermos mais tempo rebatendo os discursos preconceituosos e xenófobos dos invasores. Portanto, é essencial firmar o ideal pan-

⁵² Lugar de convívio e reuniões familiares igual ao *bantaba* (tradução nossa).

⁵³ Prato típico da etnia Brame da Guiné-Bissau. Geralmente costuma ser servida nas cerimônias tradicionais da própria etnia (tradução nossa).

⁵⁴ Iniciantes e servidoras de balobas (terreiros) da etnia Papel de Guiné-Bissau (tradução nossa).

⁵⁵ Oferendas de três cabaças (tradução nossa).

africanista e negritudista, conduzindo a África com firmeza em busca de novos rumos para o futuro do continente.

Nesse sentido, a obra *Memórias SOMânticas* é um livro de luta e conflito que discute, de maneira ambígua, a tradição guineense dentro do seu tempo e espaço. Apresenta-nos uma escrita potente com características modernas, no sentido de ser aquela que surge da possibilidade de um conjunto de mudanças, que evidencia um número de conflitos e contradições (HAMILTON, 1999; AUGEL, 2007), a exemplo da fala seguinte:

[...] Quando tomarmos a nossa independência e voltarmos para a nossa terra, os nossos comandantes vão continuar a confraternizar com os nossos combatentes como fazem agora? Quando acabar a guerra o nosso presidente vai precisar de guarda-costas armados? Nas nossas escolas vamos falar as nossas línguas ou a língua dos brancos? (SILA, 2016, p. 83-84).

Percebe-se que a personagem principal do livro já previa que seria vítima da violência dos seus camaradas de luta. Talvez já se notava alguma diferença de tratamento entre os camaradas ou alguma coisa que remetia poder e superioridade no comportamento de alguns comandantes antes da proclamação da independência. Tendo, como lema principal da luta de libertação nacional, a expressão *unidade, luta e progresso*, os independentistas do PAIGC nem se esforçaram em inverter a ordem das coisas, mantendo os mesmos aparatos da violação da alma do povo guineense, principalmente das camaradas que lutaram nas mesmas trincheiras com eles durante anos e anos contra os invasores. Essas violações acabaram por gerar segregação social, cunhada na escolaridade, para justificar a continuidade da violência e controlar o projeto de poder, estabelecendo a relação de dominação imposta por uma minoria da ala política e militar dos independentistas do PAIGC.

Porém, os independentistas usaram a força da tradição oral e da comunhão de *bantaba* para manter o povo longe das discussões de poder, e, assim, manter o controle hegemônico sobre estes que fazem da tradição oral um lugar de aprendizado, respeito à natureza, do desenvolvimento e não da ignorância. Sendo um lugar de afeto e acolhimento, onde os laços familiares se estreitam através da transmissão dos valores ancestrais que são preservados com a ajuda do *bantaba*, contar a história torna-se mais bonita no contexto africano do que escrever um romance. E é aí que está a beleza da tradição oral, uma tradição de coração para coração que faz os escritores africanos terem uma responsabilidade dobrada sobre aquilo que é e não é dito.

Assim, a literatura oral, na Guiné-Bissau, representa a vontade de fixar valores que devem ser respeitados pelas comunidades, incorporados pelos moradores em seu cotidiano, criando outra dimensão: a do patrimônio imaterial que provém da memória coletiva dos guineenses e que reflete sobre a diversidade de manifestações das práticas e saberes transmitidos às gerações. Com isso, o acervo da literatura oral necessita de atenção especial por ser considerado um patrimônio da cultura nacional na sociedade guineense.

O *bantaba* é visto não apenas como lugar de denúncia e proclamação das verdades, mas também como campo de preservação da tradição oral, pois, entender o grande valor da oralidade é estender-se a um amplo campo da linguagem. Na história da humanidade, os registros do conhecimento de mundo eram feitos através das transmissões orais e se perpetuavam entre as gerações, isto é, as histórias de vida e suas culturas eram eternizadas nas memórias coletivas. Já a noção do Sagrado, que encontra abertura nos sinais da linguagem, expande-se para a sacralização de textos orais, contos, provérbios, mitologias, lendas e rituais... uma relação do homem com um universo cósmico. Porém, o valor do Sagrado não deve ser interpretado apenas no universo das religiosidades, pois seu processo de sacralização é também uma maneira de inscrever ancestralidade na mesma medida em que também é a escrita da memória social.

Assim sendo, percebe-se que os valores da tradição, pela qual Sila nos fala, são aqueles que respeitam os mais velhos, as crianças, em que há o ato de ouvir e escutar o outro com *gandal*⁵⁶, de modo que a honra e o respeito pela palavra possam prevalecer na sociedade bissau-guineense. Nesse sentido, devemos lutar para recuperar e preservar a memória individual e coletiva de todos os movimentos, lugares, grupos e classes sociais. Todavia, não podemos cometer o equívoco de considerar que a memória coletiva e individual é a história em si, e não uma versão parcial dos acontecimentos e cabe a nós, como Teóricos e Críticos da Literatura e Cultura, fazer levantamentos e questionamentos sobre essa temática.

⁵⁶ Falar, escutar, respeitar e ouvir outro com sabedoria. É uma palavra derivada da língua fula da Guiné-Bissau.

3.2 MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: CONSTRUINDO REFERÊNCIAS PARA O ENSINO DA LITERATURA NA GUINÉ-BISSAU

Partimos da compreensão de que a literatura é tudo aquilo que é produzido de maneira escrita ou oral, com uma organização específica de ideias em caráter literário/artístico, que faz uso de uma narrativa em forma de poemas, contos, crônicas, romances, teatros e outras formas, para expressar o nosso íntimo ou algo social com outros.

A literatura consiste no fio condutor para a projeção de uma imagem da cultura bissau-guineense para o mundo e, também, para a construção de um acervo nacional que passou a ser uma espécie de compromisso pessoal para os escritores nacionais. Estes, por sua vez, lançaram-se em busca de aspectos que pudessem conferir especificidades em suas produções, tornando-as distintas de outras. Essa tomada de consciência por parte dos escritores de Guiné-Bissau marca a transição de um sistema hierárquico, típico de todo processo de colonização, baseado na relação entre a colonização e o colonizado, para uma situação de equilíbrio voltada para a busca de um verdadeiro intercâmbio.

Nesse sentido, os discursos da teoria, da crítica e da historiografia literária e cultural, bem como o ensino da literatura, permaneceram presos à perspectiva eurocêntrica na sociedade guineense, que continua a tomar como referência as obras produzidas na Europa, limitando-se a ecoar as vozes provenientes desse lugar. Assim, torna-se necessário questionar o que seria uma literatura nacional. Por conseguinte, entendemos a mesma como uma produção que respeita as fronteiras das subjetividades, versando sobre temas como o preconceito e a dor causada pelos castigos corporais, do sofrimento pela morte dos entes queridos, da exclusão social protagonizada pelas próprias autoridades bissau-guineenses.

Torna-se mais que urgente incluir o ensino da literatura e artes no parâmetro curricular nacional para tentar compreender o motivo da marginalização dessas produções desde a fundação da República da Guiné-Bissau. Como arte de argumentação, o texto literário é efeito de uma aceitação, de uma tomada de atitude reflexiva do sujeito perante os mundos, visível e invisível, e está plantado na vontade de criação e organização de subsídios que buscam reprodução em todas as narrativas. Assim, a obra literária, como as de Abdulai Sila, abre portas para que o leitor tenha o direito de construir sua visão de mundo com todo o arsenal de significações que se possa embutir através da leitura crítica do texto.

No entanto, pode-se dizer que o exercício de ler nos ajuda a produzir conhecimentos, pois, nesse exercício, não lemos apenas palavras, como textos e livros, mas sim o mundo. Ler o mundo é estar disposto a se conectar e renovar a realidade que consiste em conferir a veracidade dos fatos, bem como inventar e reinventar o mundo para denunciá-lo com palavras e gestos, como diz Freire, “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1994, p. 20).

Essa missão trabalhada arduamente pelo autor de *Memórias SOMânticas* cria algo na sociedade através da educação e da arte, o que o levou a apoiar várias associações juvenis e outras organizações sem fins lucrativos por toda a Guiné-Bissau. Um exemplo disso foi a Brigada de Alfabetização, em 1976, ao lado de Tchico Té, Primeiro-Ministro da Guiné-Bissau na época, e o professor Paulo Freire, que teve como objetivo a capacitação e a promoção de talentos da juventude, dando também a oportunidade a vários de desvendar os segredos do computador e aprender os primeiros passos de programação em informática, descobrindo competências e habilidades na SITEC e na EGUITEL, empresas guineenses de telecomunicações que desempenham um papel pioneiro no desenvolvimento tecnológico do país.

Ao perceber que a literatura tende a fazer parte de um projeto político revolucionário, Sila defende que as mágoas existentes entre o povo guineense deveriam ser superadas, permitindo, assim, a construção de uma nação livre e justa para todos. Por isso, todas as ações que venham a incentivar e transformar os guineenses em leitores são bem recebidas. O despertar para a atualidade e a relevância do saber ler com internalização transforma pessoas comuns em cidadãos contextualizados, conscientes de seu papel social. Ademais, Sila nos chama atenção o tempo todo sobre a importância do ensino da leitura para a formação do cidadão em prol do desenvolvimento do país. Ao que nos parece, as pessoas com hábito de ler possuem melhor capacidade de interpretação de texto e de escrita.

A literatura, na qual são apresentadas diferentes personalidades, ações e atitudes, auxilia, também, na compreensão do outro de maneira mais profunda e íntima. Assim, os atos de imaginar, quando se juntam ao que está escrito no texto, nos ajuda a criar e inventar novos olhares a partir do exercício da reverberação e da manutenção do humor e da saúde mental. Nesta ótica, para que tenhamos bons gestores públicos no desenvolvimento do país, principalmente no setor de ensino, é preciso investir, sem receios, nos primeiros passos da formação do indivíduo, incentivando-o a ter o hábito da leitura desde a infância, em casa, como também em outros ambientes educativos. Porém, nós que acreditamos ainda num futuro

promissor da nação, temos que nos mobilizar, unir forças para que a leitura seja o sinônimo de diversão em toda a sociedade bissau-guineense e fazer com que a literatura nacional seja ensinada no país.

Neste sentido, é fundamental trabalhar em conjunto com anciões para que as novas transformações nas sociedades possam ocorrer sem que nenhum dos lados fique lesado, até porque ninguém sabe tudo, todos nós sabemos alguma coisa e ignoramos outras. Estudar para servir o povo não é só um direito, mas também um dever revolucionário.

Quando ouvi que o internato ia fechar pensei que era brincadeira, pois internato com órfãos de guerra não pode nunca fechar. [...] O sucesso do nosso Estado vai depender da preservação dos valores de partilha que se cultivam nos internatos (SILA, 2016, p.116).

No entanto, poucos compreendem esse esforço e, por isso, precisamos de políticas públicas que pautem a reconstrução nacional em que as relações sociais não sejam de violência ou de exploração, mas de igualdade e colaboração entre todos.

4 LITERATURA, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NACIONAL

4.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO NA GUINÉ-BISSAU

Um país onde a produção literária nacional ainda não é ferramenta do seu sistema educacional de ensino básico, nem secundário técnico e nem superior, em pleno século XXI, é extremamente inaceitável e vergonhoso. Enquanto cidadãos, contudo, podemos fazer críticas construtivas para que os gestores da educação na Guiné-Bissau possam de fato colocar em pauta uma revisão curricular nacional mais inclusiva, para que os *fidjus de tchon*⁵⁷ possam desfrutar das histórias e *passadas* que ainda não sabem ou foram contadas de forma distorcida. Neste sentido, a literatura como um fator de inclusão social pode contribuir na formação da identidade cultural de um indivíduo atento às mudanças globais.

Stuart Hall desenvolveu um conceito que denominou como “identidades culturais”, que consiste nos aspectos culturais, étnicos, nacionais e raciais da identidade, os quais surgem a partir do pertencimento. “Fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p. 9).

Já a “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006. p.7). Neste sentido, essas mudanças estão transformando as identidades pessoais e, conseqüentemente, influenciando a ideia que se possui de sujeito integrado, resultando em uma perda de sentido de si estável, também conhecida como descentralização do sujeito. Esse fenômeno é consequência do duplo deslocamento, isto é, do seu lugar no mundo social, cultural e individual, e, assim, estabelece o início daquilo que denominamos como crise de identidade. Isso pode ser percebido nos trânsitos da personagem da obra *Memórias SOMânticas*, como podemos perceber:

em Boké a vida era muito diferente daquela a que me habituara em Conacri. Ficava muito perto da fronteira, mas o Partido estava menos presente. Não havia aquele vaivém de combatentes e de estudantes que existia em Conacri, nem tão-pouco o entusiasmo que se sentia nas reuniões. Em Boké vivia-se os

⁵⁷ Filhos da terra (tradução nossa).

efeitos da guerra que estava a intensificar-se cada dia mais (SILA, 2016, p. 81).

Esse trânsito entre as duas Guiné e o vaivém entre capital e interior desses países, despertou um sentimento de perda de identidade na personagem. Com aquilo que se vivia em Conacri e o calor humano dos combatentes que vinham de todas as frentes da luta, emergiram as grandes decisões do Partido, os avanços e os fracassos do embate militar e político. Um ambiente que proporcionava reflexões sobre a liberdade, esperanças e “sabura da nossa terra, sobre o prazer de voltar a viver no próprio país, em paz e harmonia, sobre o privilégio de ser obreiro da própria nação” (SILA, 2016, p. 81). Totalmente ao contrário do que se vivia em Boké, um ambiente de guerra sem margem: “era de fogo e de sangue, que se vivia, do presente e quase só dele” (SILA, 2016, p. 81).

Essa crise de identidade pode ser constatada também na vivência da maioria dos imigrantes e estudantes africanos no Brasil, que se sentem, na maioria das vezes, espantados com o comportamento de alguns brasileiros em relação ao continente africano e as formas de ser do africano. Lembrando que esse estranhamento é uma via de mão dupla, já que alguns africanos também acham o Brasil um país muito liberal. Assim, o indivíduo vai se adaptando de acordo com a evolução da sociedade, ou seja, passa por um processo de descentramento, de fragmentação de sua identidade, uma vez que não apresenta um único centro unificador. Ao contrário, pressupõe um conjunto de identidades que produzem, por sua vez, diferentes situações nas quais o sujeito pode se alocar.

O nacionalismo, atravessado pelas identidades culturais, é um ideológico que rege a formação discursiva na obra *Memórias SOMânticas* (2016). Nota-se um movimento bidirecional entre aceitação e rejeição da tradição guineense no processo de construção de uma identidade nacional no contexto da modernidade. Essa ideia de nação e de identidade nacional, amparada apenas na tradição, não consegue conceber um sentido de integridade identitária. O discurso nacionalista radicado hoje na sociedade guineense está cunhado nesse drama pós-colonial que se vive constantemente. Feito que mudou de forma brutal o projeto nacionalista disseminado pelos independentistas do PAIGC de Cabral.

Nesse processo de construção da nação guineense pós-independência, apesar de um esforço gigantesco dos escritores e agentes culturais nacionais para fazer com que a literatura seja acessível para todos, a maioria da sociedade tem ainda pouco contato com o livro e a literatura. O governo e os gestores da educação têm ignorado esse esforço há mais de quarenta

anos após a sua independência, mesmo sabendo da importância da literatura e da educação na formação dos cidadãos.

Essa crítica alimenta a esperança de que o Estado, juntamente com gestores educacionais, possa criar mecanismos para que o exercício de leitura seja sinônimo de diversão e prazer no sentido de instigar o pensamento crítico da população na aquisição de conhecimentos nacionais/internacionais e a recreação como informação coerente que desperta o gosto de ler na vida dos seus concidadãos. Parte-se aqui da compreensão de que a literatura é tudo aquilo que é produzido de forma escrita ou oral, com certa organização de ideias, sem “perder de vista aquele segmento a que se chama oratura ou literatura oral” (KANDJIMBO, 2012, p. 227). Por isso, ela é vinculada a um grupo de escritores que, no espaço da ficção, retomam temas relacionados à guerra e aos seus impactos no pós-independência, por vezes passando por temas relacionados ao amor e à decepção causada pelos novos tempos, como as *Memórias SOMânticas (2016)* de Sila. O livro nos permite repensar o que deixamos de fazer e o que temos feito desde a independência até hoje. Esta atenção quase exclusiva para o elemento africano guineenses coloca o autor em questão claramente no altar daqueles escritores que, mais do que os outros, evidenciam nas suas obras o conceito de guinendade, embora o mesmo não se alinhe com estes adjetivos, a exemplo do explana a seguir:

eu não alinho com esses adjetivos, nem me preocupo com certas categorizações ou teorias desenvolvidas por certos críticos literários. A minha única ambição, se assim podemos dizer, é produzir algo que sirva para valorizar a nossa literatura, que contribua para o aprimoramento do imaginário coletivo e que vá ao encontro das expectativas no sentido de fortalecimento da identidade nacional e consolidação de valores tradicionais como a fraternidade, justiça social, solidariedade, etc. (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 10).

Apesar de não se coadunar com alguns adjetivos como o de guinendade, a sua escrita é uma forma de resistência e afirmação da guinendade, ou seja, uma manifestação do sentimento de pertença nacional. Então, a questão da identidade e da resistência são temáticas presentes ainda na sua literatura, a qual se apresenta como o fio condutor na projeção da imagem nacional para o mundo e também na construção de um acervo nacional. Esta postura passou também a ser uma missão para os escritores bissau-guineenses, que se lançaram na busca de aspectos que pudessem conferir especificidades às suas produções, tornando-as distintas de outras. Essa tomada de consciência por parte dos escritores bissau-guineenses marca a transição de um sistema hierárquico, típico de todo processo de colonização, baseado

na relação entre o colonizador e o colonizado, para uma situação de equilíbrio voltada para a busca de um verdadeiro intercâmbio.

Outro fator que contribui para tal fruição é a presença da oralidade nas obras de Sila, visto que as palavras carregam o peso que as culturas africanas sempre as envolveram, já que, em tais comunidades, falar nunca foi um gesto gratuito, mas uma forma de manter ativa a cadeia da força vital. Por isso, entendemos que as palavras são agentes de transformação que tornará o futuro algo melhor (PADILHA, 2002, p. 247). Para os africanos, a palavra ganha uma importância ainda maior, cercada de diferentes significações, “um mais além de si mesma, ela conserva o saber e seu sabor” (PADILHA, 2002, p. 250). A oralidade junta-se à escrita para acrescentar riqueza aos textos literários, visto que, segundo Benjamin Abdala Junior, a “criatividade linguística é maior na modalidade oral, mais rica em imagens que a aproxima do conjunto cultural” (ABDALA, 2007, p. 139). E, por ser um elemento primordial da literatura africana, ela vem carregada de outros significados, como por exemplo, a transmissão de crenças e tradições.

Ao analisarmos o panorama da construção da nação guineense e, em paralelo, a sua respectiva produção literária, verifica-se que os discursos da teoria crítica e da historiografia literária, bem como o ensino da literatura, permaneceram presos à perspectiva eurocêntrica, que continua a tomar como referência as obras produzidas na Europa, limitando-se a insistir nos conhecimentos importados do velho continente.

Temos uma literatura do nacional para o nacional que respeita as fronteiras das subjetividades, mas que não é respeitada pelo Estado e seus gestores educacionais, não fazendo parte de um projeto de supremacia caracterizado pela assimilação dessas correntes eurocêntricas. A literatura guineense, submersa em referências eurocêntricas, não denota uma reflexão sólida que avalie de maneira criteriosa a contribuição que pode trazer para a crítica e o ensino da literatura nacional.

Sendo assim, o fazer literário de escritores como Sila, dentro da sua verossimilhança com a realidade, abarca todas as literaturas produzidas na Guiné-Bissau, como também, aquelas produzidas por guineenses nas diásporas. O texto literário nos ajuda na realização de leituras dos princípios defendidos pela nação ao almejar uma direção para os verdadeiros valores da nacionalidade, visto que expõem as diversas transformações políticas e sociais vivenciadas por uma sociedade.

Portanto, por ser um dos instrumentos de construção teórico-metodológica de interpretação da realidade, isto é, tudo o que existe de maneira perceptível ou não, a literatura, por meio de sua textualidade, ajuda a compreender a constituição da vida intelectual e da sociedade, pertencente a um determinado momento histórico. Ao funcionar como fonte de preservação e rejuvenescimento dos nossos bens culturais, a sabedoria dos mais velhos nos facilita na compreensão de vários saberes sobre a cultura e a memória do nosso processo histórico, com o objetivo de transmitir conhecimentos ancestrais à nova geração, mostrando-lhe que a nossa história precisa ser reescrita e contada por nós sem a desvalorização do outro, no universo fictício ou real, buscando saber a dimensão da nossa verdadeira história.

Por isso, o Estado guineense e os gestores escolares deveriam criar mecanismos para trabalhar juntamente com esses sábios, permitindo que eles participem ativamente na construção de um parâmetro curricular nacional que dialogue com todas as culturas as quais constroem o nosso mosaico cultural. Neste seguimento, entendemos a literatura como uma área de conhecimento, formação e desenvolvimento humano, que forma crenças, constrói relações sociais e firma padrões. Além disso, compreendemos que ela trabalha no sentido oposto, questionando cada um desses pontos, para que seja possível uma mudança, quando necessário, com o objetivo de possibilitar aos leitores a reflexão de que “um provérbio [...] carrega sempre dois sentidos: um sentido literal e um sentido conotativo” (KANDJIMBO, 2012, p. 230). Neste tipo de literatura, há a vivência de situações que são da ficção, mas com a inspiração na condição humana, isto é, com base na vida real das pessoas, os autores recontam experiências baseadas no dia a dia deles, a exemplo de Abdulai Sila, autor de narrativas que são tecidas pelo fio do realismo cotidiano bissau-guineense.

Assim sendo, essa situação do Estado guineense não respeitar ou silenciar as produções literárias nacionais, como a de Sila, acabou impulsionando maior abertura para o surgimento de novos escritores que elaboram uma literatura de forma mais intimista e subjetiva sem, no entanto, abandonar o cenário nacional e a perspectiva de mudança. O autor de *Memórias SOMânticas* explora as suas experiências, vivências e trajetórias para manifestar e conquistar o seu espaço, sem jamais deixar de retratar a história bissau-guineense, aparecendo expressa em cada detalhe de suas narrativas. Além disso, o próprio autor se constitui como parte integrante desse processo, conforme aponta em entrevista a Marco Carvalho:

se nós conseguirmos, através da literatura, fazer com que a nossa percepção do presente e do futuro seja uma coisa partilhada, quanto mais partilharmos essa concepção e essas ideias, mais estaremos a construir os alicerces

daquilo que nos identifica, que nos junta e que nos une. É nisso que a literatura pode, muito particularmente, contribuir. A nossa educação, por exemplo, tem um componente muito forte que é a literatura oral, que está, de certo modo, condenada a desaparecer porque já não há mais tempo para ouvir os contos tradicionais porque a televisão tomou esse espaço (SILA, 2007).

Percebe-se que Sila confia no uso de todas as ferramentas da literatura, tanto escrita como oral, sem que isso afete a compreensão dos seus leitores e, com isso, temos uma escrita de cunho nacionalista alicerçada na linguagem popular, ou seja, do nacional para os nacionais, visando compreender o seu desenvolvimento histórico, bem como o desenvolvimento de propósitos que giram em torno da noção e do campo intelectual, espaço no qual acontecem as disputas pelo poder. Assim sendo, a literatura guineense se consolida como uma tradição oral e documental desde o período pré-colonial, quando os árabes faziam comércio na Costa Ocidental da África e, posteriormente, com invasores portugueses no nosso país, registrando por escrito o relato das viagens para saquear, escravizar e evangelizar.

Nesse sentido, o Estado deve assumir o seu papel na formação dos seus concidadãos e na construção de uma sociedade sã, livre e igualitária, criando mecanismos para estimular os escritores e agentes culturais, bem como subsídios para que as obras cheguem às *tabancas* do nosso território nacional, até porque é deseducado continuarmos com um sistema de ensino em que os alunos não conhecem completamente a literatura nacional e nem seus escritores. Sendo interdisciplinar, esta literatura pode estabelecer vínculos com a memória, permitindo a produção de um conhecimento acerca de determinada cultura ou assunto.

E é por estas razões que se torna imprescindível o ensino das Literaturas Bissau-guineenses nas escolas, não só pelo propósito centrado no reconhecimento das identidades culturais que compõem a sociedade, mas também como um método para combater a desigualdade e promover a justiça social.

Nesta linha, ler a África é estar disposto a se conectar e renovar a realidade, que consiste em conferir a veracidade dos fatos, mas também inventando e reinventando o mundo com palavras e gestos, como podemos perceber na entrevista realizada durante a pesquisa com Abdulai Sila: “que, apesar dos falhanços e atrasos verificados, tenham fé na promessa registrada no nosso hino nacional em como ‘*nós vamos construir na pátria imortal a paz e o progresso*’” (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 13).

A escrita do autor ultrapassa o campo dos embates literários, corroborando com a construção de identidades que agregam as particularidades socioculturais. A constatação da

escrita como arma e, por que não dizer, como novo motor da literatura em questão conjuga os problemas e as tentativas de solucionar os imperialismos culturais que silenciam diversidades.

A escrita de *Memórias SOMânticas* (2016), por exemplo, gira em torno da dominação ideológica do PAIGC, de Amílcar Cabral e de outros combatentes de liberdade da pátria, que sacrificaram suas vidas em nome da unidade, da luta e do progresso; o que infelizmente continuou a ser uma utopia na sociedade guineense, tendo em conta o alto grau de violência, corrupção e liberdade em todos os seus domínios sociais.

No que tange à busca de uma justiça social e identidade nacional, Sila herdou de Amílcar Cabral essa frente na luta pela ressignificação da identidade nacional, incentivando a juventude guineense, através da sua escrita, a optar pelo caminho da verdade e da educação, como podemos perceber:

quando ouvi dizer que o internato ia fechar pensei que era brincadeira, pois internato com órfãos da guerra não pode nunca fechar. [...] O sucesso do nosso Estado vai depender da preservação dos valores de partilha que se cultivam nos internatos. São muitos órfãos de guerra, todos eles cidadãos que merecem amparo e carinho. [...] Então como é que o internato ia fechar? (SILA, 2016, p. 116).

A dimensão da escrita humanista de Sila busca dar seguimento ao principal objetivo da nossa luta armada, que foi a busca pela liberdade, justiça social e progresso, tendo o livro como a principal arma para libertação das mentes. Essa é uma visão estadista de preservar os valores da nossa memória cultural que o Estado guineense colocou simplesmente de lado, desmantelando, por exemplo, lares de acolhimento das vítimas da guerra de libertação, assim como não impulsiona a formação destes cidadãos para serem futuros governantes desta nação.

O Estado pós-colonial infelizmente caminhou no sentido contrário, mantendo o povo longe do campo da libertação mental como almejava o patrono guineense Amílcar Cabral, o qual dizia:

[...] o que vale é a cabeça do homem e os colonialistas portugueses sabem que quanto mais forte for a nossa cabeça quanto maior for a nossa consciência, quanto mais claramente cada um de nós souber o que nós queremos, de onde vimos e para onde vamos, mais difícil para eles é continuar a dominar o nosso povo (CABRAL, 2019, p. 160).

Nota-se que Sila vai ao encontro de Cabral no que tange à educação como fator indispensável para libertar o homem. Para Cabral (2019), a arma é importante para derrotar o sistema colonial, mas o mais importante é ter homens conscientes, que sabem o que estão fazendo e para que isso serve.

Por isso, em plena luta armada, ele promovia palestras e seminários para ajudar o povo a compreender o seu objetivo principal, como também “abrir caminho para outros passarem e, sobretudo, para os mais jovens avançarem, para servirem cada vez melhor, para mostrarem a sua capacidade inteira, [...] para tomarem conta do nosso povo, em Guiné e em Cabo-Verde.” (CABRAL, 2019, 165).

A luta de libertação se dava, também, através da educação dos povos guineense e cabo-verdiano e foi assim que internatos e escolas pilotos foram idealizadas e criadas em todas as zonas que foram libertadas em Guiné, com o intuito de formar o homem novo, a exemplo do trecho a seguir:

um homem novo que nasce na nossa terra, e se tiver ocasião de falar das nossas crianças poderá ver que as crianças das nossas escolas têm já uma consciência política, patriótica e que querem lutar pela independência do seu país. Uma consciência que faz com que se entendam uns com os outros, um sentimento de unidade nacional e de unidade no plano africano (CABRAL, 1974, p. 71).

Segundo aponta Cabral (1974), havia orgulho do seu povo e das conquistas que estavam alcançando arduamente. Nesse contexto, as escolas e a alfabetização dos homens e das mulheres da Guiné-Bissau eram motivo de alegria, devido ao valor estratégico da educação na luta por libertação. Da mesma forma, a importância dada à questão da história e das culturas africanas para a luta contra o colonialismo é evidente no pensamento dele. Para o mesmo, a luta consiste em um ato político e cultural, implicando na demonstração clara de que temos uma história nossa, a qual foi desmantelada pelo colonialismo, mas que estamos decididos a ressignificá-la (CABRAL, 1974).

Nesta linha, Sila segue a ideologia de Cabral a partir de um projeto literário pautado no sentimento de pertença e na reconstrução da nação pela via da educação, como é possível ver no seguinte trecho:

pensei em pedir transferência para Kundara ou Kandjafra. Para o interior da nossa terra não podia ser, por causa do meu filho. Ele precisava de mais de

mim e já estava na escola. Em Boké o Partido não tinha internato nenhum. [...] Falava-lhe das minhas peripécias diárias e da paixão que tinha pela enfermagem, a mais nobre profissão do mundo. E ela, que já era professora, elogiava as virtudes da educação, o peso que tinha na consolidação da nossa identidade e do sentido de dignidade no seio da nova geração de africanos livres do jogo colonial. [...] As suas ideias sobre o papel da educação e o empenho que manifestava em prol da nossa luta introduziram-me a fazer-lhe um pedido: ficar com o meu filho enquanto eu cuidava dos nossos combatentes no interior, nas frentes de combate. [...] A nossa luta tinha feito a nossa gente crescer tanto que às vezes até as crianças assumiam atitudes de gente madura. Os dois teriam que se entender sobre alguns aspectos que não conseguia nem me cabia explicar (SILA, 2016, p. 81;82-83).

Ao realçar a importância da educação no desenvolvimento social e humano em sua escrita, Sila nos mostra que, para alguns independentistas, a escola era e ainda é fator primordial para o progresso de qualquer nação. Cabral criou os internatos para que a escola e a educação chegassem a todas as zonas libertadas pelo PAIGC, com o objetivo de auxiliar as mães combatentes na educação dos futuros gestores do país após a independência. Tratava-se de uma inovação na tentativa de o país se tornar livre das pré-condições coloniais e da dependência ao seu desenvolvimento, buscando expandir o território guineense com competência e recursos próprios.

Por isso, a nova agenda de governo e suas políticas devem engendrar essa vontade estável de produzir com enquadramento local a necessidade que persegue o desenvolvimento social. A história da colonização africana mostra uma grande disparidade no direito de conceber a educação como política pública de promoção individual e social. Aliás, visava uma educação tecnocrática de sobrevivência dos povos locais para além de sua exclusão. No entanto, os invasores quiseram passar ao mundo uma imagem falsa da realidade durante o prosseguimento e sucessivas vitórias de luta armada, travada pelos independentistas do PAIGC no decorrer da guerra, de que houve uma aparente abertura para os guineenses.

Os textos literários devem ser analisados de formas diferentes, tomando a leitura como algo “que nos remete para os tempos imemorráveis” (KANDJIMBO, 2012, p. 227), logo, como algo fundamental para a preparação do indivíduo no exercício da cidadania. Através da leitura, enriquecemos nossa cultura, bem como nosso vocabulário, desenvolvemos a maleabilidade do pensamento e de nossa linguagem. No acesso e prática efetiva da leitura, descobrimos novas experiências, um mundo repleto de novos conhecimentos, de imaginações e de ideias, como é abordado em *Memórias SOMânticas*:

abolido o medo perante o incógnito, impusemos uma nova fronteira entre a razão e a loucura. Ousamos sonhar, sonhamos construir e reconstruímos a ousadia para mais sonhar. Com paixão enfrentamos a vida e cultivamos a vontade de poder. Dela fizemos intuição (SILA, 2016, 79).

Nesse contexto, Sila provoca reflexões de natureza afetiva, permitindo ao leitor fazer uma análise sobre a entrada num universo desconhecido, porém, instigante, que desenvolve o imaginário e desperta a curiosidade.

A leitura deve ser vivida pelo professor e pelos alunos no cotidiano do ambiente escolar, proporcionando um aporte literário para que eles sejam seduzidos pelo gosto da leitura. Segundo Freire (1989), a leitura pode estimular no leitor um olhar crítico sobre a nossa forma de compreender o mundo, gerando a emancipação do indivíduo dentro da sociedade e levando-o a entender as relações políticas e seu papel nessas relações.

Nesta ótica, somos agentes sociais e históricos que podem transformar a experiência do nosso educando por meio dos benefícios promovidos pela leitura. A prática pedagógica na escola deve colocar em evidência a importância da leitura literária em facilitar aos leitores “apreender a evolução da Guiné-Bissau de uma forma global, apesar de alguns dos seus postulados de base não terem equiparidade real” (LOPES, 1987, p. 7).

Para construirmos uma educação de qualidade, não podemos deixar de conhecer a nossa história e isso inclui a literatura como uma das ferramentas principais deste processo. Como uma válvula de escape, a literatura possui uma força de ligação que pode transformar o mundo, possibilitando o ser humano a sonhar de uma forma positiva e criativa. Isso é a essência das narrativas de Sila, que pode ser observado em sua entrevista concedida à Fundação Fé e Cooperação:

[...] Ninguém pode amar o que não se conhece. Não conhecendo a nossa literatura, provavelmente não conhecerá nenhuma outra. Portanto, não se conhecendo no momento certo, a partir da idade escolar, dificilmente se ganha, se conquista um leitor. Portanto, é esse um dos problemas de base que nós temos que resolver, entre vários outros que nós temos, quando se trata de educação. É ensinar a nossa literatura nas nossas escolas. Porque a literatura não é só o aspecto lúdico. A questão da formação da identidade tem a ver com a literatura (SILA, 2017, p. 5).

Na entrevista, Sila nos mostra, claramente, que não se pode pensar em incluir quando tiramos o direito do cidadão de conhecer a sua história. Para ele, a educação deve ser

instrumento de inclusão, de possibilidade de melhoria da qualidade de vida do indivíduo e, conseqüentemente, de uma nação inteira.

O papel do ensino deveria ser o de oferecer uma formação de qualidade aos cidadãos, em sua totalidade, fornecendo mecanismos para que os mesmos construam conhecimentos realmente significativos. Além disso, o processo formativo escolarizado deveria possibilitar também as melhores condições para conhecer e garantir direitos, impulsionando a construção de um formato novo para a educação africana, assim como almejava o afro-americano Daniel Baldwin, um estudante de agronomia da Universidade de Geórgia. Baldwin era um dos principais ativistas do Africa Comitee, “uma organização que os estudantes afro-americanos da Universidade haviam criado para coordenar as suas atividades e iniciativas em prol do continente donde diziam ter saído os seus antepassados” (SILA, 2002, p. 333). Esta África é a mesma que Ryan Coogler nos mostra em *Pantera Negra* (2018) e Flora Gomes nos evidencia em *República dos Meninos* (2012). Uma África que é “a terra dos nossos avós. E qualquer dia a gente pode regressar” (SILA, 2002, p. 204).

Segundo Sila (2017), quanto maior for o investimento em educação e cultura, maior será o nível de comprometimento, respeito e tolerância entre as pessoas numa sociedade, sendo somente com esse tipo de investimento, a curto e a longo prazo, que podemos colher os frutos de qualidade para a possibilidade de futuros gestores da nação guineense.

Podemos afirmar, ainda, que a nossa forma de pensar e agir está no exercício inesgotável do aprender a respeitar os lugares de fala e aos mais velhos. Como profissionais de educação, precisamos e devemos estar atentos ao desafio permanente de criar novas dinâmicas para o ensino e aprendizagem da leitura e escrita que respeitem os valores culturais da nossa sociedade.

Para isso, temos que projetar ambientes que despertam a curiosidade na leitura e escrita, viabilizando as melhores condições para que o ato de ler seja um gesto prazeroso e que proporcione aprendizagem de valores e de conhecimentos nacionais e internacionais. Segundo Virgínia José Baptista Cá (2015), embora o acesso à educação tenha aumentado bastante desde os anos 1990, ainda falta muito para a inclusão social efetiva.

As dificuldades de acesso fazem com que muitas crianças abandonem a escola, não prossigam nos estudos e vislumbram poucas oportunidades geradas pelo estudo. Em muitos casos, até mesmo as famílias retiram seus filhos da escola devido às dificuldades financeiras e vários são os obstáculos que as afastam cada vez mais. A forma de permanecerem no processo

educacional não tem sido fácil, devido a vários fatores: econômicos, psicológicos, sociais, linguísticos e entre outros. Portanto, é necessário fazer com que essas crianças que chegam à escola, tenham permanência, onde a participação e o direito à educação fundamental e de qualidade possam ser garantidos (CÁ, 2015, p. 48).

Percebe-se que, para Cá (2015), é preciso desenvolver mecanismos para facilitar e manter o contato permanente das crianças com a escola. Assim, os gestores escolares, juntamente com o Estado, precisam garantir que os alunos tenham acesso aos livros e outros auxílios como alimentação e transporte para mantê-los na atividade escolar. Portanto, é imprescindível que a literatura seja inserida desde muito cedo na vida dessas crianças e jovens, buscando que vislumbrem a literatura como uma importante ferramenta capaz de auxiliar no desenvolvimento em diferentes âmbitos da vida. Quanto mais cedo a literatura é apresentada para um indivíduo, melhor será o seu desenvolvimento e crescimento.

A literatura nos dá a oportunidade de educar para incluir, além de oferecer subsídios sociais para as vozes subalternizadas serem ouvidas e respeitadas, auxiliando na construção de uma ponte entre a realidade e o mundo da fantasia. Assim, é mais que urgente que a literatura nacional seja ensinada nas escolas e, para tal, é preciso ensinar os alunos a se movimentar no mundo da cultura, da língua e da literatura. Isso implica saber como funcionam as bibliotecas, incluindo o que fazer para encontrar uma obra nas estantes, quais os livros são vendidos nas livrarias, quais títulos foram traduzidos e a diferença em saber quem traduziu, pois, o texto lido pode não ser fiel à obra original.

Ademais, percebe-se que uma das funções mais importantes da literatura é permitir que o leitor se coloque na pele de outras pessoas e veja o mundo de uma forma diferente, como um laboratório de prazeres e afazeres. Para criarmos esses laboratórios, o Estado, juntamente com os gestores de ensino, precisa estabelecer tempos e espaços distintos para que os alunos desfrutem de vários tipos de leitura de acordo com os objetivos escolares, que, inclusive, são variados.

A leitura, por sua vez, tem um importante papel na melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Isso contribui para o desenvolvimento de alguns leitores com capacidades de análise crítica e síntese, bem como o entendimento de sua realidade. A escola tem a responsabilidade de desenvolver o gosto pela leitura em seus estudantes, embora não seja uma tarefa simples.

Fazer ler é ajudar a pensar. Ler faz a cabeça, diz um slogan atual muito oportuno. É dentro do discurso literário que a Guiné-Bissau está aos poucos processando o campo do pensamento identitário e a configuração do caráter nacional, distanciando-se seus escritores da dicção hegemônica, restritiva, monolítica, que interpreta a nação como aparato do poder ideológico do Estado (AUGEL, 2009, p. 153).

Para Augel (2009), a leitura deveria fazer parte do nosso dia a dia, configurando-se como um exercício, assim como os exercícios físicos, e beneficiando o cidadão por meio dessa atividade constante. Nesse sentido, quem tem o hábito de ler tem mais chances de enriquecer a sua forma de ver o mundo e lidar com o outro, possibilitando-lhe também um vocabulário mais extenso e rico. Segundo Fanon, “falar é estar em condição de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33).

Assim, o homem que possui a linguagem também tem o domínio do meio em que essa linguagem é falada literalmente, como é o caso do crioulo bissau-guineense. Sendo um processo de representação, a leitura envolve o sentido da visão. Ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra, a exemplo de como reflete a narradora de *Memórias SOMânticas*:

a realidade é uma coisa, o nosso preconceituoso entendimento dessa realidade é outra coisa. Às vezes próximas, mas sempre distintas. Nunca idênticas. [...] Ver o mundo com olhos de professora não é o mesmo que cuidar de doentes e feridos. São paixões diferentes (SILA, 2016, p. 61-67).

Esse é o tipo de olhar que a literatura proporciona através da leitura. Um olhar de valores estéticos que busca o sentido do belo. Como toda arte, estimula o cruzamento de informações, possibilita a sinergia do pensamento, amplia a visão da realidade e até cria uma realidade nova.

Assim, pode-se concluir que o problema maior que envolve o ensino da literatura africana está centrado na falta do comprometimento do Estado em promover uma justiça social através da educação, sendo que a literatura é uma grande impulsionadora do desenvolvimento de outras epistemologias. Neste sentido, Mbembe afirma que:

[...] a escravidão, a colonização e o *apartheid* são consideradas não só como tendo aprisionado o sujeito africano na humilhação, no desenraizamento e no sofrimento indizível, mas também em uma zona de não-ser e de morte social caracterizada pela negação da dignidade, pelo profundo dano psíquico e pelos tormentos do exílio (MBEMBE, 2001, p. 4).

Por isso, a literatura deve ser trabalhada juntamente com a leitura no sentido de formar leitores críticos, que saibam agir sempre utilizando a ética e que, através do conhecimento adquirido, possam crescer com uma visão de mundo sem o preconceito racial e social. Para isso, o Estado, juntamente com os pais e os gestores escolares, têm que trabalhar de forma sintonizada, levando o pequeno leitor a imaginar e captar suas formas, suas cores, sua beleza, sua magia, seu mundo imaginário, onde tudo é possível.

Sabemos, portanto, que a escola ocupa um papel importante no que se refere à formação de leitores, porém, para isso, se faz necessário a elaboração de estratégias adequadas para o alcance desse objetivo. Para essa busca, é preciso que o Estado assuma a sua função. Para que o professor e toda a equipe gestora sejam facilitadores desse processo, é necessário que caminhem rumo a uma só direção: formar alunos leitores que sintam prazer em ler, em descobrir novos horizontes, em se emocionar com as viagens imaginárias proporcionadas pelo aprendizado e exercício da leitura literária.

4.2 LITERATURA E O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA PÓS-COLONIAL

Trazer para o debate o papel da literatura no combate à violência na Guiné-Bissau é algo desafiador, levando em conta as dificuldades de acesso ao livro no país e as cicatrizes da invasão ilegal dos portugueses às suas terras. A violência pós-colonial possui uma dimensão brutal que pode ser comparada à morte. No âmbito científico, produz fatores como ecocídios, genocídios e etnocídios. No político, estabelece a desorganização das relações sociais como também das intolerâncias. Já no conhecimento, desenvolve-se o epistemicídio e a desmemória por meio de apagamentos, invisibilidades, apropriações ou deturpações.

Conforme Achille Mbembe (2017) argumenta, na sua obra *Políticas da Inimizade*, a mentalidade pós-colonialista em países africanos é um recorte da máquina de violações de direitos civis e políticos herdadas da colonização. Um modelo que se baseia muito nas ideologias de juízo de valor e na instauração de um estado de exceção em escala mundial, ditado por uma “necropolítica” devastadora, genocida e subalternizadora.

No entanto, Mbembe (2018) costura a sua fala com base em três conceitos: a noção de

biopoder foucaultiana, os conceitos de soberania e estado de exceção. Esses procedimentos são destinados a pensar não a ideia de soberania como autonomia e autodeterminação dos povos, mas como uma espécie de tecnologia de poder que transforma determinados espaços políticos em campos de morte, produzindo a “instrumentalização da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2018, p. 10-11).

Para ele, a soberania corresponde a uma relação de poder que se constrói segundo a articulação do estado de exceção e a ideia de inimigo para, assim, consolidar o direito de matar. Trata-se, enfim, de uma tecnologia política voltada para o massacre populacional, a destruição de corpos e a redução do ser humano às coisas materiais. Sendo assim, ao se debruçar sobre isso, Mbembe, além de sua interlocução com Fanon sobre colonialidade, vai também ao encontro de Abdulai Sila na articulação da categoria de biopolítica aos conceitos de estado de exceção e de sítio.

Esses conceitos e suas múltiplas facetas nos ajudam a responder os desafios colocados pelas transformações culturais, econômicas e sociais trazidas pela modernidade capitalista em escala global. E proporcionam também o entendimento dos significados da própria noção de modernidade, suas formas e suas manifestações culturais e estéticas, para perceber como a cultura/literatura muda sua linguagem e seu significado na contemporaneidade.

A centralidade do espaço-tempo colonial que os estudos pós-coloniais trazem à tona, a necessidade de interrogar o discurso colonial para se entender as próprias noções de cultura, de representação e de modernidade, a urgência de se encarar as grandes tradições literárias a partir da sua relação com territórios e povos colonizados e com os impérios são certamente algumas das novidades trazidas pela teoria pós-colonial, mas isso não implica na necessidade de se substituir o debate pós-moderno com a reflexão sobre pós-colonialidade. Isto, inclusive, é importante sobretudo na sala de aula: mostrar a possibilidade de existência de posições teóricas e leituras aparentemente contraditórias quando não opostas e tornar evidente a diversidade que pauta a reflexão intelectual sobre a literatura. O que nos parece importar mais é o exercício crítico, as viagens que as teorias fazem, o esforço de compreensão de outras formas de pensar ou imaginar, que é, no fundo, o que torna a crítica literária um espaço de partilha intelectual, de aprendizagem e de respeito ao outro, isto é, uma prática de exercício de humanismo e, por isso, de democracia, como podemos ver na citação abaixo:

O pós-colonialismo é posterior a isso tudo [literatura pós-realista, política pós-nativista, solidariedade transnacional, pessimismo]: e seu pós, como o do pós-modernismo, é também um pós que contesta as narrativas

legitimadoras anteriores. E as contesta em nome das vítimas sofredoras de “mais de trinta repúblicas”. Mas contesta-as em nome de um universal ético, em nome do humanismo [...]. E baseado nisso, ele não é um aliado do pós-modernismo ocidental, mas um adversário: com o que acredito que o pós-modernismo possa ter algo a aprender (APPIAH, 1997, p. 216).

Para Appiah, esses “pós” não passam mais do que um estilo estético ou mesmo um gesto epistemológico. Esses conceitos são um ato ético, estético e político diante da interdição à fala da alteridade pela cultura hegemônica, ou seja, a colonialidade colocou o continente europeu como exclusivo portador e protagonista da modernidade e da racionalidade, sendo o único capaz de legitimar a produção de sociedades, culturas e seres humanos marginais (MUDIMBE, 2013, p. 18).

Para Chinua Achebe,

a dominação imperial exigia uma nova linguagem para descrever o mundo que havia criado e as pessoas que havia subjugado. Não é de surpreender que essa nova linguagem não louva esses subjugados nem os celebre como heróis. Pelo contrário, ela tem as cores mais extravagantes. A África, principal alvo do imperialismo europeu, onde praticamente um só palmo de terra ao destino da ocupação imperialista, recebeu em cheio o golpe dessas definições negativas. Acrescenta-se o esforço, mas isso dos três Séculos anteriores de tráfico Transatlântico de escravos para a popular os negros de forma depreciativa, e podemos ter uma ideia da magnitude do problema que se apresenta hoje monstros conceito tão simples: *A África é gente de verdade* (ACHEBE, 2012, p. 160).

Percebe-se que a formação do mundo moderno não se deu da mesma forma para todos os sujeitos em todos os espaços, principalmente na África e, em especial, na Guiné-Bissau. Ao adotarem ideias precipitadas, inclusive de rejeitar o progresso africano e adotar a modernidade que privilegia uma camada social (gerais, ministros e outros), acabaram dando seguimento à cultura de “café de manhã” em vez de *mata bitcho*, de “almoço” em vez de *djanta* e de “jantar” em vez de *cia*. A partir dessas tintas indelévels na sociedade guineense, como também nos maiores países africanos que compartilham a língua portuguesa como um dos veículos de comunicação, verifica-se que essa modernidade forjada acabou criando mais problemáticas do que soluções.

Por isso, não podemos enxergar o pós-colonial e o pós-moderno numa relação de embate, mas sim como teorias que evidenciaram o impacto da experiência colonial na formação das relações modernas de poder. Isto deve ser levado em conta em quaisquer narrativas da modernidade, caso contrário, além de incompletas, também seriam ideológicas.

Mbembe (2001) nos mostra que as visões racista e colonialista que concebem os povos africanos como a-históricos, somam-se ao pensamento pós-colonial que, com seus discursos eurocêntricos e também racistas, apresenta uma África constituída apenas por golpes políticos, corrupção, epidemias, miséria e fome. O olhar pós-colonialista se constitui de signos que indicam ou referenciam fatos, pessoas e ideias que não fazem parte da realidade africana ou que se apresentam de forma distorcida e incompleta, mostrando que o mundo não é refletido no espelho da linguagem, mas produzido dentro dela (HALL, 2006, p. 53-54). Por isso, a literatura, como fonte de aprendizado que proporciona o contato entre o novo e o eternizado, pode assustar esses fantasmas da escravidão, colonização e *apartheid* tanto em África como também em suas diásporas.

Nessa perspectiva, a literatura denominada pós-colonial está conseguindo honrar seu espaço mais amplo, nos quesitos literário, histórico, sociológico, político e antropológico, por conta de teóricos, dramaturgos, romancistas, cronistas e poetisas que têm se debruçado sobre as novas formas de pensar e fazer literatura a partir das denominações forçadas pelo invasor nos últimos séculos: colonizador/colonizado, branco/negro, superior/inferior e outros que se configuram como uma dualidade binária.

Segundo Henrique Freitas,

[...] o inimigo não é mais simplesmente o Outro colonial personificado: sua geografia, sua gramática, seu *logos*, mais que uma prótese identificável, tornou-se duplamente uma eficiente bússola de nós (como nó de uma rede e também como pronome pessoal); suas perversões normalizadoras, agora entranhadas como o estranho freudiano, íntimo e familiar, a qualquer gesto de afro-rasura nos ameaça com suas incertezas e falsas profundidades, cercando os riscos necessários que precisamos sempre correr para que as Literaturas Africanas no Brasil *sejam em seu devir* (FREITAS, 2016, p. 89-90).

A preocupação de Freitas seria com o nó estabelecido em relação às epistemologias africanas e às afro-brasileiras que são colocadas sempre à margem em relação ao modo eurocêntrico de pensar. Essa dúvida não se restringe só ao campo das ciências humanas, mas também em todas as áreas de conhecimento que se derivam do saber africano ou outros saberes que se norteiam de base Afro. Essa dúvida permanente em relação às produções africanas e afros, torna-se um elo a mais para desestabilizar-nos psicológica e emocionalmente. Mesmo sabendo da potência da escrita, procuram nuances gramaticais para

deslegitimar toda a produção na tentativa de impedir qualquer tipo de afrontamento ao saber dito hegemônico na perspectiva eurocêntrica de pensamento.

Ademais, Freitas reforça ainda que:

é importante produzir uma inteligibilidade sobre a estética que atravessa o fazer literário e está vinculada à todas as dimensões já citadas. Ignorar estas particularidades não é ceder apenas a força da *colonialidade do poder e do saber*, mas provocar um epistemicídio ao reduzir ao reduzir tudo aquilo que escapa à semelhança à exatamente sua força de mímica (FREITAS, 2016, p. 95).

Ao ignorar as particularidades das outras sapiências, estaremos a reproduzir o mesmo preconceito com os nossos saberes. E para não cair nesta armadilha da colonialidade do saber e do poder (QUIJANO, 2005, p. 126), é preciso ser capaz de negociar com essas instituições legitimadoras do “saber” para que possamos mostrar que, além do pensamento cartesiano, existem outras epistemologias que podem dialogar naturalmente com o conhecimento eurocêntrico, sem que nenhum saber seja deslegitimado, como ocorre hoje ainda com as literaturas africanas.

Nesse sentido, é necessário considerar também o uso que os escritores guineenses fazem da língua portuguesa como um veículo literário, através do qual “praticam um ato político e de auto afirmação”, ao construírem, por exemplo, “textualidades que [tanto] rasuram e desconstroem a visão colonial” (AUGEL, 2007, p. 45), como evidenciam uma autocolonização perpetrada pela elite do pós-independência. Neste sentido, a língua do invasor passa a ser um dos veículos de denúncia das violências causadas pela política da morte estabelecida por independentistas do PAIGC, e a literatura teve um papel primordial neste processo de emancipação ao dar voz àqueles que haviam sido silenciados e colocados à margem, sem a possibilidade de se aproximarem do centro e serem protagonistas de sua própria história, como transparece na escrita de *Memórias SOMânticas*:

na reunião do Partido que houve dias depois disseram que eu tinha muito jeito para aquele trabalho, um trabalho que eu nunca fizera (cit) antes. No capítulo de ‘Crítica e Autocrítica’, o último de todas as agendas de reunião do Partido, os camaradas louvaram o meu comportamento de uma maneira que não esperava. Fiquei até com vergonha, devo confessar isso. Usaram termos e expressão que normalmente só se empregam nos comunicados de guerra ou nos elogios fúnebres, nunca para gabar o trabalho de uma pessoa viva. Falaram de sentimento patriótico, espírito revolucionário, entrega à causa do Partido e até de amor à pátria. Ouvir o meu nome a ser chamado várias vezes e sempre seguido de aplausos de toda a gente, e o ambiente que

se gerou a partir do momento em que deu entrada na sala o camarada que tinha sido operado, fez-me sentir como se estivesse a sonhar. Mandaram-me levantar e naquele ambiente que parecia mais festa do que reunião do Partido, ouvi alguém dizer que eu é que tinha salvado a vida ao camarada, que afinal era um grande comandante. Não sei quando avancei para ele e o abracei. Num contexto de guerra violenta como a que estávamos a ter contra os tugas, em que a missão é matar e evitar ser morto, a sensação de ter salvado a vida de alguém é simplesmente indescritível. É como fazer alguém nascer de novo, ou entregar um combatente adicional ao Partido. Fez-me sentir orgulhosa (cit) saber que tinha feito as duas coisas ao mesmo tempo, num único dia (SILA, 2016, p. 65-66).

Nesta passagem do livro, fica perceptível o protagonismo heroico de uma mulher que rompe com o estereótipo vinculado ao ser mulher na sociedade, parecendo responder a um anseio coletivo de reconhecimento dos seus direitos. Trata-se, pois, de compreender, a partir da análise do ponto de vista da narradora-personagem e pressupondo as relações entre literatura e sociedade, como a representação dessa guerreira pode promover ou questionar a manutenção dos interesses hegemônicos, ser instrumento para a promoção da emancipação, bem como de afirmação social das minorias. E mais, com a representação dessa personagem, Sila desafia o sentido clássico de representação na literatura, tendo em conta as limitações dos espaços das mulheres guineenses, devido às “questões de machismo que circundam as ideologias brasileira, africana e mundial” (ALVES & TIMBANE, 2022, p. 130). Todavia, é nesse processo de emancipação das mulheres, como ocorre com a personagem da obra *Memórias SOMânticas*, que se inicia a reivindicação dos direitos cívicos, por meio da literatura, para manifestar sentimentos, criticar os governantes, combater e valorizar a identidade cultural do povo guineense.

No entanto, a forma como Sila constrói a personagem nos leva a questionar o impacto de sua representatividade, levando em conta o panorama não apenas da representação da mulher na literatura guineense, como também da produção contemporânea e do atual cenário político do país. Já a pós-colonialidade se manifesta violentamente contra aqueles que representam a metáfora do colonizador, reproduzindo com eles as barbaridades herdadas dos invasores. Ademais, Sila nos reporta também como o colonizado acaba por internalizar a cultura de dominação do colonizador, e, em uma espécie de revide, reproduz os mesmos comportamentos agressivos contra os próprios irmãos. Por meio da potência da literatura, o autor nos possibilita acesso ao outro lado da história, a uma percepção diferenciada, distante da postulada como norma ou padrão. Nesse sentido, a literatura guineense é uma literatura

simultaneamente de múltiplas convergências e particularidades, e, portanto, é uma literatura de múltiplas vozes e ecos, como podemos perceber:

viramos a página e eis que a História tende repetir-se antes mesmo de ser História. A nossa verdadeira História. [...] o discurso cedo se divorcia da prática, minando os pilares e o encanto da mil vezes prometida alvorada. É a ideologia do tafal-tafal que se instaura, impondo um futuro fusco e entorpecido (SILA, 2016, p. 93).

Mudamos de conceito e, por isso, estamos a tentar narrar a nossa verdadeira História ainda, mas a formação da sociabilidade guineense manteve-se e é marcada pela interdição política e estética do território e dos corpos. Pode-se dizer que a consciência literária guineense é incontornavelmente pós-colonial, pois, inevitavelmente, estabelece o diálogo, em princípio, com a própria língua do opressor e com a criouliização. Em segundo lugar, estabelece-se o diálogo com a história discursiva do passado-presente colonial, com o repertório literário e com a própria realidade local repleta de significações pessoais atravessadas pela colonialidade. A luta pela libertação nacional passou, mas a luta pela libertação das mentes continua ainda, pois, tantos discursos e promessas sobre a prometida alvorada desapareceram à luz do dia, dando espaço à política de *tafal-tafal*⁵⁸, que mergulhou toda a luta e a esperança do povo para o abismo.

Tendo em conta a sua evolução, a literatura se encontra em constante transformação, assim como a sociedade. Nesse sentido, verifica-se que a literatura ganhou espaço entre os guineenses desde o período colonial e, desde então, vem auxiliando no processo de emancipação histórica e pós-colonial. Contudo, foi a partir de meados do séc. XXI que a literatura se consolidou, passando a ter uma maior interação entre os autores e seus respectivos público-leitores.

A literatura pós-colonial se caracteriza pela diversidade de obras. Isso ocorre na medida em que a sociedade guineense e o mundo experimentam diversas mudanças ocorridas principalmente após a conferência de Berlim. Outrossim, sendo um veículo capaz de transmitir as mais diversas experiências sociais, independentemente de raças, gêneros e classes sociais, a literatura faz com que haja uma relação harmoniosa entre diferentes. Ou seja, ela acabou se tornando em uma ferramenta que propicia a sociabilidade na diferença.

No entanto, segundo Abdulai Sila:

⁵⁸ Malandragem ou jogo sujo (tradução nossa).

O tratamento na base da igualdade de oportunidades é um direito e como todos os direitos tem que ser conquistado e consolidado. Os contextos mudam e com eles a percepção da igualdade, pelo que constitui uma ação de cidadania lutar para que todos os cidadãos sejam tratados sem discriminação, dando a todos, na base da equidade, as mesmas oportunidades. Reconheço que ainda temos um longo caminho a percorrer até que isso seja realidade (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 12).

Nesta ótica, a preocupação de Sila com os fenômenos da desigualdade merece ser destacada, já que a literatura é um forte instrumento tanto de formação da identidade dos sujeitos, como também no direcionamento das relações em uma sociedade. Por isso, ela também pode ocupar um dos campos de embates políticos e de legitimação de violências. Sendo assim, a sua relação com os fatores históricos, sociais e políticos nos leva a pensar a respeito do seu vínculo com temáticas conservadoras, como a reprodução das estruturas que constroem e mantêm a desigualdade.

Tendo em conta o seu histórico, a literatura bissau-guineense é marcada por processos de limitação e silenciamento de vozes de grupos sociais em função do gênero, da religião, da raça e da classe social. Esse aspecto está inserido na formação da sociedade nacional desde as raízes da colonização até os modelos políticos pós-coloniais que marcaram profundamente a distribuição e privação de bens e conhecimentos.

A obra *Memórias SOMânticas* (2016) de Abdulai Sila escancara o debate acerca de caminhos que se abrem em todos os sentidos imagináveis da vida, fazendo menção aos conflitos armados da guerra de independência na Guiné-Bissau ao questionar o comportamento dos camaradas sobre o clima de decepção que se instalou após a independência, como podemos perceber:

Há gente a quem a vida estendeu tapetes na terra, mas que prefere andar nas nuvens. Descalços e nus. Alérgicos à felicidade, ferrenhos adeptos da falsidade se tornaram. Sem amor ao próximo, cultivam a *diskarna*⁵⁹ e veneram o obscurantismo. Essa gente esquece que é também das nuvens que, com violência e sem aviso prévio, partem os raios e os relâmpagos que fustigam a terra. Por isso, quando se descobrem, sem aparente conhecimento de causa, perante o dilema de su na ‘koba de djanfa’⁶⁰, que estupidamente cavaram, ou no abismo projectado pela imbecilidade, é da trovoada que se declaram vítimas. Heróis nunca serão. Afortunados tão-pouco. Bestas! E a nossa História, a nossa verdadeira História, deles abdicar, esses miseráveis.
— Para cada traidor haverá sempre uma bala no cano.

⁵⁹ Asneira; desleixo; irresponsabilidade (SILA, 2016).

⁶⁰ Buraco de maldade (tradução nossa).

Foi assim, que soube. Há muito que dava para desconfiar, mas a minha fé no espírito da luta não me (cit) permitia. Como é que chegamos a esse ponto? Em que se tinha tornado o meu querido país e a minha gente? Que fora feito da camaradagem que, proporcionando a permanente partilha das dificuldades e dos êxitos, dos sonhos e das ambições tornara (cit) a vida mais colorida para todos ao longo de tantos anos? Foram para mim tantos meses de andanças, de súplica, de humilhação. Em vão, sem o mínimo vestígio de camaradagem...

Com esperança debilitada ao extremo e a dor no seu máximo, não conseguia reconhecer os camaradas. Os mesmos que ontem remavam numa direção, hoje faziam-no no sentido oposto. O que terá sucedido que nunca devia ter acontecido? (SILA, 2016, p. 100-101).

Diante dessa perspectiva, podemos fazer uma relação com o sentimento de alegria, fraternidade, acolhimento e respeito que se espalhava no seio dos camaradas no contexto da luta de libertação, mas não com a violência que se instalou após a independência. Podemos relacionar o conteúdo temático da obra com o período da luta de libertação nacional e da pós-independência. Ressalta-se que as histórias relatadas no livro, ainda que fictícias, servem para evidenciar o sentimento de amor, decepção, revolta, ódio que circulava em todo o território nacional, como também nas suas diásporas. Porém, o clima nacionalista e as esperanças de um futuro promissor que se buscava pela independência foram logo suprimidos pela violência, desigualdade e corrupção dos próprios camaradas do PAIGC.

Na tentativa de denunciar as injustiças cometidas por guineenses contra outros guineenses, Sila põe em ênfase as falhas da gestão política e militar dos independentistas, que ameaçavam, de certa forma, o equilíbrio dos valores culturais nessa sociedade. O autor chama atenção de que a formação de uma nova classe burguesa reproduz a fórmula de violência dos invasores, que é ignorar todas as formas do ser do outro, a exemplo do fragmento a seguir:

quando falei daquele assunto na reunião do Partido, disseram-me que devia era tomar conta de mim. Aquela conversa doeu-me, mas mesmo a sério. [...] O partido ensinou-me a agir coletivamente, a apreciar bens que só adquirem valor quando partilhados. [...] Sinto-me agora tão longe daquilo que imaginava tão perto (SILA, 2016, p. 117).

Sila faz duras críticas ao sistema do partido único, que deixou de lado o projeto de unidade nacional e de desenvolvimento do país, através da educação, cultura e desporto, para priorizar um projeto corrupto, adotado pela elite guineense, a qual chegou ao poder após a independência. Esta elite alinhou-se com um olhar capitalista desenfreado Ocidental, baseado na política econômica do período colonial voltada para a exportação de matérias-primas para a antiga metrópole. No entanto, percebe-se que *Memórias SOMânticas (2016)* é uma arma

que Sila usa para repensar a história colonial e pós-colonial na sociedade bissau-guineense, oferecendo um modelo de contestação das formas de representações sociais que provocam uma ruptura epistemológica, tendo a escrita como arma crítica e denúncia dos problemas do contexto sociopolítico guineense.

Memórias SOMânticas (2016) ganha um lugar de destaque na literatura pós-colonial por sua crítica contundente à colonização portuguesa e, depois, aos próprios guineenses por não conseguirem fincar a tão esperada alvura desejada. Almejava-se que os independentistas, ou seja, as elites guineenses, dessem uma maior atenção às questões sociais e econômicas; o que não veio a acontecer por causa da ambição e ignorância do poder, reproduzindo tudo o que não se prestava contra os próprios irmãos de luta.

Por isso, como intelectuais e pessoas que querem viver ainda as transformações na sociedade guineense, devemos assumir a responsabilidade de fazer o diferente em prol do desenvolvimento das nossas terras como almejavam as nossas guerreiras e guerreiros. Eles e elas fizeram com dignidade e responsabilidade a luta contra a invasão portuguesa na Guiné-Bissau, travando batalhas memoráveis que resultaram na libertação do povo guineense, como podemos perceber na fala de uma das personagens em *Memórias SOMânticas*:

era a nossa nação africana forjada na luta que estava a revelar-se em pleno, dia após dia, e sobre ela tínhamos tanta coisa para conversar não só nas reuniões do Partido, mas sobretudo no nosso tempo livre, eu e as minhas colegas de quarto (SILA, 2016, p. 47).

Neste sentido, a literatura continua sendo um lugar de protesto e representação de ideias e sentimentos. Ela permanece atenta e vigilante em seu eterno compromisso de dar voz aos silenciados e combater os fantasmas da opressão pós-colonial. Esse sentimento de impotência causada pelas excessivas violências pós-coloniais e prejudiciais a certo grupo de pessoas, em especial aos pobres. Ou seja, as pessoas mais vulneráveis vão permanecer submetidas aos mais diversos aparatos de controle, como negação do direito à escola, saúde, saneamento básico e outros meios que dignificam um ser humano.

No entanto, ao costurar uma relação de irmandade entre a literatura e a história, Sila nos apresenta, em *Memórias SOMânticas (2016)*, uma narrativa de abandono e sofrimento, que é registrada como umas das histórias mais sangrentas que o país já viveu. Através do percurso das personagens, proposto pelo autor, consegue-se vislumbrar o período em que imperava a barbárie num país que sempre buscou a emancipação pela liberdade e justiça para que o seu

povo se tornasse independente do jogo colonial e pós-colonial. Por isso, dentro das suas narrativas, Sila consegue problematizar assuntos do dia a dia para contemplar aspectos históricos da nação, cruzando a ficção com a realidade bissau-guineense e levando o leitor a viajar e a vivenciar, através de suas personagens, o sonho de liberdade e de identidade, não só da personagem, mas de toda a nação guineense.

5 OLHARES CONVERGENTES NA LITERATURA BISSAU-GUINEENSE

5.1 A RELAÇÃO DE PARENTESCO ENTRE ABDULAI SILA E IDY MBONH NA LITERATURA BISSAU-GUINEENSE

Escapar do público leitor quando se deixa muitos rastros na escrita, ao longo do tempo, não é uma tarefa fácil. Principalmente, quando é um dos melhores ou, melhor dizendo, o escritor guineense mais lido nacional e internacionalmente. A história de *Memórias SOMânticas* é cheia de mistérios. Enquanto o presente tenta decifrá-los, o futuro busca conjugá-los usando os resquícios da memória e da historiografia para criar imaginações em um mundo que pode ter até sete faces. A literatura, como uma ferramenta que abrilhanta esses olhares nostálgicos e únicos, facilita que o sujeito esconda sua personagem nela. Todavia, deve-se lembrar que, ao publicar uma obra, mesmo sendo com um pseudônimo, a sua escrita nunca será mais daquele pseudônimo porque ela já pertence ao mundo das interpretações, e o público leitor está e estará sempre antenado a compreender certas circunstâncias que tentaremos decifrar ao longo do texto.

Nesse sentido, é preciso compreender, interpretar, saber conjugar e seguir os vestígios que talvez nos façam chegar perto da narradora onisciente de *Memórias SOMânticas*. Ter um pseudônimo é uma escolha livre, mas pode ser também um *bunker*, carregando várias cicatrizes que, talvez, só assim o sujeito possa diminuir esse peso nos seus ombros. Como a literatura é um campo livre que permite o sujeito criar e recriar realidades por meio de um olhar ficcional, um dos motores desta manifestação artística está na capacidade nostálgica do olhar diferenciado do sujeito narrador.

Já constatamos, por meio das explanações tecidas nessa tese, que Sila utiliza a escrita como um mecanismo para reconhecer sua própria existência e ser ouvido, já que era um jovem muito silencioso. Esse desejo de chegar até o outro é o que o move ainda para escrever, mantendo um olhar de encantamento e infância, de quem vê o mundo como algo que ainda não conhece e não tem medo disso.

Mesmo que o pseudônimo tente manter a sua máscara sobre olhares dos críticos em relação à sua produção ou para condicionar uma valiosidade à obra, irá existir algum nó que vai nos guiar até ele. Pseudônimos, e toda forma de disfarce, sempre acompanharam a história da literatura, marcando o trabalho de escritores dos mais variados gêneros. E as razões que

levam um escritor a se esconder por detrás da máscara de um outro nome são as mais diversas possíveis: caminham desde o anonimato debochado até à clandestinidade da escrita política e de contestação. Neste contexto, busca-se compreender o que levou um escritor tão renomado como Sila a se esconder por trás de um nome fictício.

Ao analisarmos a escrita do pseudônimo Idy Mbonh, é possível identificar uma relação de irmandade com a do escritor Abdulai Sila. Os dois trazem, em suas narrativas, questões muito semelhantes, como a forma de fazer a literatura na Guiné-Bissau, que está ligada ao ato de escuta, de contar e de ouvir histórias com os mais velhos nas noites de luar. Ressalta-se que, na literatura guineense, a utilização de pseudônimo é algo novo, por isso, Idy Mbonh configura-se como um pseudônimo e não uma valiosidade do escritor.

Assim sendo, fez-se necessário questionar algo que estava mexendo com a nossa cabeça que é entender como um escritor que já publicou vários trabalhos, ao longo do tempo, decidiu, talvez por acaso, assumir uma identidade fictícia numa coletânea publicada em comemoração aos vinte anos de *Kusimon* Editora. Nela, o mesmo publicou dois contos e é acionista majoritário. Um conto foi assinado como Abdulai Sila e, o outro, com um pseudônimo. Posteriormente, esses mesmos contos foram publicados no livro *Memórias SOMânticas* (2016), de autoria de Abdulai Sila. Algo que gera uma curiosidade em tentar compreender o porquê desta identidade ficcional. Para começar, é importante ressaltar que a letra inicial do nome do pseudônimo começa com a letra (I), sendo, talvez, uma homenagem oculta ao seu irmão Idrissa que faleceu de forma precoce.

No livro *Ema vem todos os anos*, publicado em 2014 para comemorar os vinte anos da editora *Kusimon*, aparece um conto intitulado *Negociatas* também do pseudônimo da literatura guineense, Idy Mbonh, que conta a história de uma adolescente que participou ativamente da guerra de libertação de Guiné-Bissau e Cabo-Verde e depois viu todos os seus sonhos irem “por água abaixo”. O enredo acontece na Guiné-Conacri⁶¹, país que abrigou os guineenses na luta contra os tugas⁶², mas o que se destaca na verdade é a capacidade de compreender um ao outro como combatente e imigrante durante a narrativa, como se diz no provérbio guineense: “*bom kombersa ki ta tisi kon matchu kasa*” (MBONH, 2014, p. 77). Frase esta que vai se repetir também em *Memórias SOMânticas* (2016): “Lembrei-me que os

⁶¹ É um país da África Ocidental limitado a norte pela Guiné-Bissau e pelo Senegal, a norte e leste pelo Mali, a leste pela Costa do Marfim, a sul pela Libéria e pela Serra Leoa e a oeste pelo oceano Atlântico.

⁶² Termo utilizado pelos lusófonos para se referir aos portugueses, sem conotação pejorativa, sendo uma simples gíria para se referir aos portugueses (tradução nossa).

mais velhos diziam que ‘*bom kombersa ki ta tisi kon matchu kasa*’⁶³. Então resolvi conversar diretamente com minhas companheiras de quarto, olhos nos olhos, sem mais ninguém pelo meio” (SILA, 2016, p. 48).

Neste sentido, pode-se afirmar que o conto de Mbonh, *Negociatas*, e o romance de Sila, *Memórias SOMânticas*, possuem narrativas bem parecidas, começando pela forma da tessitura literária ou dos retratos trazidos à tona pela personagem principal. A narração é feita por uma narradora-personagem que conta a história na primeira pessoa e, nela, existe uma figura feminina que é evidenciada no sentido de despertar o desejo de ter o seu parceiro de volta e libertar a sua nação das mãos dos invasores portugueses para que todos os guineenses possam ter uma só identidade, e não de primeira, segunda ou terceira classe.

Nesta perspectiva, entendemos que analisar o texto de Mbonh (2014) e Sila (2016) não se resume somente em uma análise interpretativa, mas na compreensão das forças que levaram os dois a escreverem o mesmo texto sem que ninguém percebesse até o momento esse retrato da memória guineense em suas obras.

Os dois autores têm muita coisa em comum: um olhar nacionalista e a mesma capacidade de criar personagens que dialogam constantemente em prol de uma causa em comum. Neste sentido, podemos compreender essas negociatas com um olhar diplomático, sejam elas simples ou conflituosas. Com base no diálogo, leva-se em conta a importância da atuação das mulheres na luta de libertação do país, colaborando também para combater as desigualdades de gênero e a violência doméstica.

A partir deste ponto de vista, pode-se afirmar que o conto *Negociatas* e o livro *Memórias SOMânticas* estão ligados pela arborização das narrativas. O primeiro é um esqueleto do segundo, isto é, *Memórias SOMânticas* é a continuação do enredo de uma forma mais ampla. Desta forma, os dois trabalhos são do escritor Abdulai Sila, como podemos perceber nas conexões entre os dois enredos.

[...] notícias que vinham das frentes, desse grande sonho de nós também termos brevemente a nossa Independência, a nossa Liberdade, o nosso Governo, a nossa Rádio e Televisão Nacional, o nosso Syli Nacional, o nosso Ballet Nacional. Tudo nosso! Era a nossa nação africana forjada na luta que estava a revelar-se em pleno, dia após dia, [...] (MBONH, 2014, p.77 *apud* SILA, 2016, p.47).

⁶³ É com o diálogo que se resolvem os problemas.

A vontade de liberdade era uma unanimidade entre os guineenses, por isso, lutar contra o sistema de invasão português na Guiné-Bissau não foi uma tarefa fácil, mas, tendo essas guerreiras, tanto na frente quanto na retaguarda, foi possível construir uma das lutas mais implacáveis do século XX. Nesta ótica, tanto o pseudônimo Mbonh (2014) como também Sila (2016), vão ao encontro destas mulheres como forma de retribuir tudo que elas deram e continuam dando em prol da liberdade do povo guineense. Sila afirma que o livro *Memórias SOMânticas* (2016) é:

uma forma de homenagear as mulheres desta terra e de outras partes de África, que permanentemente nos dão exemplos de coragem, esperança e amor. Mesmo nas situações mais difíceis são elas que geralmente mostram o caminho certo a seguir, dando provas de um patriotismo sem limites (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 6).

O fragmento acima da entrevista feita com o autor mostra que ele é “um simples africano que quer viver a sua época e pagar a dívida que tem com o seu povo” (SILA, 2021 *apud* BALDÉ & RIBEIRO, 2021, p. 1). Como uma pessoa que ama cuidar do seu povo, principalmente das mulheres, já que é pai de três meninas, Sila impulsiona a busca pela reafirmação do lugar do povo africano no seu território e o lugar das mulheres na sociedade guineense e em toda a África. Entretanto, render homenagem a essas mulheres, que deram suas vidas nas situações mais sombrias em prol da emancipação do povo guineense, poderia merecer mais atenção e reconhecimento do Estado.

De certa maneira, a escrita de Sila (2016) e de Mbonh (2014) reforça a ideia de que os guineenses deveriam resolver as coisas por meio do diálogo, como era feito pelos ancestrais, apresentando temáticas que tentam impulsionar os leitores sempre ao *bom konbersa* para resolver qualquer tipo de *mistida*⁶⁴. Mas, os invasores nunca olharam para os guineenses como gente, por isso, tornou-se difícil qualquer tipo de negociação. Assim, pode-se dizer que a luta pela independência foi um dos atos políticos mais impressionante da vanguarda guineense, com o objetivo de descolonizar as mentes, que, conforme pontua Chinua Achebe: “uma coisa é certa: ninguém vai entrar, se apossar da terra, da pessoa e da história do outro, e depois sentar-se e compor hinos de louvor em honra desse outro. Fazer isso seria chamar a si próprio de bandido” (ACHEBE, 2012, p. 115). Isso mostra que a luta pela independência política dos países africanos não foi somente para a expulsão dos invasores, mas também em

⁶⁴ A fazer (tradução nossa).

busca da reconstrução da identidade cultural africana, que foi desmantelada e humilhada ao longo dos séculos de invasão colonial na África.

Nessas idas e vindas, o que se percebe é que os dois autores têm muitas coisas em comum, em todos os sentidos, tanto no enredo, na temporalidade e espaço, como também no desenvolvimento das suas temáticas, tornando-os únicos. Mbonh (2014) e Sila (2016) constroem uma imagem de nação que busca olhar para o campo social, resgatando memórias de um passado ainda indelével na sociedade guineense. Eles narram a história de uma menina que passou toda a sua juventude lutando contra o jogo colonial e depois viu todo esse sonho desmoronando lentamente por causa de algumas pessoas que decidiram virar as costas a estas mulheres que passaram noites e noites assistindo barbaridades dos invasores no território guineense, como podemos perceber:

eram sempre as mesmas situações de bombardeamento aéreo em que o meu homem aparecia, num primeiro momento, atado de mãos e pés, paralisado no meio de uma lala enquanto os seus companheiros corriam à procura de refúgio na floresta; no momento seguinte surgia uma bomba de napalm seguida de muito fogo a persegui-lo enquanto rastejava em direção à floresta...Depois era um enorme estrondo e uma bola de fogo que comia toda a lala (MBONH, 2014, 74 *apud* SILA, 2016, p. 45-46).

Talvez a única maneira de parar essa violência fosse respondendo com mais violência, uma vez que a Guiné-Bissau nunca foi uma colônia para eles, mas sim um campo de ocupação para sequestrar famílias, transformando os cidadãos guineenses em escravizados. Nesse sentido, sentar na mesa para negociar com os guineenses nunca foi uma opção para os invasores, e as destruições feitas por bombas de napalm justificam esses atos de covardia contra um povo indefeso. Mas, também, foi uma luta que marcou a história de Portugal por causa das humilhantes derrotas que sofreram no solo guineense. Estes, por sua vez, lutaram com bravura enfraquecendo militar, política e diplomaticamente toda a estrutura colonial no solo guineense. Assim, segundo Woollacott (1983), estes fatores:

embora se possa afirmar certamente que as guerras de libertação das colônias portuguesas africanas contribuíram decisivamente para a queda e eventual derrube da ditadura, deve notar-se que a luta não se desenvolveu de modo idêntico em todos os territórios (WOOLLACOTT, 1983, p. 1133).

Todos esses fatos mostram que a luta pela independência nos países africanos, principalmente de língua portuguesa, era contra o sistema invasor e a subjugação política,

econômica e cultural do continente africano. Desta forma, como constatamos que o conto *Negociatas* (2014), do escritor Idy Mbonh, se faz presente no livro *Memórias SOMânticas* (2016), de Abdulai Sila, buscamos entender como isso foi acontecer e o porquê disso. Pode-se questionar, portanto, a noção de autenticidade destes trabalhos sem nenhum tipo de desmerecimento alheio, a não ser que o pseudônimo de Idy Mbonh saia do lugar da onisciência ou Sila nos revele a verdadeira identidade deste senhor ou senhora. Ademais, as obras deles buscam trazer a realidade sociocultural do povo guineense, tendo em conta a forma como essas narrativas são transmitidas através da experiência, como também dos ingredientes da ficção. Neste sentido, “a experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, dentre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 2012, p. 214). Assim, é por meio dessa experiência de ouvir e narrar que os *djidius* da palavra e da escrita transmitem o que foi narrado ou vivenciado, e, quando conseguimos mostrar para o mundo essas experiências, tudo passa a ser simplesmente a arte de narrar o belo ou o trágico, que na tradição africana pode ser entendida da seguinte maneira:

quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala mas porque havia árvores [...]. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as histórias que os mais velhos contavam quando chegaste. Mas não! Preferiste disparar os canhões! (RUI, 1985, p. 12).

A fala de Manuel Rui demonstra que, na tradição africana, a oralidade se configura ainda como um dos pilares para a preservação desta cultura. Nesta ótica, Sila (2016) e Mbonh (2014) trazem o belo e o trágico em suas narrativas com base nas tradições orais. O belo aparece como bravura, honra, acolhimentos e dignidade com que as mulheres, mães, donas dos seus lares lutaram ao longo dos onze anos de uma das lutas de libertação mais implacáveis na história da humanidade. O trágico é a violência e a desumanidade que a população guineense foi submetida ao longo da invasão portuguesa no território guineense, deixando enormes cicatrizes na vivência deste povo até o presente. Neste sentido, Bokar (2003) pontua:

a escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em

tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (BOKAR, 2003, *apud* BÂ, 2003, p. 175).

É importante, assim, lembrar que a escrita e o saber se complementam para que seja possível realizar o registro das nossas memórias. Vale salientar também que estes registros podem ser feitos por meio da tradição oral, ferramenta utilizada pelos africanos para preservar os conhecimentos ancestrais. Como parte do desenvolvimento humano, o escritor tenta recriar, através das suas memórias, um mundo ficcional, tendo em conta as noções de tempo, espaço e de memória, que estão ligadas à noção de vivência, como podemos perceber em um dos pontos que liga o Mbonh (2014) a Sila (2016):

na nossa terra o mês de agosto é sempre um mês difícil. Tanto assim que se impôs a crença de que Agosto é o mês de tudo quanto é desgosto. É o céu que fica todo o tempo coberto de densas, preguiçosas e cinzentas nuvens, chuva torrencial e relâmpago todo o tempo. [...] É também a altura do ano em que há menos comida. As bolanhas e as lalas enfeitam-se de verde, verde prelúdio de fartura, mas as bembas estão vazias. Só o milho abunda. As bentanas também, que dão ao kanfurbat, com ou sem sukulbembe, um sabor único (MBONH, 2014, p. 69).

De modo semelhante, percebe-se o mesmo conteúdo em Sila (2016) quando a voz da narrativa afirma que: “Na sua terra chove demasiado em Agosto, sem parar quase todo o mês, mas aqui fiquei com impressão de haver um buraco no céu, tamanha é a quantidade de água que cai. É chuva todo o dia, toda a noite” (SILA, 2016, p. 41). Ademais, as duas narrativas iniciam com um panorama geográfico e cultural das duas Guiné situadas na costa ocidental da África. Os autores mostram como é difícil viver na época chuvosa no solo guineense, mesmo sendo um país de clima tropical e úmido. A trovoadas de agosto em Guiné é tão pesada que não permite nem a possibilidade de uma plantação. Outro fator que é notório entre os dois autores é a questão do trânsito e da resistência que as mulheres mostraram na defesa e libertação do povo guineense da barbaridade colonial:

quando cheguei a Conacri em pleno mês de Agosto, sabia que as coisas não iam ser fáceis, mas não podia imaginar que fossem tão complicadas. [...] Os mosquitos não dão sossego a ninguém. O Idi Amin devia ter alguma razão ao condecorá-los como heróis, os únicos que lutaram do primeiro ao último dia contra o invasor europeu (MBONH, 2014, p. 69-70 *apud* SILA, 2016, p. 41).

Neste sentido, constata-se que, na Guiné-Bissau, sempre ouve a resistência dos povos locais contra a invasão portuguesa, inclusive via diálogo. Porém, essa estratégia do diálogo não teve sucesso por causa da arrogância dos invasores portugueses, resultando posteriormente na queima de pólvoras, como podemos perceber na fala de Mendy:

depois da restauração da independência de Portugal, em 1640, o esforço determinado de incorporar o território num império informal encontra os chefes locais igualmente decididos a resistir à usurpação dos seus poderes e privilégios (MENDY, 1994, p. 29).

Isso vai ser percebido no livro *Mistida* (Trilogia) do escritor Abdulai Sila. O régulo da província de Quinhamel vai questionar sobre os impostos que o sistema colonial português impôs abusivamente no solo guineense sem consultar os regulados da região do Biombo, a exemplo do fragmento a seguir:

os Homens-Grandes diziam que dantes, quando o branco chegou, ele é que pagava impostos ao preto. Agora os pretos é que pagam. As coisas mudaram. Porque? [...] Tudo o que preto quer na terra dele tem que ter autorização do branco. Não gosta de uma tabanca, quer viver no outro sítio? Precisa de autorização. Quer ir para o fanado? Só com autorização. Quer visitar a família numa outra terra? Tem que retirar guia. E ainda por cima tem que pagar sempre o imposto, é bom não esquecer. Se continuar assim, qualquer dia o preto vai precisar também de uma autorização do branco para morrer. É preciso encontrar uma saída (SILA, 2002, p. 64-65).

A nossa história está sendo contada aos poucos, mesmo sendo, na maioria das vezes, de forma ficcional. Contudo, o que vale é que ela está sendo reescrita por *fidjos de tchon*⁶⁵. Nela, o passado guineense não se tornou algo distante, por isso, deve ser relembraada sempre como um valor e força simbólicos, como afirma Pierre Bourdieu, no seu clássico livro *O Poder Simbólico* (2010). O filósofo mostra como alguns poderes são ignorados em detrimento de outros, principalmente, no requisito violência simbólica. Apesar de opressões e violências, os guineenses nunca baixaram a cabeça para o regime colonial. Talvez seja isso o motivo de tanta violência com as populações locais. Essas violências não intimidaram de modo algum os nossos camaradas, gerando, pelo contrário, um impulso para a revolta que se deu em várias frentes, conforme aponta a fala de Dabana Namone:

⁶⁵ Nativos (tradução nossa).

essa resistência se deu em diferentes períodos e localidades, entre os quais podemos destacar: (a) a invasão do grupo étnico Papéis de Itim, Antula e Bandim (bairros periféricos da capital Bissau), que uniram com os Balantas de Cumeré, para assaltar a praça (centro) da capital. Essa invasão foi registrada em 1893. (b) A resistência de “Infale Sonco” – rei da etnia Beafada, que controlava o território que atualmente compreende grande parte de região de Oio, localizado no norte de Guiné-Bissau. Sonco antes era aliado dos colonizadores, mas depois recusou a obrigação de pagar os impostos de palhota, por motivos não revelados. Após ter percebido que os colonizadores tentaram invadir o seu território à força, ele reagiu com violência, entrando em confronto direto com os portugueses. Como a resistência era lutar para manter a soberania territorial, Sonco logo conseguiu facilmente mobilizar outros chefes locais próximos a ele, que uniram-se na luta para impedir a invasão dos portugueses. Por outro lado, ele atacou outros chefes locais leais aos colonizadores, como forma de impedir o apoio deles aos portugueses. Também interditou todas as navegações dos colonizadores no rio Geb, com forma de impossibilitar o trânsito marítimo entre a capital Bissau e a segunda capital Bafatá. (c) Entre 1908 e 1909, os Beafadas de “Quinará” (uma região localizada no sul do país), também reagiram à ocupação dos seus territórios pelos colonizadores e incendiaram as palhotas quase até Bolama, antiga capital de Guiné-Bissau. (d) Outro grupo étnico que declarou guerra contra os colonizadores portugueses foi o “Manjaco”, que sempre não admitiu a permanência colonial no seu território, localizado na região de Cacheu, norte da Guiné-Bissau. (e) O grupo étnico “Balanta” por seu lado, também resistiu à presença da autoridade portuguesa na sua região, que compreende grande parte de “Oio”, algumas partes de “Cacheu” e “Bafatá”. Apesar dos portugueses terem estabelecidos um posto militar em Porto “Goli”, lugar estratégico deles no Oio, de vez em quando os Balantas preparavam ofensivas silenciosas a este aquartelamento. (f) Em 1900, o grupo étnico “Bijagó”, morador das ilhas do mesmo nome, foi o primeiro a entrar em conflito armado com os portugueses e viria também a ser último conquistado, isto é, em 1936. Esse grupo, principalmente os habitantes da ilha de “Canhabaque” resistiram durante todo esse período a dominação colonial e ao pagamento do imposto de palhota. (g) Para além desses grupos étnicos, acima mencionados, os Felupes de Susana e Varela, Oincas de Oio, Fulas pretos de Gabu e outros, registraram fortes resistências ao pagamento do imposto de palhota (NAMONE, 2013 *apud* MENDY, 1994, p. 62-64).

A literatura e a história tiveram um papel extraordinário no processo de emancipação da luta armada na Guiné-Bissau, como também em toda a África. Os escritores africanos buscam, nesta memória, resgatar valores de um passado. Como afirma Edward Said (1995), “os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo [...] trazem dentro de si o passado como cicatrizes de feridas humilhantes” (SAID, 1995, p. 269), denunciando a violência colonial no continente. As resistências elaboradas por Guiné fizeram com que a repressão e a violência, tanto aéreas quanto terrestres, aumentassem em todo o seu território e perdurassem até os momentos finais da luta. É importante salientar que a luta pela independência da Guiné-

Bissau foi um dos fatores para a emancipação de todos os PALOPS⁶⁶ contra o sistema de invasão português na África.

Fanon (1979) afirma que esses fatores vão constituir uma “literatura de combate” (FANON, 1979, p. 193). Isso significa que a literatura serviu como um arsenal de produção de novas estratégias na luta contra os invasores. Ademais, Sila (2016) vai ao encontro desse desejo de viver em uma nação onde a justiça social e a liberdade sejam dignas dos seus cidadãos. O autor presenteia o povo com uma narrativa memorialística e historiográfica, um olhar de esperança no futuro, por meio da sua escrita literária, como podemos perceber:

quer se reconheça isso publicamente ou não, quem cria ficção, seja ela sob a forma de literatura, teatro ou cinema, tem, entre vários outros, um objetivo particular: provocar alguma mudança, exercer alguma influência sobre o leitor ou espectador por forma a incitá-lo a interessar-se por certos assuntos, a aceitar ou rejeitar certos valores ou atitudes, a agir para atingir fins bem definidos. É ‘vender’ ideias, esperando que se transformem em ideais, ou seja, que haja alguém que se reveja na conduta, comportamento, sonhos e ambições dos protagonistas ao ponto de se sentir instigado a abraçar e, se possível, apropriar-se delas. No nosso contexto atual, todos os criadores de arte são chamados a contribuir para que a promessa de uma nação de paz e progresso seja concretizada o mais rápido possível (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p.8).

Sila (2021) busca compreender e falar do passado, mas também despertar a nova geração, por meio das suas narrativas, a ter um olhar crítico em relação aos acontecimentos do presente. Ao vender ideias que possam incentivar os seus leitores a terem mais força, ambição e perseverança no ato de sonhar, numa época em que os percursos da vivência se caracterizam por um futuro incerto, o autor acaba impulsionando a busca também por justiça social e pela conscientização das pessoas para o desenvolvimento da nação. Considerando o passado e trabalhando o presente, o futuro, talvez, possa ser garantido com respeito e valorização das nossas tradições e costumes.

Para Ellen Caroline Oliveira Lima,

[...] a literatura bissau-guineense está intimamente ligada à sua história. Nela estão representados os grandes acontecimentos que marcaram o país: colonização, luta de libertação nacional, período de pós-independência seguido principalmente pela guerra civil, golpes de Estado e problemas socioeconômicos, além de questões culturais. Desse modo, história e ficção estão tão intimamente relacionadas que, não poucas vezes, torna-se difícil

⁶⁶ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

perceber as fronteiras que separam o texto literário da realidade dos fatos (LIMA, 2016, p. 95).

As histórias que marcaram a vida guineense são contadas metaforicamente nos escritos de Abdulai Sila e seu pseudônimo Iby Mbonh. A estrutura narrativa das obras dos dois se configura como uma ficção de cunha realista, embebida por um sentimento de pertença. Percebe-se na escrita dos dois o reconhecimento e o valor dado à sabedoria na cultura africana.

Assim, torna-se necessário frisar que, na conversa que tivemos com Sila via *WhatsApp*, ele confirmou que Iby Mbonh é escritor guineense, porém o seu nome não pode ser revelado ao público e ele não fornecer dados para encontrar a sua biografia. O mais curioso é que o conto do pseudônimo aparece no capítulo V do livro *Memórias SOMânticas*, trazendo a mesma narrativa da personagem principal da obra de Sila.

O nome do conto de Iby Mbonh surgiu depois de várias negociações da personagem durante sua estadia em Conacri, dando, assim, ênfase ao título *Negociatas*. A primeira negociação é quando ela decidiu aprender a língua süssu de Guiné-Conacri e, em troca, ela ensinaria a língua crioulo de Guiné-Bissau para a recepcionista. A segunda negociação aconteceu na divisão da cama de dormir, que depois de um vai e vem decidiram negociar de forma ordeira. Tendo em conta a importância da oralidade dentro de Guiné-Bissau e do seu arcabouço cultural, não poderia ser de outra forma o término dos conflitos que a deixavam mal. Esse uso da oralidade dentro do texto literário está relacionado com a partilha de um sentido, uma ligação comum que une as populações de Guiné-Bissau, mas principalmente resgata traços das culturas africanas.

Ao se desviar do modelo tradicional de literatura, Sila (2016) e Mbonh (2014) buscam suporte na tradição local, mesmo usando a ferramenta de “escrita do opositor”, com um olhar inovador entre o tradicional e o moderno. Por este motivo, a narrativa ficcional e ensaística deles caminham para o resgate do passado, projetando um novo futuro e ampliando os elementos do presente. Assim, pode-se dizer que os autores em questão podem ser entendidos como representantes e intérpretes de seu tempo por estarem atentos aos desafios da modernidade.

No entanto, um dos pontos importantes para compreender Sila (2016) e Mbonh (2014) é a intertextualidade. Eles são especialistas nesta forma de escrita na literatura guineense. Por inserirem o leitor no texto, com alusão, citação e referência, de uma forma ousada e

inovadora, utilizando os seus escritos de uma forma crítica, mostram que um texto literário é influência ou continuação de outros, como é o caso de *Memórias SOMânticas* (2016), segundo afirmação do autor:

o enredo foi concebido como parte de uma trilogia, cuja primeira peça foi o romance 'Mistida', que foi publicado em 1997. Depois, logo no ano seguinte, ocorreu uma guerra civil que deitou quase todos os meus planos individuais abaixo. Particularmente afetados foram os meus projetos literários, tanto assim que só voltei a publicar quase dez anos depois, e uma peça de teatro, não o romance que estava programado. Esse só veio a ser editado quase vinte anos depois, com uma profunda revisão. A memória entretanto tinha ficado mais 'pesada', menos romântica (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 5).

É assim que surgem as referências mais remotas para as *Memórias SOMânticas* (2016) de Sila. No livro, o autor discute e filosofa sobre tudo que se fazia no período da luta, porém, utilizando-se também do humor, em alguns momentos, ao examinar a sociedade por dentro e por fora. Assim, torna-se importante frisar que os valores e as ideologias do artista contribuem para o conteúdo presente na obra, principalmente quando as modalidades de comunicação influenciam bastante na forma de produzir conteúdos. Esse engajamento político de Sila se dá justamente na busca de uma autonomia diante do olhar colonial, denunciando a segregação e as novas formas de dominação na sociedade guineense e na África. Portanto, a literatura de Sila parte das suas vivências dentro de um processo de disputa, chamando atenção também para a necessidade de uma África realmente pós-colonial, livre da corrupção e da ganância.

5.2 A RELAÇÃO ENTRE SILA E CABRAL EM BUSCA DA JUSTIÇA SOCIAL

Dizem, na Guiné-Bissau, que a primeira impressão é sempre a que fica em relação ao outro, mesmo que seja algo em construção. Tomando por base esse princípio, de uma maneira mais crítica, as obras de Abdulai Sila nos apresentam o contato do nacional com o invasor, do nacional com o estrangeiro e do nacional com o nacional, bem como a variação entre fatores históricos, a exemplo de tempo/espaço narrados de forma ficcional, mas com um cunho realista. Assim, definir a identidade cultural bissau-guineense não é uma questão fácil. Diante

de um mosaico étnico-cultural de mais de 28 grupos, quando se pretende entrelaçar o conceito de literatura com as ideias de nação e memória, a questão se torna mais ampla e complexa.

Neste sentido, torna-se indispensável falar do arquiteto desta afirmação de identidade, na qual nos debatemos hoje, que é Amílcar Lopes Cabral, um homem além do seu tempo, que sempre falou e escreveu em uma linguagem simples para ser compreendido pelas pessoas humildes, pois via sua fala e escrita como uma arma contra os mecanismos de dominação social. Por ser um defensor e crítico de todas as formas de opressão, Cabral conseguiu transportar um ideal de liberdade para os seus livros, com olhos de repórter sensível, o que originou uma renovação temática próxima daquela que os independentistas deveriam promover.

Nesta perspectiva, a experiência pessoal de Amílcar Cabral com o processo de ensino colonial português em Cabo Verde como também na Guiné-Bissau permitiu-lhe desenvolver um pensamento crítico em relação à ideologia que esse projeto educacional tentava transmitir, causando impactos e consequências na vida do estudante africano. Para Cabral,

toda a educação portuguesa deprecia a cultura e a civilização do africano. As línguas africanas estão proibidas nas escolas. O homem branco é sempre apresentado como um ser superior e o africano como o inferior. As crianças africanas adquirem um complexo de inferioridade ao entrarem na escola primária. Aprendem a temer o homem branco e a terem vergonha de serem africanos. A geografia, a história e a cultura de África não são mencionadas, ou são adulteradas, e a criança é obrigada a estudar a geografia e a história portuguesa (CABRAL, 1978, p. 64).

Por isso, o regime português nunca se simpatizou com a ideia de acesso dos africanos ao ensino superior, procurando evitar a formação de uma elite que, depois, desencadeasse ou acelerasse a luta pela independência nos territórios invadidos.

As experiências e os conhecimentos adquiridos na Guiné-Bissau e em Angola, aliados às correntes ideológicas, políticas e culturais, que marcaram o mundo na segunda metade do século XX, como o marxismo-leninismo, a Negritude e o Pan-africanismo, formam a base que permitiram o engenheiro Amílcar Cabral construir e desenvolver um projeto político cultural, adaptado ao contexto africano, em particular ao de Guiné-Bissau e Cabo Verde. Esse projeto coadunava-se completamente a ideais em defesa da liberdade, igualdade, justiça social e uma proposta de educação que abrangia todos os grupos sociais, com o objetivo de fazer o homem guineense e caboverdiano parte integrante da globalização.

A literatura, como meio de transformação e humanização, dialoga com vários saberes. Ao se sustentar na composição da trama ficcional, o autor se vale de aspectos históricos, sociais, culturais da época e do local, que intrigam e acabam sendo identificados pelos leitores. A noção de memória e história, muitas vezes, é confundida e, com isso, cabe a nós, críticos da literatura, cultura e história, através dos mecanismos que estão à nossa disposição, fazer uma análise cuidadosa e comparativa desses dois campos das ciências humanas, estabelecendo diálogos com outros profissionais de áreas afins também.

Nesse sentido, podemos encontrar, na escrita de Sila, um arcabouço suficiente e interessante para a produção de um trabalho científico, com ampla informação dos fatos e acontecimentos de figuras das diferentes camadas sociais, além de situações, adrenalinas e emoções, elaboradas pelo autor, que se apresentam como mensageiras da emancipação, levando força e virtude para as várias frentes de luta, em prol do respeito, igualdade social e de gênero na sociedade guineense.

Diante da proximidade dos textos com a representação do real, a produção literária de Sila constitui-se como testemunho social, oportunizando ao leitor e aos fazedores das artes o contato com um olhar sobre os indivíduos guineenses e a atuação deles dentro da sociedade africana. Contudo, a harmonia ou a ligação das tramas ficcionais se sustenta pela memória que, na literatura, interliga passado, presente e futuro. A ficção é, ao mesmo tempo, uma narrativa de viagem e uma história de vida, uma narrativa do eu. As produções do autor, à medida em que proporciona prazer, levanta também os questionamentos sobre o *modus operandi* que usufruímos desde a libertação da nossa nação até meados de hoje. Os personagens que foram protagonistas da nossa história também se deixaram levar pelas intrigas pessoais em vez de pautarem união e coesão.

Como um escritor e pensador que se enquadra em várias facetas da vida sociocultural guineense, Sila busca refletir e tensionar, em suas narrativas, os debates sobre a cultura e o papel social e político dentro do contexto bissau-guineense. Esse debate se alarga também ao contexto africano e mundial, tendo em vista os desafios da globalização; o que proporcionou Sila carregar e levantar a bandeira do “discurso das minorias”, como afirma Homi K. Bhabha (1998). Percebe-se que a escrita de Sila é uma cartografia dos acontecimentos e transformações que marcaram a sociedade guineense na fase colonial e pós-colonial, trazendo para o centro do discurso as desilusões de poder face aos ideais revolucionários do PAIGC que suportaram o processo de luta armada contra os invasores portugueses no território guineense, que é:

[...] a concretização de um sonho coletivo. É um sonho que se vive à plena luz do dia, em cada dia que o sol nasce. É um sonho que se afirma num quotidiano prenhe de incertezas, em que a vida e a morte despidoradamente se abraçam e a percepção do tempo requer imagináveis habilidades mentais (SILA, 2016, p. 73).

Esse sonho que muitos almejam acabou por se concretizar com a conquista da independência contra os invasores portugueses, mas o tão esperado sonho de viver em liberdade e paz passou a ser um pesadelo para todos, principalmente para aqueles que sobreviveram às bombas de napalm. O que parecia caminhar para um marco histórico e memorável para vida dos guineenses acabou por desmoronar pela incompetência daqueles que fizeram da nossa democracia e administração uma verdadeira arena de corrupção e nepotismo. Em vez de pautarem a legalidade, como dizia o patrono da nossa independência, Amílcar Cabral, acabaram por priorizar camaradagem em vez de competência, o que acabou por comprometer todo o nosso sistema de administração pública, fazendo-o refém de uma certa minoria que controla o nosso ir e vir dentro da sociedade guineense. Para Sebastião Marques Cardoso e John Jefferson do Nascimento Alves:

a obra de Abdulai Sila se descortina delineando no âmbito da teoria e da história literária africana categorias para além das supracitadas, sendo importante levar em consideração que o isolamento de algumas delas, embora necessário do ponto de vista do recorte teórico-acadêmico, não passa de um imperativo didático (CARDOSO & ALVES, 2018, p. 169-170).

Percebe-se que Sila, ao navegar neste mar, entende que a “valorização da obra é a técnica de narrar, que conforme o gênero literário tem exigências próprias” (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 3). Assim, as abordagens interdisciplinares sobre a literatura, nação e classe, como costuma especificar em suas narrativas de cunho realista, podem ser observados quando fala sobre os mecanismos para a construção das suas narrativas, como podemos perceber:

a construção é feita na base das observações diárias que faço, da interpretação subjetiva de acontecimentos e de fenômenos que ocorrem no quotidiano, dos sonhos, das frustrações de pessoas com quem convivo e, em alguns casos, das minhas próprias ambições, desejos e insucessos... (SILVA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 7).

Abdulai Sila parte de uma perspectiva guineense que engloba olhares multifacetados, como gestos, sentimentos, memórias e outros, que, muitas vezes, é ignorada pela tradição canônica dos estudos literários no que diz respeito à compreensão dos dois mundos. Ainda nesta perspectiva, Bâ (1986) vai afirmar que, mesmo com a impossibilidade de traduzir algumas coisas na tradição africana, “existem coisas que não se ‘explicam’, mas que se experimentam e se vivem” (BÂ, 1986. p. 182). Nesta ótica, só um conhecedor da matéria ou sujeito que presencie esses atos que consegue explicar ou traduzir os acontecimentos que, às vezes, a escrita literária não consegue dar conta, como, por exemplo, a cerimônia de *toka tchur*⁶⁷, leituras de *corá*⁶⁸, circuncisão masculina e etc.

Portanto, a escrita de Sila, como também a de outros guineenses, africanos e afro-brasileiros, vão na contramão do pensamento cartesiano, trazendo para o centro do debate as questões relacionadas às suas vivências, privilegiando histórias contadas pelos próprios guineenses e africanos, usando os mitos e ritos em suas narrativas para derrubar os muros impostos pela cultura ocidental em relação à cultura africana. É uma escrita que permite aos guineenses e demais leitores das culturas africanas identificarem elementos que parecem tão distantes, mas são próximos deles.

⁶⁷ É uma cerimônia que se faz quando um ancião ou anciã deixa o mundo dos vivos (tradução nossa).

⁶⁸ Também, uma cerimônia que os muçulmanos fazem quando uma pessoa já adulta deixa o mundo dos vivos (tradução nossa).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atento às questões socioculturais do seu país, como também do mundo, pode se dizer que Abdulai Sila é um escritor contemporâneo que oferece ao seu leitor várias obras-primas, como o romance *Memórias SOMânticas* (2016), uma fortuna crítica concentrada nas problemáticas pós-coloniais, da diáspora, da memória e da vitalidade da mulher guineense. Esta obra deixa o leitor com a “sensação de quero mais”. Isso se explica devido à estrutura dada à obra pelo autor, ou seja, quatorze histórias em que uma se encaixa na outra. Ao final da leitura, fica no leitor aquela vaga sensação de que a narrativa daria mais capítulos dentro da obra.

A palavra-chave para descrever *Memórias SOMânticas* é a renovação da vida. Uma renovação que se faz pela escavação histórica com o propósito de ressignificar o discurso hegemônico; que somente é possível através de uma literatura que combate a história única (ADICHIE, 2019) e seus perigos. Por isso, Sila escancara as sequelas pós-coloniais vividos pelos guineenses, principalmente em defesa daqueles que dedicaram suas vidas pela tão sonhada luta de libertação contra o regime português durante onze anos; algo que desmoronou nas mãos dos próprios independentistas do PAIGC por falta de cuidados básicos.

É importante ressaltar que a multiplicidade discursiva presente em *Memórias SOMânticas* nos mostra a convivência entre a tradição escrita e a oralidade guineense, trazendo o panorama histórico do processo de independência conjugado com o atual cotidiano pós-colonial guineense. Por conseguinte, o autor aborda o passado colonial, a posição feminina na sociedade, as histórias dos mais velhos, entre outros temas ambientados num espaço em trânsito, de *gandal e djokerendan*⁶⁹ entre os povos que constituem o mosaico étnico-cultural bissau-guineense.

Ademais, percebe-se que Sila faz a catalogação das suas narrativas em sujeitos fragmentados pelas guerras, pelo jogo colonial e pela pós-colonização, retratando uma sociedade guineense em processo de transformação constante, tendo em conta os constantes embates com o tradicional. Por isso, é perceptível, nas suas obras, os recursos da oralidade dialogando com a escrita naturalmente, sem perda cultural. As andanças, nas quais a oralidade e a escrita se cruzam, delimitam fronteiras culturais de uma sociedade guineense pós-colonial, mas com as marcas do colonialismo ainda muito latente nas identidades culturais de um povo

⁶⁹ Sabedoria e união faz a força ou respeito e solidariedade (tradução nossa).

que se reinventa numa literatura de cunho e compromisso social, como no caso de *Memórias SOMânticas* de Abdulai Sila.

Neste sentido, percebe-se que Sila carrega o fardo de um *djidju* ao se comprometer com a sociedade guineense, ecoando as vozes múltiplas da vida social. Suas narrativas assumem um ideal popular, pois as personagens são gente do povo e falam a língua do cotidiano. No entanto, se a função dos *djidju* é transmitir o conhecimento por via das palavras, pode-se dizer que Sila é um *djidju* tradi-contemporâneo, como ele mesmo afirma: “numa sociedade caracterizada pela oralidade, os anciãos não são só os fiéis depositários da sabedoria popular, mas também guardiães dos bons hábitos e costumes” (SILA, 2021 *apud* BALDÉ; RIBEIRO, 2021, p. 9).

Para Ki-zerbo (2010),

a oralidade não é apenas uma fonte que se aceita por falta de outra melhor e à qual nos resignamos por desespero de causa. É uma fonte integral, cuja metodologia já se encontra bem estabelecida e que se confere à história do continente africano uma notável originalidade (KI-ZERBO, 2010, p. 35).

Ki-zerbo nos chama atenção não só pela importância que a palavra falada tem nas sociedades africanas, mas também pela sua interdisciplinaridade ao dialogar com outros saberes, que, na maioria das vezes, são colocados no lugar de inferioridade. Ademais, essa interdisciplinaridade lhe permite educar, ressignificar e reinventar as formas de falar, agir, viver, aprender, desaprender e reaprender com base nos ensinamentos milenares deixados pelos ancestrais.

Assim, todo o discurso literário, em especial das narrativas orais, possibilita o autor a ampliar os limites entre sociedade e arte, desestabilizando as fronteiras da verdade, do presente e do passado, para questionar a ordem natural das coisas. Posto isto, ao refletir sobre o presente e colocar o futuro prometido em tensão com o passado, Sila acena claramente para as relações entre o dito e o vivido, por isso, “têm que diariamente carregar o pesado fardo da responsabilidade imposto pelo compromisso com a memória” (SILA, 2016, p. 95).

Sila busca em *Memórias SOMânticas* não reproduzir os eventos que marcaram o processo colonial e pós-colonial, mas sim responsabilizar os homens pelas suas ações, suas interferências individuais e sociais no tempo e espaço. Em outras palavras, a literatura de cunho realista de Sila expressa a mentalidade de uma época ou de determinados grupos sociais. E por ser uma representação da sociedade, a obra contribui de uma forma especial

para repensarmos uma série de elementos dentro do mosaico sociocultural bissau-guineense. Representação que fica estampada na capa do livro por meio de uma antena com frequências sonoras e *SOMânticas*, aludindo metaforicamente ao dia a dia dos guineenses. Ao trazer para sua escrita uma parte da história da Guiné-Bissau, o autor opõe-se, de maneira firme, à opressão pós-colonial. Assim, temos em Sila uma escrita que resiste aos golpes lançados pela longa tradição literária colonial, resgatando os costumes e tradições de seu povo, reconfigurando e ressignificando a identidade nacional, além de mostrar a força da mulher guineense na construção de todo esse processo de emancipação feminina e das desigualdades sofridas por elas, tanto em solo guineense quanto nas diásporas. Essas desigualdades, por sua vez, são propiciadas pelos modelos patriarcais perpetuados pela condição colonial, que deixou uma forte herança de silenciamento e exclusão, como podemos perceber:

às vezes sinto como se a vida estivesse de novo a fugir de mim. A noite chega sem o dia acontecer, os momentos de distensão diluem-se no pranto da kikia, sinistro, revoltante. O vento, esse sopra sempre fraco e distante, receoso das ondas de kibir-kabar que pairam no ar... (SILA, 2016, p. 113).

A partir dessa experiência de relacionamento com a obra *Memórias SOMânticas*, foi possível compreender as questões de gênero enquanto uma posição social a qual ocupamos culturalmente, sendo que essa posição tem suas especificidades locais e também suas abrangências globais. Pensar nas diferenças e semelhanças entre culturas é aprender que fazemos parte de um mesmo sistema que aprisiona, do qual só seremos libertados a partir do conhecimento e da responsabilidade, sem fugir das armadilhas que a vida nos oferece.

Outrossim, *Memórias SOMânticas* é uma crítica ao sistema pós-colonial que herdou dos invasores as formas de governação que não se coadunam com a realidade sociopolítica bissau-guineense, tendo em conta as oportunidades que estes tiveram para mudar o cenário político nacional.

Por este motivo, classificamos a obra de Sila como uma convocatória aos guineenses para refletirem sobre as fissuras vividas no país. O autor mostra a Guiné-Bissau sem maquiagem, sua diversidade cultural, seus dramas e tragédias, num enredo emocionante que fissa o leitor a todo momento. Assim, acreditamos ter tocado nos pontos da obra *Memórias SOMânticas* que revelam a dificuldade nos assuntos que a literatura versa em relação ao real.

Inicialmente, apresentamos a relação de Sila com o mundo literário nacional e internacional, como também o contexto em que a obra *Memórias SOMânticas* foi escrita, após

diversas tentativas de deslegitimar a literatura e a cultura guineense. Sila é um escritor que não se submete à situação atual do país, trazendo diversos questionamentos que desconstruem intransigências estabelecidas pela política de governação pós-colonial na sociedade guineense.

Para Augel (2005),

a literatura que se tem produzido em Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau – e não só, se pensarmos em outros países historicamente herdeiros da descolonização – é geralmente caracterizada como literatura pós-colonial, o que pressupõe e subentende um discurso de resistência às ideologias colonialistas. O pós-colonial é um conceito de múltiplas significações, devendo ser entendido aqui como expressão de uma produção tanto ficcional ou poética quanto teórica que espelha e questiona essa herança e as relações dentro dos binômios colonizador/colonizado, centro/periferia, primeiro/terceiro mundo (AUGEL, 2005, p. 116).

Neste sentido, as narrativas literárias passam a ser vistas como elementos estruturantes de experiências sociais de homens e mulheres nas tramas do cotidiano, como acontece com as narrativas de Sila em relação à sociedade guineense. Assim, estas abordagens dão voz às narrativas africanas escritas nas línguas dos colonizadores, afrontando os discursos pós-coloniais e trazendo à tona as problemáticas dessas sociedades. Ou seja, a literatura é responsável por causar grande impacto na sociedade e ajudar a construir uma identidade nacional. Por isso, é de extrema importância a valorização da literatura no processo de descolonização, o qual deixou marcas irreparáveis nos países do continente africano, sendo refletidas dentro das narrativas ficcionais que compõem o sistema literário africano, como podemos perceber na fala de Sila (1995):

[...] a partir de agora, quem quiser contar passadas verdadeiras ou falsas, reais ou fictícias, que o faça livremente, verbalmente ou por escrito. Pode ser por fax ou por correio eletrônico, mas, por favor, sem acrescentar sal, nem tirar mulu! Nem no princípio, nem no fim! (SILA, 1995, p. 162).

Uma liberdade de contar *passadas* mesclando crioulo com a língua do outro, através de uma interlocução com leitor, proporcionando um diálogo interativo entre o texto escrito e as narrativas orais. É assim que Sila amplia o horizonte de compreensão da escrita e da oralidade no cenário da globalização com as particularidades da cultura guineense, mantendo a tradição oral viva com ironia e bom humor. Essa característica no fazer literário é encontrada também no conto *A lebre, o lobo, o menino e o homem de pote* de Odete Semedo (2000), a qual volta

às tradições para contar histórias dos animais que refletem a vida social dos seres humanos, como também denota a importância da tradição oral na resignificação da identidade cultural bissau-guineense.

Memórias SOMânticas (2016) de Sila surpreende o leitor pelo inacabado da obra, mas não pelo desfecho. Isto ocorre por ser um romance cujo fato histórico é “conhecido”, isto é, a guerra de independência contra o regime opressor português na Guiné-Bissau. Por outro lado, a escrita de Sila traz para o presente a narração e a descrição do comportamento desumano e injusto do sistema colonial herdado pelos independentistas em relação ao povo, deixando o leitor revoltado com o abuso de poder de um governo ditatorial, que se consagra como a geração do concreto.

Ao findar este trabalho que está longe de zerar todas as interpretações que a obra nos permite e possibilita, foi possível perceber, em *Memórias SOMânticas (2016)*, que Sila faz, por meio da narrativa memorialística, uma denúncia da condição social a que estavam submetidos os sobreviventes da guerra de independência, principalmente as mulheres: violência, miséria, fome, falta de identidade e de liberdade após o processo de luta de libertação nacional.

Como embaixador da cultura guineense, apesar de não ter o reconhecimento digno do Estado guineense, Sila utiliza a oralidade, representada por vocábulos ou expressões de línguas locais ou palavras de língua portuguesa, adaptadas ao contexto guineense, para a (re)construção da identidade das personagens e, conseqüente, revitalização da memória cultural coletiva. Por isso, suas narrativas tocam a questão da identidade num mundo onde as fronteiras se deslocam e o futuro continua indefinido. Como *djidjiu* de caneta, Abdulai Sila participa do processo de recuperar e redefinir os valores culturais guineenses. Neste processo de preservar a memória e a história coletiva, a linha entre ficção e história não é clara, pois o escritor reinventa e reinterpreta através de uma construção narrativa que desafia, juntando “não apenas as suas identidades culturais, como também a reescrita histórica de suas realidades e a disposição relacional entre oralidade, performance e escrita” (QUEIROZ, 2012, p. 378). Reinventar é dar voz aos silenciados, por isso, ao longo desta tese, foi possível compreender como se deu a construção da imagem da mulher ao longo da história da humanidade e o quão difícil foi a trajetória delas na construção de uma nação livre e na conquista de espaços na sociedade guineense.

Conclui-se, assim, que a escrita de Abdulai Sila, em *Memórias SOMânticas (2016)*, busca desconstruir barreiras impostas entre a elite e a classe operária, fazendo chegar a sua

literatura, marcada pela metalinguagem, ironia, intertextualidade e autorreflexão sobre a questão de gênero, dos subalternizados e da questão feminina em geral, em todas as classes socioculturais. Ademais, fechamos esta tese com o sentimento de contribuição para aqueles que buscam ressignificar os estudos em torno das literaturas e culturas bissau-guineense e africana, como também em prol do fortalecimento da lei 10.639/03, que obriga as escolas a ensinarem sobre a história e a cultura afro-brasileira no Brasil.

No entanto, as narrativas eram SOMânticas porque sempre estava em soma com outras vozes em movimento. Por isso, o leitor é levado para diferentes espaços geográficos dentro do romance, que vai de Bissau-Conacri-Bissau.

Nesta caminhada de guerrilha, a narradora consegue resgatar as tradições, as lendas e os costumes dos guineenses, os quais vão dando origem à formação da identidade do povo. As várias vozes se juntam para compor as histórias que são contadas por ela, que vai se descortinando ao longo do romance. A África é um continente empobrecido pela miséria, pelo analfabetismo, pelos conflitos armados, pela precariedade da vida, mas isso não impede o lugar de fala e do sonho, que pode ser abrigado pela literatura.

Outrossim, a escrita de Sila nos oferece caminhos para a compreensão do contexto histórico, geográfico e político da fundação do Estado guineense, além de oferecer novos olhares e conhecimentos para a promoção da igualdade racial, de gênero, justiça e coesão social. Por isso, a obra está carregada de personagens femininas na trama da história: elas têm consciência não só da sua condição desumana, a que são impostas, mas também da situação em que outras mulheres africanas se encontram por estarem sujeitas à desigualdade social, advinda do poder do patriarcado herdado do império colonial português.

Neste sentido, acreditamos que conseguimos apresentar, de uma forma mais clara, uma possível análise da obra em questão tendo por base discussões contemporâneas e pertinentes sobre o mosaico social, cultural e literário bissau-guineense. Com tais reflexões, esperamos ter sustentado suficientemente a possibilidade de mostrar que a obra de Sila traz uma demonstração das instâncias da realidade social guineense. Sendo assim, esta tese parte de uma voz natural, autoral de um nativo que busca, por meio da literatura, compreender ainda mais o seu mosaico sociocultural.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico**. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Tradução de: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma História Única**. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 31 mai 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade: Feminismos Plurais**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Jonh Jefferson do Nascimento. **Narrativas Pós-Colonialistas: A Representação do nacionalismo guineense em Abdulai Sila**. Pau dos Ferros, RN, 2018. 155p. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/Defendidas%20em%202018/arquivos/4696jonh_jefferson_do_n._alves_final.pdf. Acesso em: 12 ago. 2020.

ALVES, Flávia da Silva; TIMBANE, Alexandre António. A literatura feminina no período pós-colonial na Guiné-Bissau: Uma análise das obras de Odete Semedo. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem**. v. 10, n. 1, 2022. Dossiê: Tecendo memórias, preservando heranças, iluminando caminhos: vozes femininas nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/5827/4426>. Acesso em: 29 out. 2022.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes de. **História e Historiografia africana**. Entrevista com o Prof. Dr. Elikia M'Bokolo. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/50912/24914>. Acesso em: 08 dez 2021.

AUGEL, Moema Parente. Desafios de Ensino Superior na África e no Brasil: a situação do ensino universitário na Guiné-Bissau e a construção da guineidade. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 15, 2009. p. 137-159.

_____. **O desafio do escombro: a literatura guineense e a narração da nação**. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. 387 p. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/100450614/o-desafio-do-escombro-moema-augel-cap-4>. Acesso em: 11 nov 2022.

_____. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

AYOH'OMIDIRE, Félix. **Yorubanidade Mundializada: O reinado da oralitura em textos yorubá-nigerianos e afro-baianos contemporâneos**. 2005. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

_____. **Yorubaianidade: Oralitura e matriz epistêmica nagô na construção de uma identidade afro-cultural nas Américas**. 1. ed. Salvador: Editora Segundo Selo, 2020.

APUSIGAH, Agnes Atia. **“Is Gender Yet Another Colonial Project? A critique of Oyeronke Oyèwùmí’s proposal”**. *Quest: An African Journal of Philosophy*, XX, 1-2: 23-44, 2006.

AMADIUME, Ifi. (1997), **Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture** Londres, Zed Books, 1997.

_____. **Male Daughters, Female Husbands: Gender and Sex in an African Society** Londres, Zed Books, 2015.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

_____. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução: Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena. São Paulo, 2003.

BALDÉ, Adulai. **As Orações de Mansata: Cenas da Sociedade Guineense**. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26710/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Adulai.pdf>. Acesso em: 18 mai 2020.

BALDÉ, Adulai; RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. **Questionamentos para Abdulai Sila**. Entrevista feita em Salvador, Bahia, 10 de janeiro de 2021, via e-mail, 14p.

BARROS, Miguel de. **Percepções sobre a intimidade e o corpo feminino na literatura poética da Guiné-Bissau**. Buala, 2013. Disponível em:
<https://www.buala.org/pt/corpo/percecoes-sobre-a-intimidade-e-o-corpo-feminino-na-literatura-poetica-da-guine-bissau>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BATSÏKAMA, Patrício. **Leitura antropológica sobre Angolanidade**. *Sankofa*, v. 6, n. 11, São Paulo, 2013, p. 51-70.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSA, Joaquim. **Literatura da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história**. Margarida Calefate Ribeiro e Odete Costa Semedo (org.). Porto, 2011.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BISPO, Erica Cristina. A tragédia em Abdulai Sila. In: **A Revista Contexto: Dossiê Narrativa Contemporânea nos Países Africanos de Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/issue/view/501>. Acesso em: 12 abr 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CÁ, Virgínia José Baptista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**. 2015. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CABAÇO, José Luís. Uma voz amanhecida. In: CAVACAS, Fernanda; CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (org.). **Mia Couto: um convite à diferença**. São Paulo: Humanitas, 2013.

CABRAL, Amílcar. A arma da teoria. In: MANUAL, Jones; FAZZIO, Gabriel Landi (orgs.). **Revolução africana: Uma antologia do pensamento marxista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

_____. **Cabo Verde: Reflexões e Mensagens**. Praia: Fundação Amílcar Cabral, 2015.

_____. **Guiné-Bissau, nação africana forjada na luta**. Lisboa: Nova Aurora, 1974.

_____. **Cabo Verde: Reflexões e Mensagens**. Praia: Fundação Amílcar Cabral, 2015.

_____. Unidade e Luta I. In: **A Arma da Teoria**. Textos coordenados por Mário Pinto de Andrade. Lisboa: Seara Nova, 1978.

CASTIANO, José P. **Referências de Filosofia africana**. Em busca da intersubjectivação. Maputo: Ndjira, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. **Discourse on Colonialism**. New York: Monthly Review Press, 1972.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas, literatura e nacionalidade**. Lisboa: Vega, 1994.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

_____. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **O alegre canto da perdiz**. 2ª ed. Maputo: Ndjira, 2010.

_____; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu: o curandeiro e o novo testamento**. 2ª ed. Maputo: Matiko Editora, 2015.

_____. **O sétimo juramento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995. Disponível em: http://lulfmilv/files/2020/Connell_Masculinities.pdf. Acesso em: 28 mai 2023.

COUNTRYMETERS. População da Guiné-Bissau. In: **Relógio da população da Guiné-Bissau**. Disponível em: <https://countrymeters.info/pt/Guinea-Bissau>. Acesso em: 22 jul. 2022.

COUTO, Mia. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DOMINGUES, Maria Manuela Abreu Borges. **Estratégias femininas entre as badeiras de Bissau**. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural e Social). Universidade Nova de Lisboa F.C.S.H, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/14510935.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário de Conceição Evaristo. In: OLIVEIRA, Marinize; PEREIRA, Maurício M.S.P.; CARRASCOSA, Denise (Org.). **Cartografias da subalternidade: diálogos no eixo sul-sul**. Salvador: EDFBA, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro. Pallas, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução: Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. **Pele Negra: máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silva. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini-dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. **Escalas da identidade na literatura africana das independências: uma abordagem exploratória sobre nacionalismo, identidades sociais e produção cultural**. Tempo, v. 24, n. 1, 2018. p. 1-20.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

_____, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FU-KIAU, Kimbwandende kia Bunseki. **African Cosmology of the Bantu-Kongo: principles of life & living**. Nova Iorque: Athelia Henrietta Press, 2001.

GODINHO, P. Gomes; FURTADO, A. Cláudio. **Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico**. Mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero. Salvador: EDUFBA, 2017.

GOMES, Alexandra Godinho. **“As outras vozes”**: Percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau. Disponível em:

file:///C:/Users/Adulai/Downloads/1536-Texto%20do%20artigo-2597-1-10-20171003.pdf
 Acesso em:
 file:///C:/Users/Adulai/Downloads/VEREDAS%20Revista%20da%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Internacional%20de%20Lusitanistas.pdf.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

_____. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HAMILTON, Russell G. **Literatura africana, literatura necessária II**. Lisboa: Edições 70, 1983.

HAMILTON, R. G. **A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial**. Via Atlântica, 1999, 3, pp. 13-22.

KAJIBANGA, Victor. Notas sobre a “problemática” da filosofia africana. In: SERRA, Carlos. **O que é filosofia africana?** Cadernos de ciências sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2015. cap.1, p. 11-38.

_____. **Ideogramas de Ngandji: Ensaios de Literaturas e Paráfrases**. 2012.

_____. **Apologia de Kalitangi**: Ensaio e crítica. Luanda. Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1997.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOUDAWO, Fafali. Guiné-Bissau: o país da dupla transição. In: _____. **Cabo Verde e Guiné-Bissau**: da democracia revolucionária à democracia liberal. Bissau: INEP, 2001, p. 129-151.

LEWIS, Desiree. “**African feminisms**”. Agenda: Empowering women for gender equity, 16, 50: 4-10, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i387230>. Acesso em 17/05/2023.

_____. Desiree. “**Discursive Challenges for African Feminisms**”. Quest: An African Journal of Philosophy, XX, 1-2: 77-96, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237455457_Discursive_Challenges_for_African_Feminism. Acesso em: 17/05/2023.

LEITE, Joaquim Eduardo Bessa da Costa. **A Literatura Guineense**: Contribuição para a identidade da nação. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Lisboa. 2014. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/26316/1/A%20Literatura%20Guineense.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

LOPES, Carlos. **A transição histórica na Guiné-Bissau: do movimento de libertação nacional ao Estado**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1987.

_____. **Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

_____. Prefácio de Eterna Paixão. In: **Mistida** (Trilogia). 2002, p. 177.

_____. Pirâmide Invertida. **Actas do 5º Colóquio Construção e o Ensino de História da África**. Lisboa: Linopazas, 1995. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09708.018#!8>. Acesso em: 16 set. 2022.

MAMA, Amina. “Sheroes and Villains: Conceptualizing Colonial and Contemporary Violence Against Women in Africa”. In: ALEXANDER, Jacqui; MOHANTY, Chandra Talpade. **Feminist Genealogies, Colonial Legacies, Democratic Futures**. New York: Routledge, 1997. p. 46-62.

_____. “**Demythologising Gender in Development: Feminist Studies in African Contexts**”. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1759-5436.2004.tb00165.x>. Acesso em: 21/05/2023.

_____. “**What does it mean to do feminist research in African contexts?**”. *Feminist Review*, 98, 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/fr.2011.22>. Acesso em: 21/05/2023.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. In: **Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 1, p. 27-42, 2014.

_____. **A Crítica Literária Africana e a Teoria Pós-colonial: Um modismo ou uma exigência?** In: O MARRARE - Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ. Disponível em: www.omarrare.uerj.br/numero8/inocencia.htm. Acesso em: 26/05/2023.

PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Edições Colibri, 2007.

_____. **A Crítica Literária Africana e a Teoria Pós-colonial: Um modismo ou uma exigência?** In: **O MARRARE** - Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ. nº 8, 2008, p. 1-15. Disponível em: www.omarrare.uerj.br/numero8/inocencia.htm. Acesso em: 12 ago 2022.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. In: **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 23, n. 1, p. 171–209, 2001.

_____. **Necropolítica**. Tradução: Renata Santini. São Paulo, 2ª edição, 2018.

_____. **Crítica da razão negra**. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

_____. Sair da grande noite. In: **Ensaio sobre a África descolonizada**. Tradução: Narrativa traçada. Luanda: Edições Mulemba, 2013.

_____. **Políticas da Inimizade**. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017, 250p.

M'BOKOLO, E. **África Negra: história e civilizações**. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Tradução: Manuel Resende. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

MOMPLÈ, Lilia. In: MARTINHO, Ana Maria. **A mulher escritora em África e na América Latina**. Évora: Editorial Num, 1999.

MONTEIRO, Manuel Rui. Da escrita à fala. In: **Congresso Internacional de Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas**, 1, 2005, Coimbra. Coimbra: Almedina, 2005. Disponível em: <http://ww92.acesoriosparablogs.com.br/?ref=http://ricardoriso.blogspot.com/2007/10/eu-e-o-outro-o-invasor-ou-em-poucas-trs.htm>. Acesso em: 02 jun. 2020.

_____. Eu e o Outro - o invasor ou em três poucas linhas uma maneira de pensar o texto. In: **Encontro Perfil da Literatura Negra**, São Paulo: Centro Cultural, 1985. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nne1esn>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MOREIRA, Joacine Katar. “Cultura de matchundadi” na Guiné-Bissau não é modelo da democracia. In: **MUNDO LUSÍADA**, 20 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.mundolusiada.com.br/cplp/cultura-de-matchundadi-na-guine-bissau-nao-e-modelo-da-democracia/>. Acesso em: 02 set. 2022.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A Invenção da África: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento**. Tradução: Ana Medeiros. Luanda: Edições Pedagogo, 2013.

MARTINS, Leda. Oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Brasil afro-brasileiro**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria**. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 07 ago. 2022.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. In: **Revista da ABPN**. v.3, 2011. p. 147-150. Disponível em: www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/207/155. Acesso em: 17 jan. 2022.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Udju ku Odja, Ma boka ku papia: por uma fortuna crítica brasileira da literatura guineense. In: SEMEDO, Odete Costa; RIBEIRO, Margarida Calafate (org.). **Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história**. Guiné-Bissau: Afrontamento, 2011, p. 143-155.

_____. De stórias, passadas, socias e contági: diálogos entre oralidade e escritura nas literaturas da Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. 2012, p. 378. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira (org.). **África: dinâmicas culturais e literaturas**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: **CODESRIAGender Series**. Tradução: Juliana Araújo Lopes. v. 1, 2004, p. 1-10. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero._os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf. Acesso em: jul. 2020.

_____. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (ed.). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%C4%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

_____. **The invention of women: making an African sense of western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

_____. **The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1997.

_____. “Introduction: Feminism, Sisterhood, and Other Foreign Relations”, in O. Oyèwùmí (org), **African Women & Feminism: Reflecting on the Politics of Sisterhood**, Trenton, Africa World Press, 2003a.

_____. “The White Woman’s Burden: African Women in Western Feminist Discourses”, in O. Oyèwùmí (org.), **African Women & Feminism: Reflecting on the Politics of Sisterhood**, Trenton, Africa World Press, 2003b.

OSSOME, Lyn. **Gender, Ethnicity, and Violence in Kenya’s Transitions to Democracy**. Lanham, Lexington Books, 2018.

_____. “African Feminism”, in R. Rabaka (org), **Routledge Handbook of Pan-Africanism**, Londres, Routledge, 2020.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista de estudos históricos**. v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/Adulai/Downloads/Quijano%20Colonialidade%20do%20poder.pdf>. Acesso em: 27 mai 2023.

RAMOSE, Mogobe B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. In: **Ensaio Filosóficos**. v. 4, 2011, p. 6-23.

_____. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66.
Tradução: Arnaldo Vasconcellos. Disponível em:
<https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/texto16.pdf>. Acesso: 17 jan 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala: Feminismos Plurais**. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Margarida Calefate; SEMEDO, Odete. **Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos das histórias**. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Representações do intelectual**. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza (org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Do pós-moderno ao pós-colonial**. Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, de 16 a 18 de setembro de 2004.

SANTOS, José Henrique de Freitas; RISO, Ricardo. **Afro-Rizomas na Diáspora Negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira**. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013.

Disponível em:
https://www.academia.edu/25068045/Afro_rizomas_na_di%C3%A1spora_negra_as_literaturas_africanas_na_encruzilhada_brasileira. Acesso em: 05 jan. 2021.

_____. **O arco e a arkhé: ensaios sobre literatura e cultura**. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

SANTOS, Sara Isabel Palma. **O papel das mulheres nos processos de (re)construção da paz. O caso da Guiné-Bissau**. Évora: 2014. Disponível em:
<http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/12989/1/Disserta%2b%C2%BA%2b%C3%BAo%20-%20Sara%20Santos.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2022.

SARR, Felwine. **Afrotopia**. Tradução: Sebastião de Nascimento. 1 ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

SCHWARZ, José Carlos. **Mindjeris di Pano Preto**. 1970. Disponível em:
<https://lyricstranslate.com/pt-br/jos%C3%A9-carlos-schwarz-mindjeris-di-pano-preto-lyrics.html>. Acesso em: 26 mai 2023.

SEMEDO, Odete Costa. A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote. In: **Djênia: histórias e passadas que ouvi contar II**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 2000.

_____. **Sonéá: histórias e passadas que ouvi contar I**. Bissau: INEP, 2000. p. 56-105.

_____. **As Mandjuandadi**: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, 451f. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SemedoMO_1.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

_____. **Entre o ser e o amar**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

_____. **No Fundo do Canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

_____. **Entrevista concedida ao portal Guiné-Bissau Sempre**. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/guinebissausempre2019/videos/1405423999616625>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Sérgio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. In: **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, n. 1, 2006, p. 118-131.

SILA, Abdulai. **Memórias SOMânticas**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 2016.

_____. **Mistida (Trilogia)**. Mindelo: Centro Cultural Português, 2002.

_____. **A Última Tragédia**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1995.

_____. **“Deih”**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 2022.

_____. “Entre os cidadãos comuns a CPLP, honestamente, não existe”. In: **Ponto final**. 2017. [Entrevista concedida a] Marco Carvalho. Disponível em: <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2017/03/18/entre-os-cidadaos-comuns-a-cplp-honestamente-nao-existe/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

_____. “Ninguém pode amar o que não conhece”. [Entrevista concedida a] Fundação Fé e Cooperação - FEC. **FEC**. 2017. Disponível em: <https://www.fecong.org/2017/12/21/ninguem-pode-amar-o-que-nao-conhece-entrevista-ao-escritor-guineense-abdulai-sila/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

_____. Abdulai Sila, engenheiro das palavras. **RPTensina**, 2014. Grandes Africanos. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/abdulai-sila/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

_____. Abdulai Silá, o escritor guineense que quer pintar um país “que pode vir a ser”. [Entrevista concedida a] SapoMag. **SapoMag**. 2017. Disponível em: <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/abdulai-sila-o-escritor-guineense-que-quer-pintar-um-pais-que-pode-uir-a-ser>. Acesso em: 11 jul. 2020.

_____. Entrevista ao escritor guineense Abdulai Silá. [Entrevista concedida a] **Baía da Lusofonia**. 2017. Disponível em: <http://baiadalusofonia.blogspot.com/2017/03/macau-entrevista-ao-escritor-guineense.html>. Acesso em: 18 jul. 2020.

_____. O livro como arma. [Entrevista concedida a] Érica Cristina Bispo. **O Marrare**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 13, 2010. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero13/erica.html>. Acesso em: 19 jan. 2013.

_____. Por dentro da África ‘O escritor transmite a ideia de um amanhã melhor’, diz o guineense Abdulai Sila. [Entrevista concedida a] Viríginia Yunes. **Por dentro da África**, 22 nov. 2020. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/noticias/o-escritor-transmite-a-ideia-de-um-amanha-melhor-diz-o-guineense-abdulai-sila>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SANTANA, Suely Santos. **Narrativas da Guiné-Bissau**: a nação na “trilogia”romanesca de Abdulai Sila. Série Teses e Dissertações, V.3, Eduneb, Salvador, 2014.

STEIN, Cirineu Cecote. **Dicionário bilíngue Português – Crioulo de Guiné-Bissau**. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/705/941/8096-1?inline=1>. Acesso em: 02 set. 2022.

VALANDRO, Letícia. Memória e construção da nação guineense. In: **Veredas Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, v. 14, Santiago de Compostela, 2010, p. 33-56. Disponível em: <file:///C:/Users/Adulai/Downloads/VEREDAS%20Revista%20da%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Internacional%20de%20Lusitanistas.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

GLOSSÁRIO

Baloba – local de culto religioso; terreiro

Budera – vendedora ou comerciante

Bantabá – local onde várias pessoas se encontram para conversar e fazer reuniões nas comunidades tradicionais na Guiné-Bissau

Buró – antigo nome da sede de PAIGC em Conacri

CPLP – comunidade dos países de língua portuguesa

Cedeao – comunidade económica dos estados da África Ocidental

Couro – cargo; posição

Cipaio – agentes terceirizados com funções de informar e proteger os negócios dos colonos

Djumbai – Convívio, serão, conversa, cavaqueiro.

Djambakus – curandeiro; vidente

Djanbadon – Manifestação cultural caracterizada pela dança, canção e liberdade de expressão corporal

Djanfa – traição

Djidius – músicos/artistas tradicionais e detentores de uma sabedoria invejável.

Fanado – cerimónia tradicional de circuncisão e iniciação

Firjidjas – Pilares ou forças que nos guia

Fidjus de tchon – filhos da terra

Guiné mindjor e justo – Uma Guiné melhor e justa

Gandal e djokerendan – sabedoria na língua fula da Guiné-Bissau e União faz a força ou respeito e solidariedade

Kankuran – máscara ou espírito guardião do fanado

Katanderas – iniciantes do terreiro da etnia papel na Guiné-Bissau

Kin ku mas djiru ou kin ku mas te ne tchiu – quem é mais inteligente ou quem tem mais recursos financeiros

Kiki di tchon tene balur – dar importância às coisas da terra

Malgós – amarga; tabu; sagrado

Manberet – água em que se coze o arroz; espécie de papa

Mandjuandade – convívio entre as mulheres; com participação de alguns homens às vezes

Marabú – discípulo da escola corânica

Meker – intriga

Muro – Videntes, geralmente são das etnias muçulmanas (marabu)

Mistidas - Significa necessidade ou vontade de fazer ou resolver uma necessidade

Morança – conjunto habitacional onde costuma residir a maioria das pessoas de uma geração familiar

Nhegher – conspiração

Os mais velhos diziam que bom konbersa ki ta tisi kon matchu kasa - Os mais velhos diziam que é com uma boa conversa ou negociação que trazemos o inimigo para base

PALOP – países africanos de língua oficial portuguesa

Sabadoro – peça de vestuário de homem, espécie de camisa muito comprida

Tabancas – vilas ou aldeias

Tafal-tafal – malandragem ou jogo sujo

Talibé – discípulo da escola corânica

Yran - Divindade adorada pelos fiéis das religiões de matrizes tradicionais

APÊNDICE A - QUESTIONAMENTOS PARA ABDULAI SILA

De: Adulai Baldé e Maria de Fátima Maia Ribeiro

Salvador-Bahia, 10 de janeiro de 2021.

Bloco - 1

1. Quem é Abdulai Sila?

Vou servir-me de uma afirmação de Amílcar Cabral: Sou um simples africano que quer viver a sua época e pagar a dívida que tem com o seu povo.

2. Quando começou a escrever e o que te motiva a continuar a escrever?

A minha primeira aventura no domínio da ficção literária ocorreu quando era estudante de engenharia, em 1983. Antes disso tinha escrito muita coisa avulsa, incluindo um diário.

3. Tem alguma coisa que marcou a sua infância?

Duas coisas antagônicas marcaram de uma forma especial a minha infância: o amor e o carinho que sempre tive dos meus pais; a violência e o sofrimento associados à guerra pela independência.

4. Como era a relação com seus pais? Pode falar um pouco deles?

Os meus pais foram pessoas especiais, que me educaram e cuidaram de mim sempre com muito afeto. Apesar das limitações materiais e financeiras, deram-me tudo o que precisei. Ainda hoje continuam a ser fonte de inspiração para mim.

5. Eles te chamavam de algum nome especial que nunca veio ao público?

Acho que não.

6. Parece que teus pais são muçulmanos pelo nome e apelido. Mas nos teus textos nota-se que, você assume diferentes correntes religiosas sem fazer a demarcação do pertencimento a nenhuma delas. Isso tem uma explicação?

Entre os seis e os onze anos freqüentei duas escolas religiosas em simultâneo: uma, corânica, onde aprendi o Alcorão, e a outra, missionária católica, que me ensinou a religião católica. Filho de pais muçulmanos praticantes, era óbvio que fosse muçulmano. No entanto, como na escola corânica só se ensinava a religião e pouco mais, tive que freqüentar uma escola ‘oficial’. Ora, em Catió, durante todo o período colonial, só havia duas dessas escolas: uma para os filhos dos funcionários coloniais, dos comerciantes e dos que eram considerados ‘assimilados’; e uma segunda, construída e gerida por padres italianos, que recebia o ‘resto’. Foi esta escola a minha única opção. Tínhamos sessões de catequese quase todos os dias nos primeiros anos e missa aos domingos.

7. De onde surgiu essa paixão pela engenharia e literatura?

A minha paixão pela engenharia é uma longa estória e tem as suas raízes em traumas vividos durante o colonialismo. Não acredito que haja espaço para contar tudo aqui. Quanto à literatura, o caso é mais simples e talvez menos dramático. Nasceu da necessidade de me comunicar com alguém, um irmão, que não estava... No começo escrevia para relatar o que acontecia no dia-a-dia e sobre os nossos planos comuns. Com o tempo fui fantasiando cada vez mais; já não era o relato do que acontecia, mas o que gostaria que acontecesse, a visão de um mundo que pouco ou nada tinha a ver com o que era a realidade vivida.

8. O senhor, como engenheiro eletrônico de carreira e engenheiro das letras também, o que almeja para a futura geração dos escritores e engenheiros?

Se é verdade que o escritor tem uma missão especial em todas as sociedades, na nossa ele tem responsabilidade acrescida. É que no processo de construção da nação guineense, dadas as suas especificidades, espera-se do escritor um contributo particular em domínios concretos, em tarefas sensíveis e inadiáveis, nomeadamente na descolonização das mentes, no fortalecimento da identidade nacional, na perpétua (re)construção de um imaginário coletivo, propulsor do senso de dignidade e de humanismo. O engenheiro é um artífice com aptidões especiais, que deve pôr toda a sua capacidade e criatividade ao serviço da sua comunidade e da nação, em prol da elevação contínua do nível de vida e do progresso, em todas as suas dimensões.

9. De que maneira a ciência contribui na construção das suas obras literárias e vice-versa?

Antes de mais, julgo necessário realçar algo que julgo fundamental: toda a obra literária tem como fundamento a criatividade artística, isto é, a capacidade de, do nada, inventar algo novo, criar idéias originais.

Esse é um dos condimentos da obra literária. Um outro condimento indispensável à valorização da obra é a técnica de narrar, que conforme o gênero literário tem exigências próprias.

Embora sendo ambos condimentos sujeitos a um certo ‘evolucionismo’, o primeiro é todavia mais peculiar ao indivíduo, algo privativo, o que o torna conseqüentemente menos vulnerável a certas dinâmicas induzidas pelo aumento do conhecimento, pela ciência, portanto.

A ciência, ou se quisermos ser mais precisos a tecnologia (que por definição é a aplicação do conhecimento derivado da ciência em ações/soluções concretas) facilita sobremaneira a produção (e em certos aspetos a produtividade) literária. O uso de computadores é disso um exemplo concreto. Acho que nunca foi tão fácil escrever, aperfeiçoar, editar e divulgar obras literárias.

Por outro lado, é preciso não perder nunca de vista a terceira face da moeda, ou seja, o fato de que toda a produção literária – qualquer que seja a sua forma – tem (do ponto de vista social, filosófico, ideológico, etc.) sempre uma finalidade específica: tornar o ser humano mais culto, mais tolerante, mais solidário. E nisso a tecnologia deve servir para aproximar o autor do leitor, formando uma comunidade de interesses, cujo expoente máximo é o apurar do senso de humanismo.

Pelo acima exposto, pode-se facilmente concluir que das três vertentes consideradas há as que a ciência pode exercer alguma influência e outras em que a sua ‘interferência’ é praticamente nula.

10. Como vê a história do nosso povo sendo contada atualmente?

A historiografia sempre obedeceu a critérios mais ou menos universais: mesmo havendo várias versões, a que tende a predominar é a do mais forte, a da elite detentora do poder político. Mas se essa história se limita a narrar o que aconteceu, sempre na perspectiva dos poderosos, há uma outra história que, paulatinamente, tem vindo a ganhar corpo. Trata-se da narrativa daquilo que, não tendo acontecido (e não é narrado nos manuais

de História), podia ter acontecido. É a História dita integral, aquela que vai até à raiz dos acontecimentos, que narra a vivência de todas as camadas da sociedade, que revela os sonhos, ambições, frustrações de todos, em cada momento. Essa história só pode ser lida na nossa literatura.

11. Como é ser escritor num país onde pouco se lê, e quais as alternativas para um escritor?

Ser escritor é abraçar uma causa, embarcar numa missão, independentemente dos constrangimentos ou dificuldades. Portanto, mesmo sendo baixo o número de potenciais leitores, como é o nosso caso, em que a taxa de iliteracia é uma vergonha, o escritor deve assumir o desafio e acrescentar um objetivo adicional ao seu leque de alvos a atingir: conquistar mais adeptos, mobilizando todos os concidadãos para esse grande debate intergeracional que só a literatura proporciona.

12. Escrever para quê?

Em última análise para fazer aquilo que Amílcar Cabral dizia: “Viver a sua época e pagar a sua dívida para com o seu povo”.

13. Qual é a sua concepção pela literatura?

Como disse antes, a literatura desempenha um papel fundamental no processo de construção da nação, na consolidação da identidade nacional, no fomento da harmonia, da paz e justiça social, etc. Como componente da nossa cultura, a literatura é sem dúvida uma das ‘firkidjas’ inalienáveis na nossa longa caminhada rumo ao desenvolvimento. (Trecho usado)

14. E como é que o senhor se sente sendo o escritor mais lido na Guiné-Bissau?

Com responsabilidade acrescida e vontade de escrever ainda mais e bem melhor.

15. Como é que o senhor vê a produção literária bissau-guineense nos dias de hoje?

A literatura guineense está a dar passos lentos, mas significativos. Se há uma coisa que se conseguiu nesses últimos anos é esta: quebrar o mito de que o livro é algo reservado a certas elites. Parecendo que não, essa mudança de perspectiva está a ter um impacto considerável. Agora há jovens que conseguem publicar os seus primeiros trabalhos em relativamente pouco tempo, cidadãos seniores que se sentem motivados a divulgar os

seus escritos, em alguns casos engavetados há anos. Como editor sei quanta gente quer publicar, em muitos casos a própria biografia. Isso é encorajador e revela, mais do que qualquer outro dado, o que se pode esperar dos próximos tempos. É evidente que tudo seria mais fácil e dinâmico se houve algum apoio da parte de quem compete (e é pago para isso) proporcionar um ambiente mais favorável à edição de livros e promoção da nossa literatura.

Bloco - 2

16. Como ficou a relação entre sentir-se vazio pelos amigos que partiram, mas ter que apagar os horrores da guerra? Como lida com esta relação dentro de você?

Como me ensinou um mestre, a vida não é feita de processos lineares, nela há sempre altos e baixos. Isso significa basicamente duas coisas: por um lado, temos que ter a coragem de viver com certos acontecimentos, por mais horrorosos e perturbadores que sejam; por outro lado, sendo marcantes esses acontecimentos, há que ter a sabedoria de deles tirar lições de e para a vida, cultivar a capacidade de transformar as contrariedades em oportunidades. Não é fácil, mas não há outra saída...

17. Sua trajetória de vida é admirável. Em meio a uma família forte e uma guerra devastadora, construiu-se um escritor. De todas estas memórias, do que você mais sente saudades? E o que mais abomina e gostaria de não ter vivido ou acontecido?

A minha vida é cheia de acontecimentos memoráveis e de outros não o são de todo. Eu gostaria de não ter vivenciado nenhum cenário de guerra; gostaria de reviver o entusiasmo, a crença no advir, a sensação de liberdade que se viveu com o fim do colonialismo.

18. Como lidou com as memórias do passado durante a sua estadia na Alemanha?

Eu tinha vinte anos de idade e o meu país cinco anos de existência como Estado independente. Todas as atenções e energias estavam voltadas para o futuro...

19. Como o senhor pensou a construção da obra Memórias SOMânticas?

O enredo foi concebido como parte de uma trilogia, cuja primeira peça foi o romance ‘Mistida’, que foi publicado em 1997. Depois, logo no ano seguinte, ocorreu uma guerra civil que deitou quase todos os meus planos individuais abaixo. Particularmente afetados foram os meus projetos literários, tanto assim que só voltei a publicar quase dez anos depois, e uma peça de teatro, não o romance que estava programado. Esse só veio a ser editado quase vinte anos depois, com uma profunda revisão. A memória entretanto tinha ficado mais ‘pesada’, menos romântica.

20. A escolha dessa voz feminina em Memórias SOMânticas se deu por quê?

Uma forma de homenagear as mulheres desta terra e de outras partes de África, que permanentemente nos dão exemplos de coragem, esperança e amor. Mesmo nas situações mais difíceis são elas que geralmente mostram o caminho certo a seguir, dando provas de um patriotismo sem limites.

21. Como se deu a construção ou configuração de personagens femininas em Memórias SOMânticas? Pode nos falar um pouco sobre essa mulher?

É uma mulher que simboliza muitas outras. São pessoas que sempre estão na linha da frente, sem que no entanto os seus feitos sejam devidamente reconhecidos e valorizados. Há muitas heroínas em Africa, cuja história merece ser enaltecida e amplamente divulgada. A literatura tem que contribuir para isso, para essa segunda emancipação das nossas mulheres, para o reconhecimento do seu papel na construção de sociedades mais justas e harmoniosas.

22. O que o senhor considera relevante nesta obra?

Acho que a resposta a esta pergunta compete mais aos leitores e, eventualmente, aos críticos literários.

23. Quanto aos diálogos, são criados a partir dos relatos das vivências ou os compõe no momento em que o romance vai se fazendo?

As duas coisas. Eu convivi com muitas mulheres, cujas trajetórias de vida se assemelham à da protagonista. No entanto, é preciso reconhecer que há sempre alguma ficção num trabalho dessa natureza.

24. Você tem algo a me dizer em relação ao seu processo de construção? Há um modo próprio de escrita ou de releituras e rasuras, características suas que eu deveria saber, ou até mesmo códigos especiais, como uso de cores e imagens, sinalizações e outras ações?

Não sendo mais do que um aprendiz do ofício, e tendo, por motivos profissionais, relativamente pouco tempo para dedicar à literatura, a minha escrita tem que ser necessariamente simples. A construção é feita na base das observações diárias que faço, da interpretação subjetiva de acontecimentos e de fenômenos que ocorrem no cotidiano, dos sonhos, das frustrações de pessoas com quem convivo e, em alguns casos, das minhas próprias ambições, desejos e insucessos...

25. Em Memórias SOMânticas o senhor narra minuciosamente sobre o processo que resultou na independência da Guiné-Bissau. Pode nos falar um pouco das estratégias culturais de mobilização para essa luta?

Acho que Amílcar Cabral disse tudo sobre o processo quando afirmou que a luta de libertação é acima de tudo um ato e um factor de Cultura. Acho que o envolvimento massivo das populações, a valentia e o espírito de sacrifício demonstrados ao longo de onze longos anos da guerra pela independência se deveram ao fato do povo entender e assumir que os sentimentos de liberdade e de igualdade fazem parte da nossa Cultura.

26. Que tipo de experiência as marcas da guerra de libertação nacional produziu nas suas memórias como um dos sobreviventes?

Eu não vejo esta questão na perspectiva de sobrevivente, mas sim de vencedor. Eu tive o privilégio de assistir ao fim do jugo colonial e de, como parte do processo emancipatório, imaginar viver num país livre e independente como cidadão de pleno direito, condição que o colonialismo me recusava. As experiências de dominação e de exploração coloniais só podem servir para consolidar esse sonho de construir uma nação de paz e progresso, ambição que aliás consta no nosso hino nacional.

27. De que forma a divulgação de obras como Memórias SOMânticas pode contribuir para a diversificação de narrativas para o combate à predominância da visão eurocêntrica no nosso país?

O eurocentrismo é um subproduto do colonialismo, um efeito colateral, e como tal só pode ser combatido através daquilo que o escritor queniano Ngugi wa Thiong'o

descreveu como descolonização das mentes. É um processo sofisticado, extensivo e muitas vezes moroso, que pressupõe a afirmação de novos padrões, de novas mentalidades, de novas formas de ser e de estar em sociedade. Trata-se, em última instância, da construção de um novo, liberatório, descomplexado imaginário coletivo. E é justamente nesse ponto que a literatura pode desempenhar um papel fundamental.

28. Como o senhor consegue costurar nos teus livros o diálogo entre a literatura, teatro e cinema? E como vê essa relação?

Quer se reconheça isso publicamente ou não, quem cria ficção, seja ela sob a forma de literatura, teatro ou cinema, tem, entre vários outros, um objetivo particular: provocar alguma mudança, exercer alguma influência sobre o leitor ou espectador por forma a incitá-lo a interessar-se por certos assuntos, a aceitar ou rejeitar certos valores ou atitudes, a agir para atingir fins bem definidos. É ‘vender’ idéias, esperando que se transformem em ideais, ou seja, que haja alguém que se reveja na conduta, comportamento, sonhos e ambições dos protagonistas ao ponto de se sentir instigado a abraçar e, se possível, apropriar-se delas. No nosso contexto atual, todos os criadores de arte são chamados a contribuir para que a promessa de uma nação de paz e progresso seja concretizada o mais rápido possível.

29. De que forma(s) o cotidiano guineense ganha espaço nos seus livros?

Como disse antes, a matéria-prima para a minha criação literária advém daquilo que observo, vivencio no meu cotidiano. Assumir o compromisso de “viver a sua época e pagar a dívida que tem com o seu povo” implica explicitamente estar perto do ‘povo’, viver o seu cotidiano. É só assim que se consegue manter atualizado o saldo da dívida que se tem....

30. Pode falar um pouco sobre esse processo de trânsito, de estar fora do país natal, por diversas razões, como o senhor traz em Memórias SOMânticas?

Estar fora do país, no caso da personagem a que se refere, tem a ver com uma imposição das circunstâncias daquele momento histórico, não se tratando portanto de uma decisão voluntária. É por isso é que, ultrapassada a referida imposição, ocorreu o regresso a casa...

31. A obra Memórias SOMânticas traz no seu corpo uma emoção dramática muito forte sobre a consolidação do processo da memória e da aprendizagem. Poderia falar sobre a sua posição acerca da memória e da educação, nesta obra, como também em outras suas? E em sua opinião, qual é o papel dos anciãos nesse processo?

A questão da preservação da memória, ou seja, a decisão sobre aquilo que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, é um desafio muito atual. Numa das respostas anteriores falei da imperiosidade da descolonização das mentes. Sem uma adequada abordagem no tratamento da problemática da memória coletiva, sem uma política educacional acertada, não será possível uma verdadeira libertação, nem tampouco será bem-sucedido o desafio de construção de uma nação coesa e solidária. Numa sociedade caracterizada pela oralidade, os anciãos não são só os fiéis depositários da sabedoria popular, mas também guardiões dos bons hábitos e costumes. A literatura moderna deve, a meu ver, contribuir para a divulgação e valorização da referida sabedoria e da nossa tradição, que devem ser vistas e tratadas como condimentos fundamentais no reforço da identidade nacional e da coesão social.

Bloco - 3

32. No seu ponto de vista, até que ponto a literatura nacional seria o coroamento da expressão total do nosso mosaico cultural ou seria uma ruptura com os paradigmas ocidentais?

Acho que a nossa literatura, enquanto manifestação cultural, tem que ter suas características próprias, um espaço próprio no nosso mosaico cultural, um lugar que não fica nem acima nem abaixo das outras expressões artísticas. Tem que ser uma componente dinâmica da idiosincrasia guineense, o que significa que tem seus paradigmas próprios, nem ocidentais, nem orientais.

33. Passadas quatro décadas da conquista da independência, o que mudou na sociedade guineense?

Muita coisa mudou e vai continuar a mudar. Não acredito que possa fazer aqui uma lista exaustiva, mas como estamos a tratar de literatura, talvez faça sentido realçar algumas das mudanças importantes verificadas no período pós-independência nessa área específica. Há um 'boom' literário, que se manifesta no número de obras

publicadas, na existência de editoras locais, na redução da taxa de analfabetismo, na afirmação de jovens e talentosos escritores e por aí adiante... Como acontece em todo o mundo, a sociedade guineense aspira a desenvolvimento, em todos os domínios, e luta por ele individual e coletivamente. Os resultados podem não ser aquilo que seria legítimo esperar, talvez devido às altas expectativas criadas com a gloriosa luta pela independência mas, como se costuma dizer, o caminho faz-se caminhando.

34. Sendo conhecido como um “escritor de tchon”, tanto por ser biológico tanto por explorar temas ligados à *guinendade*, existe em suas obras um ar nacionalista e progressista, ao lado do tradicionalismo. Poderia falar sobre as relações entre esses termos, ou planos?

Eu não alinho com esses adjetivos, nem me preocupo com certas categorizações ou teorias desenvolvidas por certos críticos literários. A minha única ambição, se assim podemos dizer, é produzir algo que sirva para valorizar a nossa literatura, que contribua para o aprimoramento do imaginário coletivo e que vá ao encontro das expectativas no sentido de fortalecimento da identidade nacional e consolidação de valores tradicionais como a fraternidade, justiça social, solidariedade, etc.

34. Parece-me que Abdulai Sila é mais reconhecido fora do que no seu próprio país. Isso tem alguma explicação ou te motiva mais?

O reconhecimento de qualquer trabalho ou ato obedece a vários critérios e geralmente leva algum tempo. Eu faço o que faço sem pensar em nenhum tipo de reconhecimento ou recompensa, pelo que a minha motivação tem outras raízes.

35. Como tem visto a recepção de suas obras no Brasil? Imagino que o fato de os países terem sido de colonização portuguesa faz com que algumas questões abordadas em seus livros ecoem em leitores brasileiros. O que Abdulai Sila pensa disso?

Acho que existem valores históricos, culturais, sentimentais e outros que juntam africanos e brasileiros que estão acima da colonização portuguesa ou qualquer outra. Existe uma grande comunidade de brasileiros afro-descendentes com quem partilhamos a tragédia da escravidão, que marcou de forma indelével o destino de todos os africanos, estejam eles a viver em África ou na diáspora. Partilhamos também, hoje mais do que nunca, os mesmos sonhos de um mundo mais justo, sem preconceitos raciais, isento de todas as formas de discriminação e de exploração. Estes dois elementos – o passado de

sofrimento e o futuro de esplendor – fazem com que o desejo de reaproximação seja cada vez mais palpável. Agora, para que isso aconteça com a naturalidade e a urgência que se impõe, é preciso que se construam pontes, tarefa que cabe à literatura em primeiro lugar. E fato interessante é que a escritora Toni Morrison (entre muitos outros) estabeleceu o roteiro há um bom tempo: *“Cada membro da família em sua própria cela de consciência, cada um fazendo a sua colcha de retalhos da realidade – colectando fragmentos de experiência aqui, pedaços de informação ali. A partir das minúsculas impressões que compilavam uns dos outros, criaram uma sensação de fazer parte do lugar e tentaram se arranjar com o que viam um no outro”*.

36. O que te motiva a transportar o mosaico sociocultural guineense para a literatura de maneiras diferentes, carregadas de mitos e ritos entre o mundo natural e sobrenatural?

Não tenho nenhuma motivação especial. Procuo simplesmente aproveitar o melhor que posso o tesouro que é a nossa oralitura, na perspectiva de valorizar o que nela existe de mais belo e original.

37. Sabemos que o senhor é um dos maiores incentivadores culturais na Guiné-Bissau. Podemos esperar algo grandioso ainda para o próximo ano neste campo?

Não costumo anunciar as minhas iniciativas de antemão. Fi-lo uma vez e não me saí bem. O que posso dizer é que estou e estarei sempre empenhado na batalha em prol do engrandecimento da nossa cultura e literatura.

38. Guiné-Bissau é ainda um país para poucos no que diz respeito à igualdade e oportunidade. O senhor concorda?

O tratamento na base da igualdade de oportunidades é um direito e como todos os direitos tem que ser conquistado e consolidado. Os contextos mudam e com eles a percepção da igualdade, pelo que constitui uma ação de cidadania lutar para que todos os cidadãos sejam tratados sem discriminação, dando a todos, na base da equidade, as mesmas oportunidades. Reconheço que ainda temos um longo caminho a percorrer até que isso seja realidade.

39. E como é que um escritor que escreve para o povo guineense e africano lida com o problema do acesso aos livros em África?

Facilitar o acesso aos livros, tal como elevar o hábito de leitura, é um desafio premente que temos que encarar e vencer. Tem que haver políticas culturais e iniciativas concretas e abrangentes direcionados para esses objetivos específicos.

40. No contexto guineense e não só, ainda se confunde narrador com o autor. Não acha que os leitores podem considerar as experiências do seu livro como se fossem suas?

Teoricamente isso é possível, mas acho que o leitor comum tem habilitações suficientes para distinguir o que é meramente ficção do que é a realidade. Aliás, todo o leitor é livre de interpretar as histórias que lê segundo critérios próprios e aí não compete ao autor interferir.

41. O senhor concede o protagonismo de suas obras às mulheres. Esse seria um lugar de resistência que surgiu de forma intencional?

Na nossa sociedade as mulheres desempenharam sempre um papel de relevo, embora algumas vezes isso não seja devidamente valorizado e reconhecido. A literatura deve contribuir para que essa percepção errada seja corrigida.

42. O senhor é feminista?

Eu sou um cidadão que assume que todos os seus concidadãos têm os mesmos direitos e que devem beneficiar das mesmas oportunidades, independentemente do gênero.

43. Como é ser pai de três meninas?

É sentir-se abençoado!

44. Qual é o desafio, em sua opinião, para as mulheres garantirem os seus direitos hoje na Guiné-Bissau?

Como referi antes, direitos conquistam-se. E essas conquistas ocorrem em vários domínios, na Educação (no sentido lato do termo) em primeiro lugar.

45. As cotas que exigem a participação mínima de mulheres na política são necessárias?

Acho que num primeiro momento, sim, as cotas podem ter um efeito catalisador. Uma vez atingido um certo equilíbrio e quebrados certos tabus e preconceitos, muitos deles enraizados na tradição, as cotas acabam por se tornar supérfluas e desnecessárias.

46. O que achas sobre as práticas de machismo na Guiné-Bissau?

O machismo não é uma prática exclusiva nossa. Ele é resultado de um conjunto de fatores culturais e sociais comuns a várias nações, mas que agora estão perdendo cada dia mais espaço. É certo que ainda vai levar algum até desaparecerem, mas há que reconhecer que no nosso país e graças à participação das mulheres na guerra pela independência, muitos preconceitos já foram eliminados.

47. Qual é o lugar da mulher na sociedade guineense?

Só posso imaginar um, aquele em que tenha os mesmos direitos, deveres, responsabilidades e oportunidades que os homens.

48. Como Abdulai Sila se sente com a falta do ensino da literatura guineense nas nossas escolas?

É minha opinião que uma das maiores urgências no setor do ensino hoje em dia é a revisão do currículo escolar. Não é só a literatura que não tem o lugar que merece, é também o ensino das ditas ciências exatas, a educação cívica, para mencionar só esses dois. Tem que se velar por uma melhor educação dos nossos jovens e estudantes, para que sejam mais aptos e motivados a assumir o seu papel de sujeito da sua História.

49. Para finalizar, o que dizer para as novas gerações como uma pessoa que vivenciou vários acontecimentos na Guiné-Bissau?

Que, apesar dos falhanços e atrasos verificados, tenham fé na promessa registrada no nosso hino nacional em como “*nós vamos construir na pátria imortal a paz e o progresso*”.